

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Emílio de Meneses
Poesia



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Emílio de Meneses

Poesia

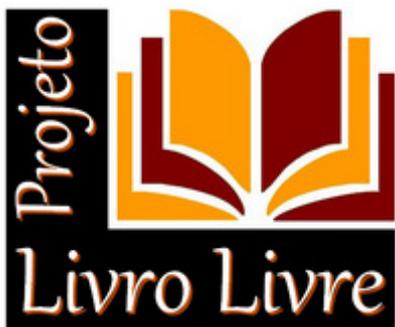
**Emílio Nunes Correia de Meneses
(1866 – 1918)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 254



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Emílio de Meneses: “*Poesia*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Emílio de Meneses, jornalista e poeta, nasceu em Curitiba, PR, em 4 de julho de 1866, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 6 de junho de 1918.

Filho de outro poeta, Emílio Nunes Correia de Menezes, e de Maria Emília Correia de Menezes, era o único filho homem na família, ao lado de oito irmãs. Fez como pôde os estudos primários e secundários no Paraná. Aos 14 anos começou a trabalhar na farmácia de um seu cunhado farmacêutico. Aos 18 anos mudou-se para o Rio de Janeiro, influenciado pelo movimento simbolista e levado por Rocha Pombo. Ainda em Curitiba distinguia-se pela originalidade de sua figura e dos seus hábitos, pela extravagância das maneiras e das roupas e pela singularidade da imaginação.

No Rio de Janeiro aproximou-se dos boêmios e jornalistas da época, entregando-se ele também ao jornalismo. O escritor e crítico do Simbolismo Nestor Vitor deu-lhe uma recomendação para trabalhar com o professor Coruja, um dos educadores mais conhecidos do Rio. Este abriu as portas do lar ao jovem provinciano. Um ano depois Emílio estava casado com uma das filhas do professor Coruja.

Obteve uma nomeação para Curitiba, como funcionário do Recenseamento federal. Finda a comissão, regressou ao Rio. Era a época do Encilhamento, e poucos resistiam à sedução de ganhar dinheiro fácil. Emílio arranhou algum capital, fez especulações na bolsa e em pouco tempo estava rico. Possuía carros de luxo e fez-se colecionador de objetos de arte. Mas os tempos eram de crise, e Emílio de novo empobreceu. Continuava, entretanto, a viver a vida despreocupada e solta dos botequins, na companhia de jornalistas e poetas. Tornou-se colaborador das colunas humorísticas dos jornais. O poeta esmerava-se na publicação de poesias satíricas e ferinas, sob vários pseudônimos: Neófito, Gaston d'Argy, Gabriel de Anúncio, Cyrano & Cia., Emílio Pronto da Silva.

Ao fundar-se a Academia Brasileira de Letras, em 1897, ele teria sido também um dos fundadores, mas havia preconceitos contra a sua maneira boêmia de viver. Entretanto, foi eleito para a instituição em 15 de agosto de 1914, sucedendo a Salvador de Mendonça. Deveria ser saudado por Luís Murat. Emílio compôs um discurso de posse, em que revelava nada compreender de Salvador de Medonça, nem na expressão da atuação política e diplomática, nem na superioridade de sua realização intelectual de poeta, ficcionista e crítico. Além disso, continha trechos argüidos, pela Mesa da Academia, de "aberrantes das praxes acadêmicas". A Mesa não permitiu a leitura do discurso e o sujeitou a algumas emendas. Emílio protelou o quanto pôde aceitar essas emendas, e

quando faleceu, quatro anos depois de ter sido eleito, ainda não havia tomado posse de sua cadeira.

Além das obras publicadas, deixou copiosíssimo anedotário, quase todo disperso, pouca coisa tendo se reunido em volume, ao que se junta a crônica da cidade no tempo em que Emílio e seus companheiros de boêmia viveram e esbanjaram o melhor de seu talento.

Academia Brasileira de Letras
Março, 2014

ÍNDICE

SÍMBOLOS	1
Os três olhares de Maria	
Noite de insônia	
Supremo apelo	
Única	
No álbum da Rainha D. Amélia	
Vinte anos depois...	
O poeta Deus	
Jeová e Jesus	
Bendito cativo	
Contraste	
Águia e Verme	
POEMAS DA MORTE	8
Dedicatória	
Germinal	
Marcha fúnebre	
Pórtico	
Olhos funéreos	
No Gólgota	
Funeral de um lírio	
Campo Santo	
Sobre a Morte de José do Patrocínio	
VERSOS ANTIGOS	19
Gota d'água	
Matina	
Vida Nova	
O Peixe	
As sereias	
A chegada	
Sem título	
Da minha janela	
<i>Flava Dea</i>	
Soneto mitológico	
Catecúmeno	
Retorno	
O rio guerreiro	
Salto do Guaíra	
Trapo	
<i>Dies Irae</i>	

ÚLTIMAS RIMAS 32

Tarde na Praia
A Morte da Torre
Envelhecendo
Antero
Flor Lutuosa
Non Ducor Duco
À Senhora Antonieta Rudge Miller
Eterno Símbolo
Melancolia
Pinheiro Morto
Vitória-Régia
A Roma
Girassol
Hibiscus Mutabilis
Resposta a Olavo Bilac
Nau Abandonada
A Alberto Nepomuceno
Ao "Paraíba"
A Dúvida
Na Morte de Joaquim Nabuco
No Lago de Genesaré
No Aniversário de José Pires Brandão
Sob um Retrato
Sol de Outono
A Uma Senhora
Alma Tediosa
Na Glorificação de Olavo Bilac
A Um Pai
A Um Possesso
Sobre o Túmulo de Uma Mãe
Tédio Hibernar
No Festival a Luiz Pereira Barreto
Poeta
Numa Lápide
Na Última Página de Um Álbum
Nossa Velhice
Velho Tema, Novo Tema
Uma Carta
O Corvo (Edgar Poe)

MORTALHAS 32

ESPARSOS E INÉDITOS: POESIA LÍRICA.....	99
ESPARSOS E INÉDITOS: POESIA SATÍRICA E VERSOS DE CIRCUNSTÂNCIA .	112

SÍMBOLOS

A ARTUR BOMILCAR

OS TRÊS OLHARES DE MARIA

I - A Anunciação

Entre gente modesta, a existência prosaica,
Longe do grande luxo e vivendo distante
Do fausto babilônio e da pompa caldaica,
Sem nada a lhe turvar o angélico semblante;

Diz uma tradição de santa lenda arcaica
— Cuja veracidade a Escritura garante —
Floresce a melhor flor da família judaica
Como um lótus ideal de aroma penetrante.

Vive calma e feliz. Todo o seu bem resume
Em ter, pelo seu Deus e seu supremo guia,
Tudo o que a dor lhe acalme e os sonhos lhe perfume.

"Mãe do Senhor serás" — o arcanjo lhe anuncia
E Ela acende no olhar do espanto o estranho lume! —
Era o primeiro olhar dos olhos de Maria!... —

II - A Paixão

Messias anunciado e do Céu predileto!
Tu que és Filho de Deus e Rei do mundo todo.
Filho da minha crença e meu primeiro afeto,
Sofres dos maus, assim, o repelente apodo?

Tens o Teu coração de bondade repleto
De perdões e de fé, de audácias e denodo;
E eu vejo assim na terra, o Teu divino aspecto
Maculado de sangue e coberto de lodo!...

Será possível, Deus! Pai da suprema graça!
Que assim deixes passar pela dura agonia
Porque Meu Filho, o Teu, por entre os homens passa!?...

E nisto, a Virgem- mãe, cujo olhar irradia,

Tem nos olhos a dor e a dúvida a traspassa!...
— Era o segundo olhar dos olhos de Maria!... —

III - A Ascensão

Sinto- te, enfim, Senhor! Sei quem és Tu, meu Filho
Que de Teu Pai trouxeste aos algozes da terra,
O roteiro que mostra o verdadeiro trilho
Que vai de bosque em bosque e vai de serra em serra.

Agora sinto, enfim, que todo o estranho brilho
Que nos meus olhos vê e nos Teus olhos erra,
No humano coração não encontra empecilho,
Todo o rancor acalma e acalma toda a guerra!

É assim que a Virgem- mãe, entre preces, murmura
Vendo, entre nuvens de ouro e rara pedraria
A ascensão de Jesus para a infinita altura!...

Que era o filho de Deus, tudo lhe ali dizia...
E em seus olhos brilhava a suprema ventura!...
— Era o terceiro olhar dos olhos de Maria!...

NOITE DE INSÔNIA

Este leito que é o meu, que é o teu, que é o nosso leito,
Onde este grande amor floruiu, sincero e justo,
E unimos, ambos nós, o peito contra o peito,
Ambos cheios de anelo e ambos cheios de susto;

Este leito que aí está revolto assim, desfeito,
Onde humilde beijei teus pés, as mãos, o busto,
Na ausência do teu corpo a que ele estava afeito,
Mudou-se, para mim, num leito de Procusto!...

Louco e só! Desvairado! — A noite vai sem termo
E, estendendo, lá fora, as sombras augurais,
Envolve a Natureza e penetra o meu ermo.

E mal julgas talvez, quando, acaso, te vais,
Quanto me punge e corta o coração enfermo,
Este horrível temor de que não voltes mais!...

SUPREMO APELO

Por que causas, de ti, foge a antiga ventura
E toda, em ti, se embebe a alma, em fel e vinagre?
Certo, uma grande dor te fere e te tortura!
— Mas tão grande, que a grande alma assim te conflagre?

Tanto Sol! Tanta Luz! E esta treva perdura!
— De um espírito mau, diabólico milagre —
Mas olha! Volta à Luz! Volta ao Sol que fulgura
Nos Poemas que te eu dê, no Amor que te eu consagre!

Vem beber no meu verso a fortaleza e a vida!...
Vê tu quanto poder num hemistíquio impera,
E o vigor que há na rima — arma nunca excedida!...

Vem, que ao fim da jornada, a glória nos espera!
Vamos! — a galopar, — em fora! a toda a brida,
Na esplanada genial do sonho e da quimera!

ÚNICA

Fruto efêmero e hostil de um efêmero gozo,
Esta vida que arrasto, efêmera e improfícua,
Sinto- a embalde, e, debalde, entre pasmado e ansioso,
Sondo- a, palpo- a, examino- a, estudo- a, verifico- a.

E tudo quanto empreende o espírito curioso,
E tudo quanto apreende a análise perspicua,
É o falso, é o vão, é o nulo, é o mau, é o pernicioso,
Por menos que a razão seja perversa ou iníqua.

Logo, por que pensar? Logo, por que no Sonho
Não havemos deixar correr a vida fátua,
Obrigando o Destino a ser calmo e risonho?

Por que só não amar: É culpa? Eis- me: resgato- a
Agora que a teus pés todo o meu ser deponho,
Como um vil pedestal à tua excelsa estátua!...

NO ÁLBUM DA RAINHA D. AMÉLIA

Favor nenhum Vos fez em dar um Reino a sina,
Pois que bastava em Vós, haver a essência humana
Tomado qual tomou, da graça feminina,
A forma modelar que à própria Arte se irmana.

Quem liga à Formosura, a Bondade divina
No eflúvio angelical que só de Vós promana,
Não precisa reinar porque as Almas domina;
— Senhora ou não de um trono, é sempre a Soberana!

Carinhosa Verdade aqui não nos é estranha,
Qual que, em Vós, a Mulher da Santa se avizinha,
Tal em tudo fulgura a auréola que A acompanha!

Vinde, Senhora! E aqui, na livre pátria minha,
De homens livres vereis, com que glória tamanha,
Todos o orgulho têm de Vos sentir Rainha!

VINTE ANOS DEPOIS...

"Feia — tu me disseste — o teu amor de outrora,
— Resíduo de mulher, arcabouço de um sonho,
Escrava de um burguês presumido e enfadonho,
Feia e velha mal vive a morrer de hora em hora!"

E tu, poeta querido, a cuja alma sonora,
Sempre, em meu culto de arte, as estrofes deponho,
Mergulhaste ao falar- me este meu ser tristonho,
Numa recordação que me embevece agora!

Vejo-lhe a alma infantil de há vinte anos!
Revejo Tudo que houve entre nós nessa manhã de Maio
Que só fez perpetuar o insaciado desejo!

Toda a vida a passar mais rápida que o raio,
Ao néctar virginal do seu primeiro beijo,
Na volúpia imortal do primeiro desmaio!...

O POETA DEUS

Quando a terra volver, de novo, ao caos que a espera,
A imensa escuridão da treva indefinida;
Quando tudo que é som, que é luz, que é primavera,
Mundo e negro fizer a eterna despedida;

Quando não mais houver, no espaço, uma só esfera,
Nem, na amplidão vazia, uma só luz perdida;
Quando, sem água o mar, sem calor a cratera,
Em nada mais houver um vestígio de vida;

Hás de ver ao compor as estrofes de um hino,
A Vida ressurgir ao sopro do teu Verso,
Ao fecundo clangor do teu Alexandrino!...

Pois tens, Poeta Supremo! em tua essência imerso,
Dos Deuses, Deus também, todo o poder divino,
De fazer reviver, no Nada, outro Universo!

JEOVÁ E JESUS

Jeová que, terra ou céu, todo o universo tinha
E lhe indicava o rumo e lhe traçava o norte,
Era, segundo a crença, uma força daninha
Que espalhava o Castigo, a Fome, a Peste, a Morte.

A humana geração, estúpida e mesquinha,
Quem quer que hoje a contemple, em místico transporte
Ante o Deus do Pedrão que na alma se lhe aninha,
Sente quanto Jesus a fez mais nobre e forte.

Foi preciso que, humilde, Ele andasse na terra
— Ele que era do céu, Senhor e Majestade, —
Dizendo quanto amor o Amor de Deus encerra!

Nasceu aqui, qual nasce a vil humanidade,
E o que por nós sofreu ainda hoje nos aterra.
Porém do Deus Terror fez ele o Deus Piedade!...

BENDITO CATIVEIRO

Eis- me quase senhor do meu próprio indivíduo.
Eis- me quase senhor de mim mesmo, entretanto,

Eu que, outrora, da Musa, era o operário assíduo,
Sinto que o Estro me foge aos estos deste Canto.

Embalde aqui o desbasto! Esculturo-o, lapido-o,
E áspero e bronco ai fica inerte a esforço tanto!
É que dentro em meu seio ainda existe o resíduo
De recalcada angustia e mal contido pranto.

Livre e senhor de mim, - tropeço ante a Cadência.
A Rima, £ haste do Verso, a custo se equilibra,
E eis- me infecundo e vil na minha independência!

É que a Lira, liberta, estala, tibra a fibra,
Pois essa liberdade é feita da tua ausência,
E é só presa de ti que esta minha alma vibra!

CONTRASTE

Alvorece-me o dia em seus cabelos de ouro
Apesar do negror dos seus olhos de noite.
Noite negra a manchar um dia claro e louro
- Mistério que a escutar nem alma ha que se afoite. -

Dos astros, no cabelo, o opulento tesouro
- Tudo que em mais fulgor nosso espírito acoite, -
E da treva, no olhar, todo o sinistro agouro,
- Tudo que a um infeliz a alma entristeça e acoite. -

Nela, entanto, não sei o que mais me quebranta:
-se a auroral cabeleira, a emoldurar-lhe a face
Da áurea cincunflexão de um resplendor de santa

Ou se, porque, quem quer, que por seus olhos passe,
Nunca mais do terror da morte se levanta
Qual se neles Satã seu domínio traçasse!...

ÁGUIA E VERME

Morre, porque assim o exige a minha vaidade
- RENÊ SECUN - BRAMANTE E MIGUEL ÂNGELO
“Águia! o teu vôo abate! Águia! cessa o remígio!
Já que te não é dado a rija envergadura

Das asas distender ao supremo fastígio,
Tomba e roja, e te estorce à saudade da altura!

Gênio, escalaste o espaço. E do eterno vestígio
Da viagem que fizeste à célica planura,
Eu me não apercebo, e em dúvida e litígio,
Ponho o teu nome e a tua invejada fingura!...

Porque eu, vaidade sou. Ê meu hóspede a inveja,
E à morte condenei tudo que à glória minha
No mundo se antepõe, quer mesmo que honra seja.”

É assim que fala o verme à águia que se avizinha
E protetoramente as asas espanija
Sobre a maldade humana estúpida e mesquinha!...

POEMAS DA MORTE

A GODOFREDO MACIEL

DEDICATÓRIA

Tu que trazes contigo a energia da vida
E que a vida de novo, em rápido transporte
Implantaste em meu seio, - a fúnebre guardada
Dos meus mortos ideais, - animadora e forte;

Tu que o primeiro amor, levaste de vencida
E deste à alma transviada, outro rumo, outro norte,
Do áureo nicho em que estás, faze vir comovida,
A bênção desse olhar para os "Poemas da Morte".

Do deserto país que povoaste de sonho
Sê, lá do teu altar, a aureolada padroeira,
E aceita toda a fé que nos meus versos ponho.

Lua e Sol! A aclarar- me a sinuosa carreira,
Para o dia final sé tu meu sol risonho,
Sê tu meu doce luar na noite derradeira.

GERMINAL

Passou. A vida é assim: é o temporal que chega,
Ruge, esbraveja e passa, ecoando, serra a serra,
No furioso raivar da indômita refrega
Que as montanhas abala e os troncos desenterra.

Mas o pranto, afinal, que essa cólera encerra
Tomba: é a chuva que cai e que a planície rega;
E a cada gota, ali, cada gérmen se apega
Fecundando, a minar, toda a alagada terra.

Também o coração do convulsivo aperto
Da dor e das paixões, das angústias supremas,
Sente-se livre, após, a um grande choro aberto.

Alma! já que não é mister que ansiosa gemas,
Alma! fecunda enfim nas lágrimas que verto,

Possas tu germinar e florescer em Poemas!

MARCHA FÚNEBRE

I

Baixaste sobre mim teu olhar funerário
Numa resignação piedosa de hora extrema,
E as pálpebras caindo em alvas de sudário
Velaram- me de todo a luz clara e suprema,

E tateante no mundo hostil, no mundo vário,
Sem outro guia, sem outra alma que o meu poema
Ilumine e engrinalde e o faça extraordinário,
- Um poema em que minh'alma artista ria ou gema –

Vou para além ouvindo uma música nova
Feita de pás de terra a te cair no peito
Como que para pôr o meu amor à prova

E essa música ouvindo, estranha em seu efeito,
Sinto a luz a morrer e cantarem-lhe à cova
Um funéreo e feral réquiem de luas feito.

II

Esvaziaram de todo a cova em que dormiste
O sono a que ainda tens a tu'alma sujeita,
E vem dela o som cavo, o monótono e triste,
Vão queixume da terra em lágrimas desfeitas.

Sinto distintamente! Esse queixume existe:
É a saudade da terra aos teus ossos feita;
É o soluço que vem da cova em que dormiste
O sono a que ainda tens a tu'alma sujeita.

Há por tudo o rumor de um choro desolado;
Cantam chorosamente as árvores e os fossos;
Nossas almas lá vão, unidas lado a lado...

Espalharam à noite os teus brancos destroços
E a noite, na viuvez do teu perfil amado,
Verte funereamente o luar sobre os teus ossos!...

III

Essa cova que aí está, revolvida e vazia,
Encerra ainda o calor que trouxeste do mundo;
Contém toda a saudade e atra melancolia
De um sofrimento obscuro, incurável e fundo.

Apenas, no arvoredor, a rouca sinfonia
Do vento vem chorar em cantochão profundo,
E a noite derramar toda a orvalhada fria
Do pranto em que também a minha face inundo.

Pois é assim a minh'alma, a inconsolada imagem
Dessa cova que aí está ainda exaltante e quente,
Do calor que lhe deste à rápida passagem.

Essa cova a retrata, essa que tem somente
Por supremo consolo, a lúrida ramagem
De um salgueiro a chorar desoladoramente...

IV

Encerraram- te aqui as cinzas veneradas;
Esta urna te contém, eternamente, agora,
Nela também existo e as noites e alvoradas
Passem, pouco me importa, ululando lá fora.

Tenho-lhe a adoração das relíquias sagradas,
Pois este relicário onde o meu sonho mora,
Contém, para a minh'alma, as ilusões passadas
E a pulverização do teu perfil de outrora.

É- me grato sentir, pelas noites sem termo,
Toda a apaziguação do meu tormento vário,
Tendo- te junto a mim a aclarar o meu ermo.

Tendo- te junto a mim, sob este alampadário,
E ver com que saudade e com que esforço enfermo,
Morre a luz em redor do teu incinerário...

V

Ressurgiste afinal nessa glória suprema
Com que hás de eternizar a minha vida e a tua;
Pois por ela é que escrevo e trabalho o meu poema
- O poema em que noss'alma idílica flutua. -

Ressurgiste afinal! Não mais minh'alma trema

Ante o frio glacial dessas noites sem lua,
E esses dias sem sol de uma ansiedade extrema!
Pois vieste e veio a luz que em ti se perpetua.

Desde o dia fatal, em que cedeste à doença,
Desde que te partiste, aqui me tens clamando
Pela volta da luz, pela tua presença...

Aqui me tens tateando, aqui me tens lutando!...
E, ai! não viesses tão cedo! e eu não sei se há quem vença
A um cortejo de treva, uns funerais cantando!...

PÓRTICO

Naquele olhar em que moram meu sonho e guia,
E onde vou procurar tudo que almejo e quero,
Embalde busco a vida. A efêmera alegria
Do viver, não perturba o seu fulgor sincero.

Nada que for terreno e alegre cante ou ria,
Vive nesse altar de onde o bem supremo espero;
Mas há nele o perdão, graças de Ave-maria,
Prenúncios de além- céu em cada raio austero.

Necrólatras que andais na eterna romaria
Dos túmulos, buscando algum sonho que o fero
Destino arrebatou de voss'alma sombria,

A mim, que sou da Morte, o impenitente Ahasvero,
Vinde, eu vos mostrarei, cantando esta elegia,
Tudo que ainda sonhais, naquele olhar severo.

OLHOS FUNÉREOS

Naqueles olhos onde os astros moram
Trocando o céu que têm por céu mais belo,
A sombra negra da paixão de Otelo
Passa rugindo com um punhal na mão.

LUIZ DELFINO

.....
.....
...les yeux s'agrandiront, tant ils auront vu des choses éffrayantes; le travail de la vie, - et de quelle vie! - dégagera de la vierge timide une femme de passion et de combat, consciente de sa supériorité, de son doux et sombre pouvoir pour l'amor et pour la mort.

EUGENE MELCHIOR DE VOGUÉ
(Calherine Sforza)

I

Esse olhar cuja luz, nesta elegia, canto;
Que, apesar de funéreo, aviva um peito exausto,
Encerra para mim o extraordinário encanto
De um palácio que dorme à sombra do seu fausto.

Olhar que mesmo enxuto a outro olhar mostra o pranto
E que passa por nós como um prenuncio infausto.
Dentro da orla da cor roxo- azul de agapanto.
Que o circunda, ele acende um íogo de holocausto.
Frio é sempre esse olhar imprevisto de orago
Que profetiza a morte e a vida nos consente
Dentro do seu negror amortecido e vago.

Fátuas fulgurações o animam de repente;
Mas toda a luz que espalha aquele olhar aziago
É o sinistro clarão de uma câmara ardente.

II

Olhos feitos de treva e feitos de martírio,
Macerados ao fundo augura! das olheiras,
Surgem dessa brancura imaculado lírio
Que a sombra clausal põe na face das freiras.

Olhos! vosso fulgor é o fulgor do delírio;
É o supremo clarão das Horas-Derradeiras.
-luz mortuária e final, a agonizar num círio,
Alumiando um tendal de túbias e caveiras. -

Sois do fel do viver a embebedora esponja;
Cantam dentro de vós os responsos e os salmos
De um mundo onde não há nem traição nem lisonja.

E a dona angelical, desses dois olhos calmos,

Como que nos faz ir, volvendo o olhar de monja,
Em doce romaria ao vai dos Sete- palmos.

III

Lê-se no seu olhar o derradeiro tomo
De um estranho missal feito de ritos vários,
E ante o qual as paixões e os sentidos eu domo
Numa genuflexão de aras e de sacrários.

Circundam-lhe o negror dos seus olhos mortuários
As olheiras da cor cristã do cinamomo,
- Cor do fumo que sai de amplos turibulários
Ascendendo para o ar em litúrgico assomo. -

Qualquer que seja a luz que desse olhar irrompa,
Nunca há nele a agudez de uma nota encarnada
Nem o alegre estridor de alaridos de trompa.

Traz- nos sempre à lembrança em fera! desfilada,
O fúnebre esplendor e a lutulenta pompa
De um féretro suntuoso em caminho do Nada.

IV

Dentro do funeral dos seus olhos pressagos,
Enlutados talvez por algum sonho extinto,
Como na estagnação sinistra de dois lagos
Mira-se duplamente a mesma flor do Instinto.

Olhos! vós sois, por certo, o fúnebre recinto.
Onde vêm responsar, aos íntimos estragos,
Os restos de ilusão que dentro d'alma sinto
E que são para mim meus únicos afagos.

Perturba a placidez do meu sonhar de asceta,
O angúrico fulgor dos seus dois negros cílios
Imponderáveis como asas de borboleta.

Os meus mortos ideais em teu olhar, asile- os
Essa, que ele me abriu, cova humilde e discreta,
Onde irei sepultar meus últimos Idílios...

V

Olha! de par em par, as duas portas abro
Que deitam para o céu por teus olhos de sombra;

Este mundo febril, este mundo macabro,
Já me não horroriza e já me não assombra.

Ê o céu! da Via-láctea o estranho candelabro
Fulge. Em tudo há fulgor e há carícias de alfombra;
Luz- me no teu olhar da lua o rosto glabro,
Nada o olhar me perturba ou a mente me ensombra.

Só tristeza, entretanto, em teus olhos me mostras
- Tal se fossem a tumba em que os sonhos empedro
Como pérolas dentro à válvula das ostras; -

E os cílios, doce alpendre à cuja sombra medro,
Como, neles meu ser, todo fechas e prostras
Num círculo feral de casuarina e cedro!...

NO GÓLGOTA

I

"- para atenuar o horror desta vida sem tréguas,
Sondo- a e busco entendê-la, arcano por arcano.
Para que as más paixões te não sigam, carrego- as
Sobre os frágeis e vis ombros de humilde e humano.

As dores que este sofre e aquele sofre, rego- as
Só do meu pranto, só do meu sangue espartano." –
E assim falando o Poeta, a voz, léguas e léguas,
Por terra e céus se ouviu num clangor soberano.

Mas tudo emudeceu ante o voto supremo...
E nem um Cireneu ao novo Cristo: e a carga,
Ele a leva, a cantar, de um extremo a outro extremo!

E oh! Poeta! O mundo só te dá para tão larga,
Missão, diante da qual também arquejo e tremo,
A dor que mais te dói e o fel que mais te amarga.

II

Rugem- te em derredor os Fariseus e Escribas
E a alma humana moderna – essa nova Aquerusa
De paus marginais e pestilentes ribas –
Busca, embalde, afogar- te a imorredoura Musa.

Grandiosa ou meiga ou pura, uma idéia que exhibas
Irritas a multidão que raivosa te acusa.

Mas do Outeiro da Luz a que afinal arribas,
Hás de vê-la a teus pés deslumbradas e confusa.

Tu, cujo verso em forma e em colorido assume
Revelos de Cellini ou tintas de Correggio,
Quer eleves o amor, quer exaltes o ciúme,

Sofre e sangra por teu sonho de ideal. Inveja- o
Embora, o mundo vil! Todo o teu ser resume,
Na plenitude astral daquele sonho egrégio!...

III

Do sonho que te aclara o luminoso espectro,
Cor a cor, queres dar na cambiante da rima.
Lira d'oiro entre mãos, a desferi-la ao plectro,
Verso a verso vais ter do teu Gólgota acima.

Lapidário tenaz, no tórculo do metro
Premes a forma e a forma entre os teus versos prima;
Passo a passo eu te sigo e esse abismo penetro,
A cujo centro, em fogo, o teu estro se anima.

Quer tenhas sobre ti bênçãos que o céu reparte,
Ou tenhas o que sofro, examino e contemplo,
- Venhas de tu um Paul ou de algum templo de arte, -

Deves sempre seguir o fatídico exemplo:
Para que o mundo vil possa um dia adorar- te
É preciso enxotar os vendilhões do Templo.

IV

Se além de um Sinedrim de inúmeros Caifazes
Cuja falsa noção, do sonho de seqüestra;
Se do lenho, apesar, que sobre os ombros trazes,
Nessa face divina Ahasvero espalma a destra;

Se não gozas em vida essas glórias falazes
Em cujo meio vil a alma dos vis se amestra,
Tens em compensação, dos teus versos audazes,
Vibrando eternamente, a formidanda orquestra.

Para te alvorecer a existência sombria,

Tiveste, no Jordão, da água lustra a cena
Cuja recordação na alma humana irradia,

E atingiste os dois graus de ventura terrena;
Sugaste ao nascimento o seio de Maria,
E do cimo da Cruz, vês o de Madalena!...

V

Que importa que Adriano em profanosa cena
Chegue ao Gólgota e insulte a tua catacumba?
Após ele terás a imperatriz Helena,
Quer triunfe o teu estro ou teu estro sucumba.

Se sofres do martírio as dores, pena a pena,
O clangor do teu verso entre glórias retumba.
- Que te importa sofrer se a tortura é pequena
Ante o peso com que teu verbo as almas chumba?

Seja o teu tribunal de cátedra ou de exédra;
Tenha o teu leito embora um cravo em cada fulcro,
Sabes que no porvir somente o gênio medra.

Certo, resplenderá teu espírito pulcro,
E, ao tombar sobre ti da tumba a horrenda pedra,
Todos irão beijar o teu Santo Sepulcro.

VI

Que vale teres tido, a iniquidade humana,
Escribas, fariseus, Cartáfilos e Herodes?
Eles só podem ver pela Santa Semana
O quanto a alma dos bons pelo teu bom acordes.

Redres a cepa sempre, e sempre a rama podes
Dessa Vinha de Fé de onde o teu sangue emana,
E ela viverá nos salmos e nas odes
Que te ouvem desferir à lira soberana.

Catarma resplendente o teu martírio esvurma
Luzes, sóis e não pus, quer o gênio apostrofes,
quer do gênio em teu leito um gênio amigo durma.

Hás de enfim ressurgir, sonhes ou filosofes,
E ante, dos guardas teus, a laucinada turma,
Escararás o céu num resplendor de Estrofes!...

FUNERAL DE UM LÍRIO

À ANGELICAL MEMÓRIA DE JUDITH BARROS

Faces brancas que outrora os rosais da saúde
Coloriram de um tom de púrpura e de opala,
E o sol que vive à flor de cada juventude
Aureamente aureolou de uma aurora de gala;

Boca que o leve odor do sonho e da virtude
Trescalava ao soltar os violinos da fala,
Olhos! - astros no brilho e noite na amplitude,
Tudo, enfim, que era dela hoje a morte avassala!

Dos olhos resta a noite, - o amplo olhar apagado,-
A boca se calou na sombra e no mistério,
E ela as faces velou no lúgubre noivado.

Virgem morta! a envolvê-la em seu leito funéreo,
Só tem ela o palor de um mármore inundado,
Da lividez do luar dentro de um cemitério!...

CAMPO SANTO

Eis- me afinal de novo entre os meus bons convivas,
Só com meus sonhos, só, com a minha saudade,
E as mortas ilusões e ilusões redivivas
De que o morto passado a alma toda me invade.

Porque se me hão de impor, fortes e decisivas,
As descrenças dos que, sem fé, sem caridade,
Sem esperança, vêm dessas alternativas
De mal fingido amor e fingida piedade?

Sinto- me preso aqui. Entre angústias me envolvo,
- Esfinge que se envolve entre os arcaís da Líbia -
Mas o fatal problema entre audácias resolvo:

Alma! que importa a dor que te devora? Exibe- a
Ante a morte que em seus tentáculos de polvo
Mói crânio contra crânio e tibia contra tibia!

SOBRE A MORTE DE JOSÉ DO PATROCÍNIO

I

Crestada ao sol de atroz verão, pendia
A tulipa do Sonho e do Talento.
Mas quem da rara flor perto sabia
Que ela soltava o derradeiro alento?

Por que motivo hoje é tão claro o dia
E anda no céu este deslumbramento?
Da Natureza, oh! Trágica ironia!
- A terra em luto e em gala o Firmamento? –

É que Tu, mais ao céu que à terra inteira,
Estendas teu mágico domínio!
Águia pairando à cérula fronteira!

Não te queria o céu ver em declínio,
E se te chora a pátria brasileira,
Ele em pompas te aguarda, Patrocínio!

II

Hoje, afinal a Terra reconquista
Todo o seu grande e maternal direito,
Recebendo em seu seio o Filho Eleito,
- O, da palavra, Poderoso Artista!

Que o nunca repousado Jornalista
Tenha repouso, enfim, no eterno leito!
E aos funerais de um Justo e de um Perfeito,
O mundo inteiro comovido assista!...

Ninguém mais rico em gênio, nem mais nobre.
Entanto, Esse que baixa à sepultura,
É um nababo que morre humilde e pobre!

Negro feito da essência da brancura,
Esse que a Terra hoje em seu seio cobre,
Sóis porjeva pela pele escura!

VERSOS ANTIGOS

(1885-1889)

A ARTUR COELHO

GOTA D'ÁGUA

Olha a paisagem que enlevado estudo!...
Olha este céu no centro! olha esta mata
E este horizonte ao lado! olha este rudo
Aspecto da montanha e da cascata!...

E o teu perfil aqui sereno e mudo!
Todo este quadro que a alma me arrebatá,
Todo o infinito que nos cerca, tudo!
D'água esta gota ao mínimo retrata!...

Chega- te mais! Deixa lá fora o mundo!
Vê o firmamento sobre nós baixando;
Vê de que luz suavíssima me inundo!...

Vai teus braços, aos meus, entrelaçando,
Beija- me assim! vê deste azul no fundo,
Os nossos olhos mudos nos olhando!...

MATINA

Noite! Cesse o teu ar imoto e quedo!
Quero manhã! todos os sons que vazas!
Fujam do ninho ao lépido segredo
Todas as bulhas de reflantes asas.

Sol! tu que a terra fecundando a abrasas.
Desce da aurora em raio doce e a medo,
Todas as luzes travessando o enredo
Diáfano e leve das nevoentas gazas.

Telas festivas deslumbrai- me a vista!
Cantos alegres desferi- me em roda
Em toda a luz, em todo o som que exista.

E a natureza toda em harmonia,

Iluminada a natureza toda,
Surja gloriosa no raiar do dia.

VIDA NOVA

De uma vida sem fé de nebuloso inverno,
Furtei-me sacudindo o gelo da descrença.
Aquece-me outra vez este calor interno,
Esta imensa alegria, esta ventura imensa.

Sinto voltar de novo a minha antiga crença,
Creio outra vez no céu, creio outra vez no inferno,
Na vida que triunfe ou na morte que a vença
Creio no eterno bem, creio no mal eterno!

E quando enfim do corpo a alma for desgarrada
E procure entrever a região constelada
Que aos bons é concedida, esplêndida a irradiar,

Ao coro festival de um hino triunfante
Abra-se a recebê-la, olímpico e radiante
Todo o infinito céu do teu sereno olhar!...

O PEIXE

(JOSÉ MARIA DE HEREDIA)

Do mar, ao fundo, o sol, em misteriosa aurora,
Dos corais da Abissínia a floresta alumia,
Banhando, à profundez da tépida bacia
A fauna que floresce e a palpitante flora.

E tudo o que do oceano o iodo ou o sal colora
A anêmona marinha, as algas de haste esgula,
Põe suntuoso desenho em púrpura sombria
Na pedra verminosa onde o pólipos mora.

Amortecendo o brilho à retulgente escama,
Um grande peixe vaga entre a enlaçada rama;
Da água as ondas, em torno, indolente desfalda.

Mas súbito ele agita a barbatana ardente,
E à tona do cristal azulado e dormente,

Corre um rastilho de ouro e nácar e esmeralda!

AS SEREIAS

Fui pelo mar em fora. A recurva trirreme
Ampla, em prata estendendo um rastilho de espuma,
Leva, léguas além, a áurea canção que geme
E canra, d'harpa, e ri, nas cordas, uma a uma.

Vibra sempre a canção; adelgaça-se a bruma;
Surge a lua, e ao luar, a superfície treme
Do mar que a essa canção em colo a vaga apruma,
Extreme de paixões, de cóleras extreme.

Tão sugestivo é o canto, e entre as vagas do oceano
Os golfinhos e dragões sorvem-lhe o eco em tal dose,
Que pouco a pouco vão tomando o aspecto humano.

Súbito, cessa o canto e as sereias em rima,
Mudas pasmam de ver esta metamorfose:
- Monstros do ventre abaixo e deusas ventre acima.

A CHEGADA

Noite de chuva tétrica e pressaga.
Da natureza ao íntimo recesso
Gritos de augúrio vão, praga por praga,
Cortando a treva e o matagal espesso.

Montes e vales, que a torrente alaga,
Venço e à alimária o incerto passo apresso.
Da última estrela à réstia ínfima e vaga
Ínvios caminhos, trêmulo, atravesso.

Tudo me envolve em tenebroso cerco
D'alma a vida me foge, sonho a sonho,
E a esperança de vê-la quase perco.

Mas uma volta, súbito, da estrada
Surge, em auréola. O seu perfil risonho,
Ao clarão da varanda iluminada!

SEM TÍTULO

Amo, e por este amor verto o meu próprio sangue;
E sei que deste amor o que de bom me resta,
É que por to provar eu te irrite, eu te zangue
Pois entraste da intriga a embrenhada floresta.

Mas que importa que o luar importune a avantesma
E que a suspeita gire em torno de uma estima,
Quando essa estima tem a mesma força e a mesma
Vida eterna de um sol que outros astros encima?

Gravitem em redor satélites mesquinhos
Os bastardos da luz, os espúrios da glória.
Que importa! Se este amor por tortuosos caminhos
Beijo a beijo nos leva à suprema vitória?

Os espinhos cruéis se transformam em louros
E a mulher que os teceu vai à imortalidade;
Tira ao Dante Beatriz os egrégios tesouros,
Ou com ele deslumbra ainda hoje a humanidade?

Porventura a nobreza e os brasões de Eleonora
Tinham vida e grandeza iguais ao tempo e o espaço?
Não, que o esquecimento a asa desoladora
Sobre ela vinha abrir – não fora o amor de Tasso!

Que o ódio impotente e vil se define e se exaura
No seu esforço vão, - babugento heresiarca –
Que seria de ti, ora aureolada Laura
Se te não perpetuasse o plectro de Petrarca?

Se esses amores, tu, velho gênio da intriga,
Não chegaste a queimar na pira do teu culto
Quando eles tinham só por companhia e amiga
A musa do poeta a perpetuar-lhe o vulto,

Quanto mais destruir este em que duas almas,
Filhas da mesma luz, filhas do mesmo gênio,
Se unem para a conquista ideal das mesmas palmas,
À luz do mesmo teatro e do mesmo proscênio?

Vem! que clamam por ti as vozes do meu verso,
Náufragos a pedir socorro entre os escolhos
Para que em mim concentre e resuma o universo
Basta a constelação que vive nos teus olhos!

DA MINHA JANELA
(*SOULARY*)

Desta janela aberta aos eflúvios de Abril,
Vendo os que vão e vêm, a alma sonha e medita:
- "Pela vida- a lutar nesta faina febril,
Este e aquele, onde vão? de onde vêm nesta grita?"

O que se ama ou se odeia ou se busca ou se evita,
Tudo se cruza aqui numa trama sutil.
- Quantos a morte leva ou seja nobre ou vil,
Enquanto em pleno sol o vivente se agita? -

E penso então que desde o tempo mais distante
A rua vê correr a humana vaga, e nela,
Nada mudar da vida o drama palpitante.

E que outras ondas sempre aqui virão rolar...
Sempre as mesmas! porém, desta minha janela,
Outros - não eu! - virão vê-las ir e voltar...

FLAVA DEA

Da discreta persiana pelas fendas
Cuidadosos passai, raios brilhantes
Do sol! segui- os meu olhar! Instantes
Raros vos mostram as mais raras prendas.

Como das ondas das pagas legendas
Súbito surgem deusas triunfantes.
Saltam-lhe as formas níveas, palpitantes
Da branca espuma das nevadas rendas.

Agora uma; agora esta outra poma;
O ventre agora, agora... - que ansiedade! -
Curva por curva, o corpo todo assoma!

Sol! meu olhar! mais ávidos! pois há de
Ao desprender-se farta a loura coma,
Velar da Deusa a nua majestade.

SONETO MITOLÓGICO

Próximo, o lago em que se lança a fonte
Onde Canace a fruta rude escuta,
Que lhe diz que o irmão de meiga fronte
Fauno vencera na porfiada luta.

Propícia é a Noite cujo manto enluta
De Flora o reino todo, o bosque, o monte...
Fora, a campina, o intérmino horizonte...
Dentro, o Mistério na encantada gruta.

O Segredo a espreitar. A sussurrante
Asa passa de Amor. No pétreo solo,
De musgo o leito e de hera verdejante.

E enquanto fora os ventos solta Eólo
Lá dentro o filho, trêmulo, arquejante,
Beija da irmã o incestuoso colo.

CATECÚMENO

Faltem- me embora para o noviciado
Deste amor que conforta e regenera,
Todas as inocências, todo alado
Bando de sonhos que a inocência gera.

Faltem- me e eu venha já, velho e cansado
Velha lenda que veio, de era em era,
Perdendo o brilho, e entre o templo sagrado
Do teu amor empós uma quimera.

Entre - que importa! encontrarei um teto
E o agasalho das Santas Escrituras,
- Peregrino do amor, pagão do afeto.

E o batismo terei para quem ama.
- Amplo Jordão de águas claras e puras -

Água lustrai que o teu olhar derrama.

RETORNO

Olha! volto de novo, - Olha! de novo à crença.
Eu volto. É o mesmo templo. – O teu olhar traspassa
Rasga, ilumina em fogo, a abóbada suspensa
De onde pende do incenso a mesma nuvem baça.

Sinos rebadalando o glorioso repique...
Toda a massa dos fiéis pelos degraus do altar...
Deixa que suba a prece e que a esperança fique
À flor dos corações como algas sobre o mar.

É o mesmo ainda o canto invisível e crente,
O turíbulo de ouro o mesmo fumo evola,
E do órgão gemebundo o queixume plangente
É o mesmo que noss'alma embriaga e consola.

Aquece-me de novo o mesmo fogo interno,
Chora- me dentro d'alma o mesmo cantochão
Que no ouvido me entrou pelo lábio materno
Como um vinho de Cos num cérebro pagão.

Mas uma timidez de neófito me invade,
A alma se me conturba, a vista emarelece...
Sinto- me tropeçar a cada claridade
E a cada treva sinto um corpo em que tropece...

Por que em ti não achar o desejado guia
Que o vacilante passo, estradas através,
Conduza onde não haja além da luz do dia
Outra luz que não seja a que vejo a teus pés?

Vem! que por tua voz de madrigais suaves,
Fanático, a pisar, enfebrecido e louco,
Eu descubra o caminho através estas naves
E me tires a venda aos olhos, pouco a pouco.

Aceita no agasalho ardente do teu beijo,
A alma cheia de medo e cheia de terror,
E nesta indecisão do primeiro desejo
Mata o dragão do ciúme e dá vida ao amor.

Faze do teu olhar o meu único teto,
A única inspiração me venha do teu riso,
Que eu não sei se haverá n'outrem maior afeto,
Se igual dedicação neste mundo diviso.

Queira a fúria de mar que em teus olhos se mira,
Queira a calma de luar que o teu olhar contém,
Naufregar o temor que esta paixão me inspira
E a esperança banhar da alegria que vem!

O RIO GUERREIRO

Rota a vertente, a rocha rebentando,
Impetuoso em esguicho o campo irrorar;
Regato agora, agora largo e brando,
De branca espuma a superfície enflora.

Logo torrente o crespado d'orsa impando,
- Quer seja noite, quer o veja a aurora –
Légua a légua o terreno conquistando,
Vai caudaloso pelo vale em fora.

Ei-lo afinal - o forte curso findo,
Num esforço estupendo, soberano.
Fero, revoltado, arroja-se rugindo

Aos loucos roncamentos vagalhões do Oceano.
A Pororoca o estrondo repetindo
Eternamente do combate insano!...

SALTO DO GUAÍRA

Largo, oceânico, azul, ora margeando
Campina extensa, ora frondosa mata,
Léguas e léguas marulhoso e brando
O rio enorme todo o céu retrata.

Súbito, as águas, brusco, represando
Em torvelins de espuma se desata;
Vertiginoso, indômito, raivando
Ruge, fracassa e tomba em catarata.

Tomba, e de novo em arco se levanta.
Nada a brancura esplêndida lhe turva,
Em tanto resplendor e glória tanta.

TRAPO

Esta que outrora o linho da cambraia
Na pompa da ostentosa lençaria,
- Folhes e rendas que à secreta alfaia
Ornavam com capricho e bizzarria –

Era camisa – e que hoje a nostalgia
Sofre do tempo em que entre a pele e a saia
O perfumado corpo lhe cingia, -
Era ao possuía-la, a última atalaia.

Trampo que encerras o ebriante aroma
Do seu colo moreno, poma e poma,
Ora em tiras te vejo desprezado.

E mais te quero, e mais te achego ao peito
Traço divino! Símbolo perfeito
De um coração por Ela espedaçado.

DIES IRAE

(SOBRE O DESASTRE DO “AQUIDABÃ”)

I

Na vastidão das águas da baía
Tudo é luz, tudo é paz neste momento.
Límpido, ao alto, nos acaricia
O amplo côncavo azul do firmamento.

Do mar ao céu, é mais profunda a calma.
Quer junto a nós, quer na amplidão remota,
Raramente nos ares a asa espalma.
Solitária branquíssima gaivota.

À barra, um transatlântico que ao mastro
Alto., estrangeiro pavilhão desfralda,
Deixando empós um marulhoso rastro,
Corta, solene, a líquida esmeralda.

Nuns tons leves de nítida aquarela,
Sobre um barco de pesca tardo e lento,
Em forma de triângulo, uma vela
Desenha ao longe o bojo pardacento.

Dentro do porto alteia-se a floresta
Dos mastros com suas flâmulas aflantes,
E, num silêncio abrigador de sesta,
Dormem os transatlânticos possantes.

O sol envolve com seu manto de ouro
As fortes naus afeitas às tormentas,
Que, ora, na quietação do ancoradouro,
Parecem grandes aves sonolentas.

Um que, certo, entre todos é o mais forte,
Parece estar sonhando em pompa t galas,
Num tempo em que ele se entregava à sorte.
Debaixo de uma abóbada de balas!

II

Sonha o grande couraçado,
Sonha o navio, e, no sonho,
Revê todo o seu passado
De heroísmo no mar medonho.

Tem dentro de si, contente,
A marujada louça
Que a glória nunca desmente
Do nome de Aqindabã.

Todo ele é uma alma sonora,
É da pátria a própria imagem,
A dar provas, de hora em hora,
De nobreza e de coragem.

Sonha que a sonhar desperta
Por uma alegre manhã
A uma voz que brada: Alerta!
Marujos do Aquidabã.

III

Ao balouço do mar que aos beijos o rodeia,

Todo em galas desperta o potente navio,
E aquela nobre gente aos perigos alheia,
Presto, provas quer dar de luzimento e brio.

A azáfama começa e em toda a plenitude,
Do vigor de um pulmão, as vozes de comando,
Qual hino triunfal de alegria e saúde
Brotam de um peito heróico os ares recortando.

Vibra em roda o estridor clangoroso de festa.
Move-se lado a lado a marujada ativa.
O grande couraçado orgulhoso se apresta
Pronto para aguardar luzida comitiva.

A hora de levantar e de partir não tarda;
Todo o navio anseia em grande açodamento
E em cima, no convés, o sol, de cada farda,
Tira efeitos de estranho e ideal deslumbramento.
Brilham fulvos galões; brilham, presas aos ombros,
Dragonas de retrós metálico de escarcha,
E tudo a refulgir envolve a nau de assombros
Nesse apresto sem par de uma imprevista marcha.

O ouro do fivelame e dos botões rebrilha,
Fulge, dos espadins, o ouro que o punho encerra.
E tudo é o resplendor e tudo é a maravilha
De uma festa de paz na grande nau de guerra!

IV

Ei-lo que chega ao porto entressonhado.
Foi suave a travessia
Mas em todos que estão no couraçado,
Não é a mesma a alegria.

A tarde desce. A noite se aproxima.
Foi todo alegre o dia.
Mas agora, nos astros, lá por cima.
Anda a melancolia.

Não pode ser mais calmo nem sereno
O vir da Ave-maria.
Para a noite que chega sobre um trenó
De meiga nostalgia:

Foi nas águas do Amazonas
Que aprendi a navegar.
Meu Deus, por que me abandonas
Nas feias águas do mar?!

Ao vibrar melancólico da viola,
Aquele ingênuo canto
De um coração nostálgico se evola
Como sonoro pranto.

Do Pará nas ribanceiras
Deixei meus pais a chorar.
E aqui estou nestas canseiras
Da triste vida do mar!

O céu arqueia protetoramente
O amplo azul constelado,
Como que para ouvir a voz dolente
Que embala o couraçado.

Ai! Maranhão do meu berço.
Para por ti eu rezar,
Tem mais contas o meu terço
Do que vagas tem o mar!

Em torno, à vasta quietação das águas
Mais o silêncio cresce
E só se escuta este gemer de mágoas
Num sussurro de prece:

Do Piauí nas densas matas
Vivia alegre a cantar
E hoje choro estas ingratas,
Duras tristezas do mar!

Este simples e rústico lamento
Tem talvez a virtude
De espiaecer algum pressentimento
Do marinheiro rude:

Ao meu Ceará com certeza
Nunca mais hei de voltar.
Foi meu berço a Fortaleza,
Vai ser meu túmulo o mar!

Seja pressentimento ou desengano,
A meiga singeleza
Daqueles sons, tem do destino humano
A infinita tristeza:

Do Rio Grande do Norte
A terra quer se queimar;
Prefiro na seca a morte,
A morrer dentro do mar!

ÚLTIMAS RIMAS

A JOSÉ PIRES BRANDÃO

Em homenagem ao seu grande espírito, ao seu inextinguível caráter e ao seu inigualável coração.

TARDE NA PRAIA

A LEAL DE SOUZA

Quando, à primeira vez, lhe vi a grandeza,
Foi nos tempos da longe meninice.
E quedei-me à mudez de quem sentisse
A alma de Pasmos e terrores presa.

Depois, na mocidade, a olhá-lo, disse:
É moço o mar na força e na beleza!
Mas, ao dia apagado e à noite acesa,
Hoje o sinto entre as brumas da velhice.

Distanciado de escarpas e barrancos,
Vejo-o a morrer-me aos pés, calmo, ao abrigo
Das grandes fúrias e os hostis arrancos.

E ao contemplá-lo assim, tristonho digo,
Vendo-lhe, a espuma, os meus cabelos brancos:
O velho mar envelheceu comigo!

A MORTE DA TORRE

A COELHO NETO

Vetusta catedral que, ao tempo, te esborcinas,
Choras a torre audaz que aos céus erguendo a agulha
Os mistérios e os bens de que a igreja se orgulha,
Do alto mostrava aos fiéis, nas sonoras matinas.

Já, de ti, longe vão as práticas divinas
Com que davas ao incréu a sagrada fagulha
E inda julgas ouvi-la em fragorosa bulha,
A oscilar no teu flanco e a desfazer-se em ruínas.

Abateste, eu me lembro, à tarde, de repente,

Doirando, no clarão de um último arrebol,
O pó que te envolveu sutil e refulgente!

Torre morta! Afinal, do orgulho, no crisol,
Tombaste amortalhada, ampla e gloriosamente,
No purpúreo esplendor da agonia do sol!

ENVELHECENDO

A LUIZ MURAT

Tomba às vezes meu ser. De tropeço a tropeço,
Unidos, alma e corpo, ambos rolando vão.
É o abismo e eu não sei se cresço ou se decresço,
À proporção do mal, do bem à proporção.

Sobe às vezes meu ser. De arremesso a arremesso,
Unidos, estro e pulso, ambos fogem ao chão
E eu ora encaro a luz, ora à luz estremeço.
E não sei onde o mal e o bem me levarão.

Fim, qual deles será? Qual deles é começo?
Prêmio, qual deles é? Qual deles é expiação?
Por qual deles ventura ou castigo mereço?

Ante o perpétuo sim, e ante o perpétuo não,
Do bem que sempre fiz, nunca busquei o preço,
Do mal que nunca fiz, sofro a condenação.

ANTERO

A FÉLIX PACHECO

Eu quisera saber em que horrendo limite,
Em que fronteira atroz, em que raia do mundo,
Está o ponto ante o qual, sem que a tortura o agite,
O teu gênio se esvai como um Deus moribundo.

Senti- te crente um dia. Indeciso senti- te
E, afinal, te senti como quem busca o fundo
Das coisas e obedece a um sinistro convite,
Da descrença imergir no pélagos iracundo.

Não inspiras temor, mas não há quem te vença.

Por orgulho, és humilde e, na humildade, és forte.
Na imensa revolta e és a piedade imensa.

Morte, amor, crença ou vida, a quem quer que te exorte,
Dizes: Sou mais que a vida e sou menos que a Crença;
Muito maior que o Amor, pouco menor que a Morte.

FLOR LUTUOSA

Natacés! Natacés! Meu dote encanto
Que ameigaste, gentil, meus gestos brutos
E me inflamaste, em rápidos minutos,
O ininflamável coração amianto,

De onde essa treva que o teu corpo santo
Assim reveste de pesados lutos?
Porque esses olhos negros quando enxutos
Ficam mais negros úmidos de pranto?

De luto ao ver- te, nem eu sei que sinto.
Não sei se é ver fulgir o halo de um astro,
Dentro de escuro e tétrico retinto.

Creio, seguindo o teu saudoso rastro,
Que vejo um cofre de ébano retinto
Resguardando uma estátua de alabastro!

NON DUCOR DUCO

(Do brasão de armas da cidade de S. Paulo)
A WASHINGTON LUIZ

És a divisa audaz que, transpondo as divisas,
Da metrópole ao vale, a escarpa, ao bosque, ao monte,
De nada tens mister, de nada mais precisas
Para, alargando a terra, afastar o horizonte.

Nas buscas do filão, do veio nas pesquisas,
Quatridente pendão, sem o que te amedronte,
Braço de bandeirante, a sacudir- te às brisas,
Lá vais, a própria morte, encarar frente a frente.

E, oh! alma vegetal, planta rica e sadia

Que, do rubi do fruto à esmeralda do galho,
Te transformas em ouro, ouro que em ti irradia.

Aí está agasalhando o paulista agasalho
Que é o berço da beleza e a fonte da energia,
Fonte da intrepidez e berço do trabalho.

A SENHORA ANTONIETA RUDGE MILLER

Ser mulher e ser mãe dentro de um sonho de arte
Que, aureolando a virtude e engrandecendo o amor,
Deixa aquela integral quando este se biparte
Ante o casto recesso e ante a pompa exterior,

Eis o que faz querer- te, eis o que faz amar- te
Alma indômita entregue ao pulso domador
Que a amplia, que a desdobra e leva a toda parte,
Da intérprete, a certeza e, do gênio, o esplendor.

Jamais mão feminina, ante as róseas falanges
Reuniu tanto poder, tanta fascinação
Como essa com que os sons infinitos abranges.

Guaie sutil o vento ou ruja o furacão,
Rouco esbraveje o mar, ou meigo gema o Ganges,
Tens o eco universal dentro de cada mão!...

ETERNO SÍMBOLO

A OSCAR BORMANN

Aureolado da opala, o topázio, a ametista
Que o sol ocíduo põe na agonia da tarde,
O monte que de légua, ou de léguas, se avista,
Do amplo juso à cimeira, em pedrarias, arde.

À suntuosa mudez não há olhar que resista,
Nem ao quieto esplendor quem se não acobarde.
Um silêncio de luz lhe vai da base à crista:
É o féretro da pompa, é o túmulo do alarde.

Em tal fulguração, translúcido, irradia
E essa translucidez que é apenas ilusória,

Deixa ver que há um Além, além da fantasia.

Desce lenta, entretanto, a noite merencória...

Queda-se a natureza, amortalhada e fria,
Na saudosa visão de um momento de glória.

MELANCOLIA

Quanta gente talvez no mundo existe
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa.

Raimundo Correia

Pelos males e pelas desventuras,
Com que o destino nos foi tão cruel,
Procuramos em nossas mútuas juras,
Atenuar o travor do nosso fel.

Antefruindo, além, horas futuras
No calmo gozo de um ideal vergel,
Esquecemos passadas amarguras,
O beijo impuro ou a carícia infiel.

Mas por sofrer ainda os vis apodos
Dos que me não conhecem o sofrer,
Vivo a fingir audácias e denodos.

Pensam, ao ver- me o alegre parecer,
Que tenho o riso que ambicionam todos,
Em vez do pranto que não quero ter.

PINHEIRO MORTO

AO PARANÁ

Nasceste onde eu nasci. Creio que ao mesmo dia
Vimos a luz do sol, meu glorioso irmão gêmeo!
Vi- te a ascensão do tronco e a ansiedade que havia
De seres o maior do verdejante grêmio.

Nunca temeste o raio e eu como que te ouvia
Murmurar, ao guaiar da fronde, ao vento: - "Teme- o
Somente o fraco arbusto! A rija ventania,

Teme- a somente o errante e desnudado boêmio!

Meu vulto senhorial queda-se firme. Embala- mo
O tufão e hei de tê-lo eternamente ereto!
Resisto ao furacão quando a aura abate o cálamo!"

Ouve-me agora a mim que, em vez de ti, vegeto:
Já que em ti não pesei, entre os fulcros de um tálamo,
Faze- te abrigo meu nas entranças de um teto!

VITÓRIA- RÉGIA

(No álbum de Rafaelina de Barrow)

À tona ingrata e hostil de tétrica palude,
Abre, gloriosamente, a impoluta corola
E esplende, no vigor da vida e da saúde,
Na região que um mortal sopro de peste assola.

Grande como a bondade e alva como a virtude,
Na miséria de em torno ela é a radiante esmola
De uma alma vegetal que em toda plenitude
Do mal que a quer poluir, mais se apura e acrisola.

Bendito resplendor da flora brasileira!
Ela, Senhora, eu sei: dessa voss'alma egrégia,
E o símbolo perfeito, é a expressão verdadeira...

Fê-la rainha a ciência e, ao vê-la, a musa elege- a
Como suprema flor, de entre todas primeira, -
Rival de Vós que sois como a Vitória- régia.

A ROMA

A SRA. GABY COELHO NETO

Mal se confrange na haste a corola sangrenta
E o puníceo vigor das pétalas descora,
Já, no ovário fecundo e intumescido, aumenta
O escrínio em que retém, os seus tesouros, Flora!

E ei-la exsurge a romã, fruta excelsa e opulenta
Que de acesos rubis os lóculos colora
E à casca orbicular, áurea e eritrina ostenta

O ouro do entardecer e o paunásio da aurora!

Fruta heráldica e real, em si, traz a coroa
Que o cálice da flor lhe pôs com o mesmo afago
Com que a Mãe Natureza os seres galardoa!

Na forma hostil, porém, de arremesso e de estrago,
Lembra um dardo fatal que o espaço cruza e atroa
Nos prélios imortais de Roma e de Cartago!

GIRASSOL

A AMADEU AMARAL

Florir no descampado ou no úmido recanto
De alguma ruína, ou mesmo em áspero alcantil,
É um orgulho que tem o redoirado helianto
Dês que da terra emerge a plúmula sutil

Quando ele desabrocha entre os glastos e o acanto,
Entre os mil tinhorões e as passifloras mil,
Tem-se à conta de um sol, nascido por encanto
Ao topo senhorial do tomentoso hastil.

É de vê-lo medir, a força e o valimento,
Do orgulho vegetal, do seu orgulho em prol,
Ante o rival senhor de terra e firmamento!

E de vê-lo, tenaz, de arrebol a arrebol,
Do grande astro seguindo o régio movimento,
O áureo disco volver para encarar o sol!

HIBISCUS MUTABILIS

A HENRIQUE VENCESLAU

Logo ao alvorecer, a corola contrata,
Ela, a um raio de luz que em claridade a inunda,
Abre timidamente, esquiva e pudibunda,
Alva como o aflorar da espuma na cascata.

Meio dia. Ao calor que sensual a circunda,
Cora, cora inda mais, em ânsias, timorata,
Ruboriza-se, enfim, e não mais se recata.

É a seiva, é o sangue, é o sol, é a vida! Ei-la fecunda!

Desce a tarde. É a exaustão. É o delíquio. Fenece.
Volve a empalidecer, mas já não irradia
No primitivo albor de hóstia ou de uma alma em prece.

É o amarelecer da cera e da agonia.
É o desmaiar de quem a glória e a dor conhece,
De ser virgem, ser mãe e morrer num só dia!

RESPOSTA A OLAVO BILAC

*E, heróico estalará, num final, nos clamores
Dos arcos, dos metais, das cordas, dos tambores,
Para glorificar tudo que amou na terra!*

OLAVO BILAC

Para glorificar o que amaste na terra
De forma que ela, assim, futuro em fora, o assista
No seu teatro de amor, de orgulho ou de conquista,
Basta o que há no teu estro e entre os teus versos erra.

Para ela o orgulho ter do que em seu seio encerra,
Não precisa estalar teu coração de artista
Na alta instrumentação, na estranha orquestra mista,
De cordas e metais e tambores de guerra.

Ele, o teu coração, fibra a fibra, ressoando
Na augusta vibração em que o gênio delira,
Perpetuará melhor o que amaste cantando,

Nesse único instrumento em que a paixão suspira
Ou ruge num clangor tremendo e formidando:
Tua Humana e Divina e Imorredoura Lira!...

NAU ABANDONADA

À EXCELSA POETISA ROSALINA COELHO LISBOA

Ei-la a sonhar ali como relíquia imota,
Na ingratidão do tempo e na humana injustiça,
Ela que a cada aproar e a cada nova rota
Dava uma prova a mais da coragem castiça.

Espelho de uma raça e orgulho de uma frota,
Nunca as velas abriu em rumo da cobiça.
Tinha, do heroísmo crente, a bravura devota,
Era a lusa visão impoluta e inteiriça.

A História, aos feitos seus, quem quer que hoje a perlustre
Lembra a voz com que o Herói, de alma valente e boa,
Dava à pátria renome e ao próprio nome lustre.

Eu quando lhe contemplo o Netuno da proa
Ou revejo o Tritão que lhe serve de aplustre,
Ouço o eco dessa voz que em seu bojo reboa!

A ALBERTO NEPOMUCENO

Mestre irmão, mestre pai, mestre modelo!
Se do teu gênio a alma dos sons esvoaça,
No prematuro alvor do teu cabelo
Fulge a bondade que te coube em graça.

Nunca cedeste ao rancoroso apelo
Dos ódios torvos ou da inveja baça.
Se da Arte trazes o divino selo,
Toda a humana piedade em ti se enlaça.

A emoção que nesta hora nos invade
Não leva o cunho de mentidas dores.
E a expressão quase muda da verdade.

A nossa gratidão, para onde fores,
Levas contigo e deixas a saudade:
Sais coberto de lágrimas e flores.

AO "PARAÍBA"

Quando te vejo o deslizar das águas
Claras, serenas como os bons momentos
De amor que correm plácidos e lentos,
Vão rolando contigo as minhas mágoas.

Mas quando as vejo em torvelins violentos,

Torvas e turvas a raivar nas fráguas,
Extingo as chamas da alegria, apago- as:
Rolam contigo os meus contentamentos.

É que sobre mim mesmo não exerço
Força contrária à tua, a mim ligada
Qual se liga a áurea rima a um verso terso.

E essa força, que é tudo, vem de um nada:
Às tuas margens balouçou-se o berço
Da criatura eternamente amada!...

A DÚVIDA

A JOSÉ AGOSTINHO PEREIRA

É nova a aparição, mas, sendo nova, é a mesma
Que, há muito, me procure e se me foge há muito!
Se a palpo, ei-la a esgueirar-se em coleios de lesma,
Se a sigo, só lhe encontro um rastilho fortuito.

Para bem defini-la, embalde, resma a resma,
Todo o papel estrago. Em vão traço o circuito
Em que a devo prender. Se agora é atra avantesma,
Logo é o jogral que ri um ridículo intuito.

Ora é o duro pedrouço, ora é um frouxel de paina:
Ora o olhar amortece, ora lhe aviva o lume;
Ora agita as paixões, ora as paixões amaina.

O gesto do perdão e o gesto ultriz resume.
E eis- te mal esboçada em tua eterna faina,
Sócia eterna do Amor, fonte do eterno Ciúme.

NA MORTE DE JOAQUIM NABUCO

Vai, sacrílega, a Morte, em sempiterna ronda
A ceifar e a espalhar o horror e o sacrilégio.
Quem há que ao seu apelo, acaso, não responda,
Seja espírito escasso ou pensador egrégio?

É uma alma juvenil? Ela, em volúpia, a sonda.
É um sábio? Ela o envenena em letal sortilégio.

É um artista? Ela o chama e erguendo a destra hedionda
Ao mundo inteiro impõe o seu domínio régio.

Feliz é aquele só que ao ressurgir a tona
Da vaza- mar que a terra envolve em extermínio,
Ao nome, nova glória, a morrer, adiciona!

A alma do que hoje cai, não caiu em declínio.
Da História a porta entrou como senhora e dona,
E a própria Morte impôs o seu régio domínio!

NO LAGO DE GENESARÉ
A LEOPOLDO GUARANÁ

Homem de pouca fé, por que duvidaste?
MATEUS. C. XIV. V. 31.

- "Nau da Fé! por que em ti, tornas o incenso em fumo?
Por que de um porto bom, para outro porto zarpas?
Nau da Esperança! em ti, já os sonhos não resumo:
Teu porto se antolhou de abrolhos e de escarpas!

Desarvorada Nau da Caridade! as harpas
Do teu velame já se não ouvem, presumo,
Pois as cordas sutis aos vendavais esfarpas
E lá segues também sem velas e sem rumo!"

E a humanidade toda, entre queixas e mágoas,
Entre as fúrias do mar e a cólera celeste,
Fere e apura dos bons a alma em ardentes fráguas.

Mas Cristo despe então o manto que o reveste
E diz, ao desdobrá-lo, assim, por sobre as águas:
Este manto resume as três naus que perdeste!

NO ANIVERSARIO DE JOSÉ PIRES BRANDÃO

O tempo que envelhece o paço e a choça,
Em ti não marca os passos da velhice,
Com que carinhos ele te remoça
Numa alegre e perpétua meninice.

A bondade imortal que a alma te adoça
Dá- te um cunho infantil, e essa meiguice
Que é nosso encanto, que é ventura nossa,
Chora entre risos e, entre prantos, ri-se.

Se no espírito tens a madureza
E no caráter tens a anciã virtude
Dos remotos varões da sã nobreza:

Quem de ti se aproxima não se ilude:
No coração plantou- te a natureza
O viço em flor da eterna juventude.

SOB UM RETRATO

Aqui tens estampado, nobre amigo,
Neste prodígio de beleza e graça,
Um dos momentos em que Deus dá abrigo
A um ser eleito e o seu destino traça.

Vê bem que nunca o vento do castigo,
Ante estes olhos ululando passa!
Olhos piedosos em qualquer perigo,
Serenos diante de qualquer ameaça!...

Ante eles, contemplando a formosura,
Pára o tempo e estaciona a própria idade,
Pois que idade não tem tal criatura!...

É que Deus lhe doirando a mocidade,
Nela o espelho poliu de uma alma pura,
Do Belo Eterno e da Imortal Bondade!

SOL DE OUTONO

Declínio augusto de uma mocidade,
Tarde melhor que esplêndida manhã,
Fruto supremo na maturidade
E alma da carne sazoadada e sã;

Argirócomo tronco, inda te invade
Juvenilmente, sávida e louçã,

A seiva forte em toda intensidade
Do sangue de imortal deusa pagã!

Nada te abate o orgulho da beleza,
Pois tens, dentro de ti, o áureo fulgor
Do Belo, eterno como a Natureza!

A arte emprestou- te o mágico vigor
Da forma que persiste, ativa e ilesa,
A rir da Morte e a perpetuar o Amor.

A UMA SENHORA

(No álbum de D. Amália Bittencourt)

Esse que a pena terça e lhe não treme o pulso
Nem lhe vacila a mão se acaso uma arma esgrime,
Que é firme inda sentindo o cérebro convulso
Que é calmo inda expandindo a cólera que o oprime;

Esse que hoje é o terror do anonimato avulso
E que, do poderoso, aponta a viltá e o crime,
Todo ele vem de vós, do vosso honesto impulso,
Do que há, no Amor, de puro e há, no Lar, de sublime.

Quem quer que lhe conheça a fibra irresistível
Vos deve conhecer e render homenagem
A quem, heroína sendo, o põe de heróis ao nível!

Toda a força lhe vem da vossa própria imagem,
Pois vossa mão lhe forja a couraça invencível
E o vosso Amor lhe acende a invencível coragem!

ALMA TEDIOSA

A SOUZA COSTA

Quando o tédio nos tira até a melancolia,
Quando nos tira a dor, o prazer, a surpresa,
A alma se nos confrange e, pela treva fria,
Como ao clarão do sol, é a mesma a natureza.

Não n'a escurece a noite e à luz não irradia,
Não tem linha, nem cor, nem forma, nem beleza;

É sem aroma o odor, sem música e harmonia:
Não ouve, aspira ou vê quem dele é a inerte presa.

É o cansaço? Talvez. Mas talvez não n'ó seja
Mais do que não poder sentir esses cansaços
De trabalhar em prol do que mais se deseja.

Arte ingrata! Arte hostil! Em vão meus versos lassos
Busco em ti refazer renovando a peleja
Para amar- te, cingir- te e vencer- te em meus braços!

NA GLORIFICAÇÃO DE OLAVO BILAC

Como é bom elogiar quando nasce o elogio
De um entusiasmo assim, de uma emoção sincera.
Corre, sobre o papel, a tinta, como um rio
A correr na caudal que o declive acelera!

Os vocábulos vêm, espontâneos, a fio,
Como os sorrisos são que um são deleite gera!
Rebenta o aplauso em nós, vigoroso e sadio,
Como rebenta a flor em plena primavera!

Eis por que sou feliz, em ver glorificado
Fora da inveja hostil, do despeito perverso
O prosador querido, o poeta muito amado!

Da arte, no sangue real, tens o teu estro imerso,
Porém, não basta, Mestre! um simples principado
A quem é rei na prosa e imperador no verso!

A UM PAI

Tinhas em casa um céu. E o céu que cobre a terra,
O céu, que cobre o mar, e o mundo inteiro encima;
Que o infindável espaço em seu âmbito encerra;
Que dá força ao que vive e ao que está inerte anima;

Que onde há sangue e rancor e fome e peste e guerra,
Põe a paz e a saúde em carinhosa estima;
O céu que a mil milhões de astros de ouro descerra
O manto azul que Deus, das almas, aproxima;

Esse glorioso céu, maior que tudo, entanto,
Inda te era menor que aquela maravilha,
Que era o infinito céu do teu paterno encanto!

Assim também o mar que à lua e ao sol rebrilha,
Te parece inferior a uma gota de pranto,
Que um coração de pai verte por uma filha!...

A UM POSSESSO

Resposta a cartas anônimas

I

Olhas o céu e o céu, todo em atra gangrena,
Se te mostra corroendo as rútilas esferas.
Baixas à terra o olhar e a terra, em outras eras.
Plena de gozo e amor, ora é de horrores plena.

Sangra a etérea região, sangra a região terrena
E o horizonte que as une, inda mais dilaceras.
As próprias linhas -louco! - em que a sânie verberas,
Podres vêm ao papel, podres brotam- te à pena.

Mas se ao céu e se à terra e se ao horizonte e ao verso,
Asco e náusea tressuando, a podridão atrelas
E nela vês tombar e fundir-se o universo,

Sobe do chão o olhar, baixa- o das nuvens belas
E volte- o dentro em ti, pois fora o tens imerso
Na própria irradiação das tuas próprias mazelas.

II

Não te busco nem quero ouvir- te a voz pressaga
Sombra de um sonho mau, esqueleto de um sonho!

Não dás vida e não tens a vida que propaga
A orgulhosa altivez que na humildade ponho.

Doce orgulho o de ser humilde e igual à vaga
Que após, altiva, inflar o seio ao mar medonho,
Morre escrava no vil beijo que a areia apaga
Como eu quando de ser soberbo me envergonho.

A trama que teceste habilmente, desato- a!

Que te vale à vaidade esse fingido apreço,
Ou fingido temor à tua audácia fátua?

Do medo que me impões, eu, feliz, me envaideço,
Ó inofensivo leão de projeto de estátua!
Garras de papelão, mandíbulas de gesso!

III

Ninguém lhe sabe o nome e não há quem a origem
Lhe possa descobrir. Ele é o mistério errante.
São de um deus sem Olimpo as mágoas que o afligem
Dia a dia, hora em hora, instante por instante.

É que de instante a instante, alocado, à vertigem
De achar baixa e mesquinha a vida circundante,
Não compreende o infeliz que as forças que o dirigem
São as que lhe detêm o passo para diante.

Torce-lhe a inveja o olhar. Envesga-lho a infecunda
Vontade de galgar sobre alheios escombros.
Deixa entrever a injúria e a calúnia secunda.

Na idade varonil dos grandes desassombros,
Ele aí vai carregando, a esmagar-lhe a corcunda,
Todo o Humano Rancor sobre os míseros ombros!

IV

Dos teus erros de arte ao grande erro te atiras
Fazendo refluir no teu verso bisonho,
O ódio que te consome em pragas vãs e dirás
Porque te é infenso o Amor e te é vedado o Sonho.

Dos Pecados Mortais às setênfluas espiras
Tu te vais de roldão no torvelim medonho.
Ardem- te na alma cega as aburentes iras
Mal cantadas ao som do teu plectro enfadonho.

Trôpego e pepolim, o teu metro se arrasta
E se enrosca raivoso à rima que rasteja
Mole fugindo à tua influência nefasta.

Embalde o teu furor de um poema a glória almeja:
Tombas mudando em medo a fúria iconoclasta;
Cais pedindo perdão no fim da peleja.

V

Passas. Ouço o rugir do vento que te leva.
Quando, da Arte, me ajoelho ao místico delubro,
Tu vens, lúbrico harfango a crocitar na treva.
E o tarado eu diviso, o impotente eu descubro.

Alimenta- te a inveja. O despeito te ceva.
O ódio deu- te a voz rouca e deu- te esse olhar rubro,
Esse único clarão que do teu ser se eleva
E que eu, do meu orgulho, ao régio manto encubro.

Anda! Beija- me aos pés a clâmide inconsútil.
Eu, piedoso, ta estendo ao desespero inerme.
Tu não és venenoso, o teu esforço é inútil.

O teu dente sutil não me passa a epiderme,
Ó fonte do banal, ó vertente do fútil!
Larva, tens o perdão. Tens a piedade, verme!

SOBRE O TÚMULO DE UMA MÃE

Se alguém compreende a mágoa que te oprime
Não n'a compreende mais do que a compreendo.
Mágoa que o pranto, às vezes, não n'a exprime
Mas que num riso, às vezes, se está vendo!...

Deixa, porém, que paire a alma sublime
Daquela santa sobre o mundo horrendo!
Que ela te ampare contra o mal e o crime,
Ao teu futuro bênçãos estendendo.

Vejo- te a rir, amigo, mas no brilho
Do teu olhar eu leio todo o inferno
Do teu celeste coração de filho!

Ri comigo! Eu também num riso eterno
Sigo da vida o doloroso trilho,
Sem o guia imortal do amor materno!

TÉDIO HIBERNAL
A AUGUSTO MAIA

E morrerei sem nunca ter vivido.

ADELINO FONTOURA

Vida, não tens os ódios nem a estima
De quem o gozo teu não desconhece.
Conhecendo, entretanto, a farta messe
De dissabores que o teu seio anima.

Do mal abaixo e da bondade acima
Esta se alteia quando aquele desce,
E, muda a voz, sem pragas e sem prece,
Não há quem, alto, tal estado exprima.

Lago velado por neblinas densas,
A luz do sol e ao luar sempre escondido,
Noss'alma, em nada crê, nem tem descrenças.

E ó morte! eu te desejo convencido
E orgulhoso do bem que me dispensas,
Na glória de morrer sem ter vivido!...

NO FESTIVAL A LUIZ PEREIRA BARRETO

Ninguém glória tamanha e tão segura
Pode gozar antecipadamente,
Como tu, cuja vida excelsa e pura,
É uma área trajetória surpreendente.

Dos teus cabelos sobre a casta alvura
Bailam, cantando, as bênçãos do presente,
Ante abençoando a irradiação futura
De teu trabalho e teu esforço ingente.

Vences o tempo. De ti foge a idade
E a velhice te cobre com clemência,
Qual se foras a eterna mocidade!

Vai e difunde a universal essência
Sagrada sentinela da verdade,
Maravilhoso apóstolo da ciência!

POETA

A ALBERTO DE OLIVEIRA

O teu estro penetra, a fundo, a natureza,
Da extrema pequenez às amplidões extremas.
Sejas presa do real, sejas do sonho presa,
De pâmpano e de rosa a Pan urdes estemas.

Grave guerreiro grego, à graciosa agudeza,
Alias a alma altiva e, a alar-se das algemas,
Mostras na alta panóplia, em pedraria acesa,
O áureo escudo a fulgir nos Sonetos e Poemas.

É assim que surges tu, ante as almas surpresas
Como imortal padrão, como sagrado emblema,
Da musa no esplendor das excelsas belezas.

Quando engastas no verso a rutilante gema
Da rima rica e rara em rubis e turquesas,
Tem-se o supremo culto e o amor da arte suprema.

NUMA LÁPIDE

Qual se teu filho fora eu me acabrunho
E, de mágoa, a falar- te mal me atrevo.
Aceita, entanto, o humilde testemunho
Do quanto foste meu sagrado enlevo.

Fosse-me dado, de cinzel em punho
Talhar o liso mármore em relevo,
E eu daria da pedra o eterno cunho,
Às estrofes que em pranto e sangue escrevo.

Sei que não cabem nestes sons dispersos,
O pranto em que esta angústia não se acalma,
E o sangue em que tais sons morrem imersos.

Não cabe dentro de votiva palma
Nem na estreiteza de mesquinhos versos,
O infinito de dor que tenho n'alma!...

NA ÚLTIMA PÁGINA DE UM ÁLBUM

Deste álbum, se até aqui, senhora minha,
Chegar o vosso olhar, tende piedade
De quem do fim da vida se avizinha
Nuns derradeiros versos de saudade.

Saudade, não da vida árdua e mesquinha
Que atravessei desde a primeira idade,
Porém do tempo em que o meu verso tinha
O audacioso vigor da mocidade.

Ai, nesse tempo, os vossos dons divinos,
Em vez de versos trôpegos e mancos,
Teriam senhoriais alexandrinos.

Hoje a musa caduca em vãos arrancos,
Anda como eu, exausta, aos desatinos,
Toda coberta de cabelos brancos.

NOSSA VELHICE

Canção musicada por Alberto Nepomuceno

Dizes- te velha, entretanto,
Em ti encontro, cada dia,
Um novo, inédito encanto,
Mais viço, mais louçania.

Em cada ano que se passa
Eis a diferença nossa:
Minha alma envelhece baça
A tua, em brilho, remoça.

Seguimos da vida o trilho
Tu remoçada deveras,
Eu como um velho casquilho
Saudoso das primaveras.

Nossas almas, se me esforço
Por vê-ias, a vida alcança,
A minha como o remorso,
A tua como a esperança.

Tens do tempo a cada arranco
No olhar um novo alvoroço,
E a cada cabelo branco
No lábio um riso mais moço,

E se os cabelos de prata
Soltas perdoando algum crime
Por sobre mim se encascara
A água lustral que redime.

Da terra no seio forte,
Os lírios matam os goivos.
Marcharemos para a morte,
Como se fôssemos noivos.

VELHO TEMA, NOVO TEMA

Foi no mar, foi na terra ou no espaço infinito
Que se ouviram, a errar, como errabundas boêmias,
Eu uivo doloroso e aterrorante grito,
Do ciúme e da paixão as duas vozes gêmeas?

Ambas tendo por berço um coração aflito,
A dúvida as gerou e em suas garras preme- as.
Mas livres, afinal, do comprimente atrito
Ei-las, soltas, a urrar em ditas e blasfêmias.

Em grotesco clangor ou trágico zabumba,
Vendo Deus no demônio e o horrendo no sublime,
Ante a fúria em que vão, não há quem não sucumba.

Passam, sem força haver que as dome ou desanime,
Abatendo rivais e abrindo a própria tumba,
Aos clarins da vingança e às trombetas do crime.

UMA CARTA

FÉLIX

Tu, que estas linhas, com teu nome encimas,
Deixa que um grito de entusiasmo parta
Da larva humilde, a efêmera lagarta

Que não tem a haste flórea a que te arrimas.

No seu berço de imagens e de rimas,
Tenho ante os olhos a inocente Marta,
E o olhar, de olhá-la, não se cansa e farta,
Tal o encanto dos versos com que a animas.

Todo o fel de que andei sempre embebido
No meu desventurado amor paterno,
Fez-se mel pelo mel neles contido.

Enterneces e ameigas, meigo e terno,
Um coração de pai desiludido:
Beija o teu céu, eu beijo o meu inferno...

CORVO

(Edgar Poe)

À MEMÓRIA DE MACHADO DE ASSIS

O inexcédido e inexcédível tradutor do genial poema de Edgar Poe, consagro esta pálida paráfrase que em nada se aproxima e jamais pretendeu aproximar-se da imorredoura tradução feita pelo Mestre dos Mestres.

EMÍLIO DE MENEZES

Desta amarga existência em certo, amargo dia,
A hora da meia noite, augural e profana.
Eu, de velha doutrina, as páginas relia
Curvo ao peso do sono e da fadiga insana.

Mal do meu pensamento a direção seguia
Por essa hora de horror em que da treva emana
Toda em funda hediondez, desoladora e fria,
Da atra recordação, a atra saudade humana.

Foi assim que senti, do meu triste aposento,
Como um leve sussurro a passar, lento e lento,
E uma leve pancada a bater nos umbrais.

Disse comigo: é alguém que pela noite fora,
Vem, retarda visita, e retarda-se agora...
A bater mansamente à porta, nada mais!...

II

Ó se o recorde, e bem! numa invernia brava,
O ríspido e glacial Dezembro decorria
E, da lareira ao chão, cada brasa lançava
O supremo fulgor da sua lenta agonia.

E eu a esperar, em vão, a aurora que tardava
Queria, em vão, achar nessa velha teoria
Contida no volume antigo que estudava,
Um consolo sequer à dor que me pungia.

Em vão! consolo, em vão! à minha dor profunda
Em vão! repouso, em vão! à alma que se me inunda
Desta imortal saudade aos prantos imortais.

Porque jamais se esquece, alma consoladora
Como essa que nos céus é chamada Eleonora,
Nome que nunca mais ouvirei, nunca mais!

III

Ante o vago oscilar, indefinido e brando,
Das cortinas que o vento, ao leve, sacudia,
la- me o coração sinistramente entrando
O sombrio terror da noite erma e sombria.

Um tétrico pavor que então desconhecia
E que me estrangulava o peito miserando,
A alma, sem compaixão, de dúvidas me enchia
E pouco a pouco foi meu ser avassalando.

Enfim, para volver à ambicionada calma
E a coragem, de novo, amparar-se-me d'alma,
Repetia a mim mesmo estas palavras tais-

"Nada mais é talvez, que retarda visita
Que vem da noite em fora e entrada solícita!
É visita que vem, por certo, nada mais!"

IV

A calma que até aí do peito me fugia
Voltou de novo ao peito e, à coragem primeira,
Não mais vacilações, não mais mente erradia!
Ao estranho rumor falo desta maneira:

"Como nesta ocasião o sono me prendia
E a pancada foi tal, tão leve e tão ligeira,
Que presto não corri; perdoai- me esta ousadia
Dama ou senhor que estais da minha porta à ombreira."

Tão receosamente e vagarosamente
Batestes, que não fui receber- vos contente,
Como hóspede que sois e à minha porta estais.

E assim falando e olhando, escancarei a porta,
Mas só encontrei naquela hora adiantada e morta.
Treva! Treva somente! A treva e nada mais!

V

Cravo os olhos na treva e longamente a escuto,
E a treva é muda e é muda a própria ventania,
E longo tempo assim com o próprio medo luto,
De dúvida e terror povoando a fantasia.

Sonhos que outro mortal, como eu nunca ousaria
Sonhar, me vêm num bando esmagador e bruto.
Profunda calma aquieta a quieta calmaria
Imóvel é o silêncio e só o silêncio escuto!...

A única voz humana, o único som ouvido,
É este nome, em surdina e, a medo, proferido;
É este nome que encerra os meus mortos ideais.

Sou eu quem o profere, eu que o trago na mente,
E um eco a repercutir, repete- o vagamente:
"Eleonora! Eleonora!" É isto e nada mais!

VI

Entrei de novo em ânsia e ardendo a estranho fogo,
Senti que dentro em mim, todo o meu ser ardia.
Ouvi distintamente outra pancada e, logo,
De outra pancada o som mais claro percutia.

A essa nova impressão, volto- me e monologo:
Talvez cousa qualquer me bata à gelosia.
Certamente que sim, pois que ludíbrio e jogo
Do pavor de mim mesmo, eu, certo, não seria!

Fujamos, pois, do medo, ao tenebroso império!

Ânimo, coração! sondemos o mistério,
Se bem que a noite esteja uivando aos vendavais.

E continuando fui: Nada mais foi que o vento,
Não foi mais que o feroz, não foi mais que o violento
Sopro do furacão! Foi isso e nada mais!...

VII

Abro a janela e vejo entrar, ruidosamente,
Amplas asas batendo e ares de fidalguia,
Um majestoso corvo altivo e irreverente
Como arauto feral da noite erma e bravia.

Sem fazer o menor sinal de cortesia,
Sem um gesto sequer de hesitação prudente,
Como entraria um nobre, alta dama entraria,
Entrou e se alojou despreocupadamente.

Vagaroso e solene, ar indolente e farto,
Exatamente sobre a entrada de meu quarto,
Seguro abrigo achou acima dos portais.

Esta recordação até agora me enerva:
Sobre um pálido busto antigo de Minerva,
Rígido e senhorial, postou-se e nada mais!

VIII

A este pássaro audaz, de ébano a cor das penas,
Grave na compostura e na fisionomia,
Que ao cérebro me dava idéias mais serenas,
Que me acalmava o peito, e a sorrir me induzia.

Voltando- me disse eu: "Tu que te não encenas
De altas cristas ou poupa à negra frontaria,
Velho corvo feral que te mostras apenas,
Certo, não és o vil núncio da covardia.

Corvo! antigo viajor que das regiões da noite
Partiste a procurar um teto que te acoite,
Dize-me tu quais são teus títulos reais!

Qual a pátria ante a qual teu orgulho se ufana?
Quais as tuas regiões na noite plutoniana?...
E o corvo senhorial respondeu: "Nunca mais!..."

IX

Ao perceber assim que ave me compreendia
E que dava resposta a esta pergunta estranha
Que eu, entre espanto e medo, a medo lhe fazia,
Senti, de pasmo, n'alma um peso de montanha.

Porque ainda quem tenha uma intuição tamanha
Capaz de perceber o que outrem mal veria,
Certo, não achará neste dédalo um guia
Para o tirar do caos em que a alma se emaranha!

Ninguém verá como eu, a ave negra num busto,
Sem que mova o receio e sem que a mova o susto,
Tranqüila espreguiçando as asas triunfais,

Ouvir a minha voz a lhe indagar o nome
E ante a curiosidade atroz que me consome,
Dizer- me simplesmente a frase: Nunca mais!...

X

A ave hedionda, entretanto, erma, a encimar o busto
Sobre cuja brancura as asas distendia,
Como se essa palavra o sentido mais justo
Tivesse e contivesse a suprema harmonia;

Fosse do pensamento um invólucro augusto
Cheio de precisão e cheio de energia,
Nada mais pronunciou, nem ao menos, a custo,
Uma pluma moveu da plumagem macia.

Eu que continha mal toda a minha saudade,
Apenas murmurei: Amigos de outra idade
Tive, partiram; certo, assim também te vais!

Assim também te irás, mal rompa em luz a aurora!
Esperanças que tive assim fostes embora!
E o corvo repetiu a frase: Nunca mais!...

XI

Todo o assombro em meu ser por tremor se anuncia,
Ouvindo a ave augural sem o menor estorvo,
Tal resposta me dar, com tanta analogia
Que inda agora, a lembrá-la, eco por eco a sorvo.

Certo a frase aprendeu na triste companhia
De algum mestre infeliz cujo destino torvo,
Da dor o escravizou à fera tirania,
E a sabe assim de cor, o foragido corvo!

Tantas vezes a ouviu. Tão repetidamente
O seu mestre infeliz lha fez vibrar na mente.
Que hoje a profere a rir, como a profere em ais!

De profundis! cruel de uma morta esperança,
Tão tristonhas canções deixaram na lembrança,
Do corvo este estribilho, este só: Nunca mais!...

XII

Como apesar de tudo a calma conseguia
Fazer- me d'alma vir, do lábio, um riso, à tona,
Chegando- me ao portal, do corvo hospedaria,
Sentei- me e recostei- me a uma antiga poltrona.

Frente à frente do corvo, a alma já me sorria
E toda entregue a mim, como quem se abandona,
Busco ansioso indagar que novas me traria
O fúnebre viajor que inda hoje me emociona!

Procuro compreender qual o escondido gozo
Desse vil e sinistro arauto tenebroso
Que em dois termos resume os seus vis cabedais;

Que os seus vis cabedais de ciência e de linguagem
Resume ao exhibir- me a tétrica plumagem
Crocitando e grasnando a frase: Nunca mais!...

XIII

Deixo- me após ficar como quem se extasia
Entre alucinação e funda conjetura,
Ante a luz da razão e a névoa da utopia,
Sem nada a me apoiar a mente mal segura.

Nada mais pronunciei, nem um som se me ouvia
E como a um ferro em brasa, a uma horrível tortura,
Da ave ao olhar hostil e à pérfida ironia
N'alma entrou- me o terror que as almas transfigura.

Mas a um torpor de quem vagamente ressona,
Recosto- me ao espaldar dessa velha poltrona
Que eu para ali trouxera em ânsias infernais,

E vejo a luz brilhar sobre o roxo veludo
Em que por tanta vez d'Ela o semblante mudo
Brilhou, mas nunca mais brilhará! Nunca mais!

XIV

Sinto assim a envolver- me uma nuvem de incenso,
Solta de um incensório oculto que pendia
Das invisíveis mãos de anjos que em coro extenso,
Revoavam roçagando a ampla tapeçaria.

Haurindo o ar aromado e, de bálsamo, denso,
De mim para mim mesmo exclamo em gritaria:
Infeliz! Infeliz! Um Deus piedoso e imenso,
Pelos anjos te manda o repouso e a alegria!

Do nepentes é o sumo! Ei- io, bebe- o! Ei-lo, esquece!
Ele é a seara do bem, do esquecimento a messe!
Nele ouvirás a voz dos gozos celestiais!

É o nepentes ideal que Deus te manda agora!
Bebe- o! Bebe- o olvidando a tua morta Eleonora!
E o corvo crocitou de novo: - nunca mais!

XV

Pássaro ou Satanás, ave de profecia,
Sejas ave ou Satã, sempre hás de ser profeta!
Venhas do teu inferno ou da brava invernia
Que naufrago te fez, acalma esta alma inquieta.

Já que a noite exigiu, no vôo que te guia,
Que caíesses aqui, onde a angústia secreta,
Onde o secreto horror tem teto ou moradia,
Do pouco que disseste o sentido completa!

Diz- me, por quem és, se neste mundo triste,
Existe algum repouso, algum consolo existe
Para estes meus cruéis, sofrimentos mortais!

Existe esse mendaz bálsamo da Judéia
Que, da saudade, a dor nos arranca da idéia?

E o corvo, inda outra vez, repetiu: Nunca mais!

XVI

Profeta ou Satanás, negro ser da desgraça!
Profeta sempre atroz de negra profecia,
Pelo azul deste céu que sobre nós se espaça,
Pelo Deus, todo luz, que em ambos nós radia,

Dize a esta alma sem luz e de dúvidas baça,
Baça de incertidão e de melancolia:
Ser-lhe-á dado abraçar o anjo que entre anjos passa,
E de cujo esplendor hoje o céu se atavia?

Ser-lhe-á dado abraçar a virgem pura e santa,
Virgem casta e piedosa e que os anjos encanta
Com seus gestos de encanto e encantos virginais?

Ser-lhe-á dado abraçar; oh! dize- o sem demora,
A rútila, a radiosa, a radiante Eleonora?
E o corvo rouquejou, roufenho: Nunca mais!

XVII

"Que esta palavra, enfim! de negra profecia
Do teu regresso o início ambicionado seja!
Regressa ao reino teu, à noite que te envia,
A noite plutoniana, essa que em ti negreja!

Volve! Cala essa voz que me fere e angustia!
Reentra no temporal, volve à tua peleja
De lá fora e não fique uma só pluma esquia
Neste chão, de tua vil plumagem malfazeja!

Não quero que de ti uma reminiscência
Fique nesta de dor, sagrada residência,
Sobre a qual distendeste as asas funerais!

Vai- te! Deixa da deusa a face casta e branca!
Arranca- me do seio as garras vis, arranca!"
E o corvo crocitou de novo: Nunca mais!

XVIII

E o corvo permanece em perpétua estadia,
Sinistro a repousar, do mármore, à brancura.
Quem o contempla assim pela verdade jura

Que algum sonho feroz seu aspecto anuncia.

É um demônio a sonhar sonhos que o inferno cria
E que lhe enrijam mais a rija catadura,
Talo fulgor do olhar que os olhos lhe alumia
E com que a própria sombra ele sondar procura.

Essa sombra que a luz da lâmpada suspensa
Faz refletir no chão, qual atra nuvem densa,
No mesmo chão negreja em linhas sepulcrais:

E desse âmbito negro, esse âmbito de sombra,
Minha alma que da dor da saudade se assombra,
Nunca mais sairá! Nunca mais! Nunca mais!

MORTALHAS

OS DEUSES EM CEROULAS

(Versos Humorísticos)

W.B.

Nem ótimo, nem péssimo. Vai indo.
Personificação do meio- termo,
Veio das vascas do governo findo
E é um paliativo no país enfermo.
Ora galgando altura, ora caindo,
Ora na multidão, ora num ermo,
Alguns afirmam que é um talento lindo,
Outros que é um pobre e simples estafermo.
De livres- pensadores teve os votos,
Continuando entre os boatos e os devotos,
A ser o que carrega a maior trouxa.
Da presidência, em meio à lufa-lufa,
Quanto mais se lhe bate - mais estufa,
Quanto mais se lhe aperta - mais afrouxa.

C. DE F.

Dobradiça de mola e parafusos,
Abre a porta da escola à da caserna
E, em casos complicados e confusos,
Com a tarimba o gabinete alterna.
Dirige a pasta conhecendo os usos
E os segredos da tática moderna;
Governa a sós, não atendendo a intrusos,
Mas a vaidade, às vezes, o governa.
Tem serviços e estudos às centenas.
Bravo, se o instinto do guerreiro o guia,
Tem na paz qualidades não pequenas.
Porém, ó raio da burocracia!
Sendo Faria, o que ele faz é apenas,
Como ministro, o que qualquer... faria.

A.A.

Rumo ao mar! Eis a frase predileta
De quem na Armada, hoje é senhor da pasta,
E que, para poder tocar a meta,
Mil tropeços, mil óbices afasta.
Mas o rumo ao bom senso é a linha reta

De quem as verbas do Tesouro gasta.
E tudo o mais é sonho de poeta.
(Alexandrino é verso e isto não basta).
Mas se é verso, não seja verso branco,
Pois facilmente a rima rica brota,
A quem da inspiração tem porto franco.
Olhe os bancos de areia nessa rota:
Se ela, no rumo ao mar, trepar num banco
A Nau do Estado vai à bancarrota.

S. B.

Este é um amuado crônico e se amua
De modo agudo, repetidas vezes.
Quer ser a vertical da terra à lua
E evita os atos e palavras soezes.
Na rigidez do aspecto ele acentua
Gestos nem sempre amáveis e cortesés,
Para mostrar a linha toda sua
De quem despreza os míseros burgueses.
Sendo, no fundo integralmente honesto,
Não come o bolo, rejeitando o resto
Como a certos gargantas conviria.
A vitaliciedade da enxaqueca
Deu-lhe a aparência comprimida e seca
De um frango assado de confeitaria...

L.M.

De uma magreza de evitar chuveiro,
Tem a altura fatal de um pára-raio.
Tão alto que, se o aspecto lhe rabisco,
Na vertigem da altura até desmaio.
Hoje é o senhor do cobiçado aprisco
De tenros diplomatas em ensaio;
Astuto, na rijeza de obelisco,
Não nos encara, espia de soslaio.
De alma arguta e sagaz, nada quimérica,
Feita de tino e de sabedoria,
Tudo a seu ver é uma função numérica.
Mas de andar e viajar, tem a mania.
Cometa diplomático da América,
Judeu errante da diplomacia.

P.C.

Tão pequenino e trêfego parece,

Com seu passinho petulante e vivo,
A quem o olha, assim, com interesse,
Que é a quinta- essência do diminutivo.
Figura de leiloeiro de quermesse,
Meloso e parecendo inofensivo,
Tem de despeitos a mais farta messe,
E do orgulho é o humílimo cativo.
Não há talento que ele não degrade,
Não há ciência e saber que ele, à porfia,
Não ache aquém da sua majestade.
Dele um colega, há tempos, me dizia:
É o Hachette ilustrado da vaidade,
É o Larousse da megalomania!

C.M.

Lá na terra dos pampas tem o nome
De chimarrita, diz o Leal de Souza,
E este apelido afirmam que o consome
E é o que o há de levar à fria lousa.
Se lho repetem briga e já não come,
Não pára, não descansa, não repousa,
Agüenta a sede, suportando a fome,
Dando o estrilo feroz por qualquer cousa.
Entretanto, não tem os dotes falhos;
Do talento gaúcho é um belo adorno
E tem brilhantes feitos e trabalhos.
Rapadurescamente espalha em tomo,
Uma impressão de cheiro a vinha-d'alhos,
De um leitãozinho mal tostado ao fomo.

R.A.

Era ministro então. O Olavo e o Guima
Diziam que ele era o Morfeu da pasta,
E o dorminhoco andava em metro e rima
Na pilhéria que a tanta gente agasta.
Mas galgando o Catete, escada acima,
Num despertar febril, Morfeu arrasta
Todas as forças que a vontade anima,
Nos vastos planos de uma idéia vasta.
Tudo revive! A atividade é infrene.
São mutações de sonho! É o Eldorado,
É o Dinheiro na Estética e na Higiene!
Hoje, glorioso e um tanto fatigado
Não se deixa ficar calmo e solene

A dormir sobre os louros do passado.

R.

Pedra preciosa de um tamanho imenso.
(Pois que o nome é um rubi deste tamanho
Que à sorte e à fortuna traz apenso),
Eis mais ou menos o seu vulto estranho.
Escravo cauteloso do bom senso
Fugidio ao espírito tacanho,
Quando entra em luta diz: Ou morro ou venço!
E é difícil que alguém lhe tome o ganho.
Desdobrado em trabalho multiforme,
Em finança e política não dorme,
E numa ou noutra, nunca perde a audácia.
Sendo do Bananal, não é um banana:
Tocou rumo a S. Paulo a caravana,
E ei- io Rubião, em honra da rubiácea.

J.DE M.

Com este agora a musa não contava!
Nem a musa mordaz, nem a brejeira,
Em certo dia o vejo a deitar lava,
Aproximo- me e encontro uma geleira.
Quando a aparência é fria, a alma está brava.
Se aquela é tormentosa, esta é fagueira.
E assim, da vida, o rumo, a sós, desbrava,
E, a sós, colima o termo da carreira.
Por muito que o humorismo o prenda e engrade.
Ele não esbraveja nem se irrita,
Mas se lhe escapa com facilidade.
A golpes de talento o laço evita
E ao ridículo opõe a habilidade.
Eis, mal pintado, o Júlio de Mesquita.

W. L.

E um bandeirante novo, sem as botas
De andar em carrascais, ou serras brutas,
De penetrar nas mais profundas grotas
Ou se internar nas mais soturnas grutas.
É o bandeirante urbano nas devotas
Ânsias de ver em formas resolutas,
O esplendor das metrópoles remotas
Em plintos, colunatas e volutas.
Ele antevê nas cores mais exatas

Da Paulicéia as graças infinitas,
No áureo fulgor de mágicas palhetas.
Porém, depois dos bons tempos de pratas,
Ele que é homem que detesta as fitas,
Sente a falta do arame nas gavetas.

O PLENIPOTENCIÁRIO DA FACÚNDIA
De carne mole e pele bambalhona,
Ante a própria figura se extasia,
Como oliveira - ele não dá azeitona,
Sendo lima - é quase melancia.
Atravancando a porta que ambiciona,
Não deixa entrar nem entra. É uma mania!
Dão-lhe por isso a alcunha brincalhona
De pára-vento da diplomacia.
Não existe exemplar na atualidade
De corpo tal e de ambição tamanha,
Nem para intriga igual habilidade.
Eis, em resumo, essa figura estranha:
Tem mil léguas quadradas de vaidade
Por centímetro cúbico de banha!...

A. A.

Dizem que às vezes, quer se achar bonito,
Mas, nem sendo Amadeu e sendo amado,
Mas muito amado mesmo, eu não hesito:
Se não é feio é bem desengraçado.
Entretanto se o vejo (isto é esquisito)
Através de um soneto burilado,
É mais que belo, afirmo em alto grito,
É o próprio Apoio que lhe fica ao lado.
Mais comprido que a universal história,
Este Leconte com seu ar caipira,
Me deixa uma impressão nada ilusória.
Quando ele ao alto, a inspiração atira,
Com a cabeça a topar no céu da glória,
É um guindaste a guindar a própria lira.

V. DE C.

Fraco e doente, se solta algum gemido,
Ou sai um verso ou brota uma sentença.
Se como Juiz sempre é acatado e ouvido,
Como poeta não sei de alguém que o vença.
Se nas Ordenações presta sentido,

Tem, nas regras de Horácio, parte imensa.
Não se lhe sabe o culto preferido:
Se na Arte ou no Direito, tem mais crença.
Tendo defeito, nunca teve alcunha.
Quando aparece, num reencontro à liça,
O que nos antagonistas acabrunha,
É ver que, sem fraqueza nem preguiça,
Numa só mão, com o mesmo gesto empunha,
A áurea lira e a balança da Justiça!...

F. G.

Este é por certo o verdadeiro espelho
Das maiores derrotas e conquistas
Que o regime vem tendo, e o seu conselho,
Tem sempre o cunho das mais largas vistas.
Foi das molas mais rijas do aparelho
Que deu cabo das hostes monarquistas.
Foi o Moisés do novo Mar Vermelho,
A égua madrinha dos propagandistas.

Calmo, risonho, perspicaz, cordato,
Todos sentem no Ilustre veterano,
Do político arguto o fino tato.
Mas o Matusalém republicano,
Tem orgulho infantil de ser, de fato,
O bisavô dos netos do Herculano!

L. DE F.

O rosto escuro em pontos mil furado,
Se lhe move da boca em derredor.
Não consegue um segundo estar calado
E é de S. Paulo o tagarela- mor.
Traz, de nascença, o todo avelhantado
De um macróbio infantil e, - coisa pior, -
Dá idéia de que já nasceu usado
Ou de que foi comprado no belchior.
Tudo nele é exagero, até a atitude
De saudar elevando o diapasão:
"Nobre amigo! Mui fuerte e de salude?"
No mais é um excelente amigalhão.
Mas que voz! É o falsete áspero e rude.
De um gramofone de segunda mão.

L. G.

Este vale, em toicinho, a inteira Minas;
Derretê-lo, seria um desencargo
Para a atual crise das gorduras suínas.
(O Monteirinho a isso põe embargo).
Arrota francos, marcos, esterlinas,
Mas uma alcunha o faz azedo e amargo:
Senador tonelada. Usa botina
Cinqüenta e quatro, à sombra, bico largo.
Tem uma proverbial sobrecasaca,
Cujo pano daria, em cor cinzenta,
Para o Circo Spinelli uma barraca.
Da do Oliveira Lima ela é parenta
Pois só o forro das mangas dá, em alpaca.
Para o novo balão do Ferramenta.

M. DE S.

Conhecem, por acaso, o Monteirinho
Que é Antônio, que é Monteiro e que é de Souza?
Pois não é para aí um qualquer cousa
De baixo preço ou de valor mesquinho.
Assim mesmo tostado e mascavinho,
Numa poltrona do Monroe repousa,
Calado e quedo qual funérea lousa,
A apanhar perdigotos do vizinho.
Cabritinho de mama já esgotada,
No tapete não solta as azeitonas
E só espera o momento da marrada.
Dele, a exhibir as alentadas lonas,
Diz o Lopes Gonçalves Tonelada:
Ai! cabrito cheiroso do Amazonas!

P. F.

Marechal, senador e proprietário,
De alma vazia e de algibeiras cheias,
Ninguém conhece o sangue originário
Que lhe infla as mil nonagenárias veias.
É tão feio que, assim, nonagenário,
À sua própria fealdade une as alheias.
O seu rosto é um mosaico extraordinário
De pedacinhos de mulheres feias.
Mosaico de canhões, namoros cava.
E, no cinema, o pé reiúno toca,
Até que a dama, a rir, o mande à fava.
Se nalguma tourada se coloca,

Ele que, em tempos, foi um vaca brava,
Hoje não dá nem mesmo para choca.

B. L.

Nada tem de ridícula a fealdade
Quando ela, em certas caras, se figura.
Quem vai rir da sinistra catadura
Com que o Barbosa Lima nos invade?
É uma cara abortiva. É, de verdade!
Se uma dama pejada o olhar lhe atura,
Ei-la já parturiente prematura,
Sem os encantos da maternidade.
Mas tem parentes a valer o cabra!
E para colocar qualquer parente,
Se não há vaga, faz com que ela se abra.
Tudo consegue por terror somente,
Pois que, mostrando a cara hostil, macabra,
Faz abortar o próprio Presidente!

J. DE S.

Justiniano, ele o é, mas, com certeza,
Não mandará fazer novo Digesto.
Prefere saborear de língua acesa,
Apimentado vatapá...indigesto.
Serpa, serpe ele o é e espera a presa.
O Enéas, malandrão, diz-lhe: - eu protesto!
Ele volve e responde com firmeza:
Já comeste demais, deixa-me o resto!
Isto é um traço interior de Justiniano.
Quanto ao traço exterior, não sei se o traço,
Porque ele é cara sem um traço humano.
É uma fealdade de causar cansaço!
Do que é feio, eu cá digo, salvo engano:
Se o tal Pifer é o suco, ele é o bagaço!

A. J.

Para o teu nome a fórmula sintética
Vou fazer, ó de Ulisses companheiro,
Sem fugir às leis clássicas da estética
E partindo da análise primeiro.
Tiraste os quatro pés (isto é dialética)
Do verso asclepiadeu e, prazenteiro,
Ao jâmbico emprestando rima poética,
Eis- te agora Asclepiades Jambeiro.

Dos quatro pés ficou- te a inteligência
Pois é nela que mora o asclepiadeu,
Diverso apenas pela desinência.
Da alma ao corpo a tua métrica desceu
E, conforme as leis da arte e as leis da ciência,
Dáctilo tens um pé e outro espondeu.

A RAZÃO

Tem causado estranheza a atividade assombrosa do M.P.F., em defesa de todas as medidas propostas pelo Sr. J. B.

(De um vespertino)

Não se compreende bem por que motivo
Causa estranheza o gesto do Firmino,
Pois, Firmino, afinal é um afetivo,
Apesar de sabido, arguto e fino.
O amor materno é sempre ardente e vivo
E é com todo esse amor, quase divino,
Que ele assim ficou manso, mas ativo,
Qual boa mãe por filho pequenino.
Vai até muito bem nessa maneira
De mostrar que do afeto é uma alma escrava
O nosso Marechal Pires Ferreira.
O Senado com esta já contava:
- está salva a pecuária brasileira!
- para bezerras, nunca a vaca é brava!

HEMETÉRIO DE SOUSA

Neto de Ubá, do príncipe africano,
Não faz congadas, corta no maxixe;
Herbert Spencer de ébano e de guano,
É um Froebel de Nanquim ou de azeviche.
No pedagogium de que é soberano,
Diz que: - comigo a crítica se lixe;
Sou o mais completo pedagogo urbano,
Pestalozzi genial pintado a piche!
Nagi fez da cor preta a cor reiúna.
Na vasta escala da ornitologia,
Se águia não é, também não é graúna.
Um amador de pássaros diria:
Este Hemetério é um pássaro turuna,
É o vira- bosta da pedagogia.

H. DE S.

O preto não ensina só gramática.
É pelo menos o que o mundo diz.
Mete-se na dinâmica, na estática
E em muitas coisas mais mete o nariz.
Dizem que, quando ensina matemática,
As lições de mais b, de igual a x,
Em vez de em lousa, com saber e prática,
Sobre a palma da mão escreve a giz.
Uma aluna dizia: - este Hemetério
Do ensino fez um verdadeiro angu,
Com que empanturra todo o magistério.
E é um felizardo, o príncipe zulu,
Quando manda um parente ao cemitério,
Tem um luto barato: fica nu.

CONVALESCENTE

Triste alegria a da convalescença!
Dessa alegria os poetas falam tanto,
Que quem os lê fica a pedir a doença,
Prenúncio triste desse alegre encanto.
Eu, somente, não vejo o que me vença
Este mole, este insípido quebranto,
Sem uma só emoção vívida, intensa.
Sem nada que me cause ódio ou espanto.
A própria guerra que conflagra o mundo,
Não me sacode mais na voz de um hino
Que eu estava a compor grave e profundo.
Sinto que estou no vácuo. Até imagino,
Vendo- me assim vazio, oco e infecundo,
Que estou dentro do crânio do Aurelino.

A. L.

Não és somente um diretor de estrada
Sansão capilar. És estradeiro,
Como o diz, provocando a gargalhada,
O nosso Oscar, trocista e galhofeiro.
Realmente! Com tal cara, assim barbada
Que incita a raiva de qualquer barbeiro,
És bem o que se diz: Praça escovada,
Das de embrulhar um regimento inteiro.
Levas, no cargo, a vida a fazer fitas!
Como o carvão te traz mil dissabores.
De reduzi-lo a pó, firme cogitas.

Se do pó do carvão na poeira fores,
Terás, nessas tuas barbas infinitas,
Matéria- prima para espanadores.

VOCAÇÕES

Afirmam os jornais que o Sr. J. B. vai montar em
Pernambuco, uma grande fábrica de papel.
Não sabe o que é desânimo ou cansaço
O Bezerra Doutor e Coronel.
Para cavar, o tempo todo é escasso
E agora a sopa lhe caiu no mel.
A cana já lhe deu caldo, melaço,
Açúcares, cachaças a granel,
E inda vai rebuscar no vil bagaço
A celulose em forma de papel.
Terá nisso o maior dos seus orgulhos
E a mais fácil, talvez, das cavações,
Sem protestos, escândalos, barulhos.
Está dentro das suas vocações:
Na vida sempre andou fazendo embrulhos
E andou sempre fazendo papelões.

G. M.

Se acaso uma república ainda existe,
(Se é que existiu um dia, porventura),
Nesta pátria que, à força de ser triste,
Só conhece a alegria da loucura.
Talvez a morte a que ela agora assiste,
Desse a impressão de angústia e de tortura,
A que a musa, de luto, não resiste,
A este povo de crença mal segura
Um préstito, um discurso e o cemitério!
Uma aluvião de flores mal encobre
O que há de grande em tal caixão funéreo!
Morreste, nobre amigo, no mais nobre
Orgulho do teu nome, ó bom Glicério:
O nobre orgulho de quem morre pobre!

UMA IDÉIA

A propósito da oposição do Prefeito aos cursos noturnos.
Certamente o motivo verdadeiro
Dessa aversão que assim, no último grau,
Tem o ilustre e eminente brasileiro

Por tal curso, não tem um fundo mau.
Declara um vespertino, alvissareiro,
Que na reforma está metendo o pau.
Ser do curso noturno o alto padroeiro
O próprio presidente Venceslau.
Se a fim nobre o Doutor Sodré se guia
Tendo o chefe do Estado um fito igual,
Há um processo que tudo concilia
Ei-lo aqui, muito simples mas...genial:
Ter o curso noturno em pleno dia,
Sendo o Hemetério o Diretor Geral..:

E. S.

Em mil programas que são panacéias,
Na terra da borracha e da castanha,
Quebram castanhas, esticando idéias,
Só para ver quem o governo apanha.
Não se compreende luta assim tamanha,
De lobos em sinistras alcatéias,
Entre Lauro Sodré, teia de aranha,
E entre a aranha sem teia que é o Enéas.
Completam-se ambos. O Sodré, pudico,
De ingrato e espertalhão o Enéas xinga,
E este diz: Só de inércia o Lauro é rico.
Os "Salpicos" que os juntem num salpico:
Ele, o Enéas, bojudo, é uma seringa,
A que o Lauro Sodré serve de bico.

CARTA ABERTA

Ao General P. B., Inspetor da 5ª Região Militar.

General. Ouça aqui Vossa Excelência:
Acabe essa mania assim esquisita
De ver, em cada praça, a conivência
Com bernardas de que ninguém cogita.
Um general da sua competência,
Tendo uma fé de ofício tão bonita,
Deve guardar, ao menos, a aparência
De quem detesta a exibição e a fita.
Saiba Vossa Excelência: Já se gasta
O tempo em afirmar-se (quem diria!)
Que o alto cargo em que está já lhe não basta.
Se a vontade de ser ministro o guia
Espere que há de ter um dia a pasta.
Não queira, a muque, a pasta do Faria!

MAU HUMOR

Baldadamente a pena o vôo ensaia.
Rima chata, estro escasso, metro rombo.
Quase a mim mesmo dou tremenda vaia:
É o humorismo a rolar de tombo em tombo.
Nada é grande. Há por tudo a ínfima arraia.
E um zunido o que outrora era um ribombo.
Definham o nariz do Augusto Maia
E o nariz do Ribeiro da Colombo.
Do Arrojado, as mil barbas de agareno
Não dão, nem mais a pequenina broxa
Do aparadinho andó do Galvão Bueno.
Só grande é a estupidez que hoje me arrocha
E batatas espalha em meu terreno,
Como se eu fosse o Figueiredo Rocha.

DOMINGO QUENTE

Isto não é um domingo, é um crematório.
O vento é o bafo de algum forno aéreo.
Cada trabalho é um desperdício inglório,
Tem cada esforço a marca de um cautério.
Mas, afinal de contas, cebolório!
Quem, clima tal, pode levar a sério?
Sinto na alma o tostado do Sertório,
E na pele o queimado do Hemetério.
O Hemetério dá assunto... Mas precário.
Dizer-se que ele é branco e é preto o lírio?
Desse tema já tem ele um rosário.
Estes "Salpicos" são o meu martírio!
Ah! Lembro agora o nosso pobre erário:
O Pandiá, finalmente, é grego ou sírio?

O FORO EM FÉRIAS

Hoje entra o foro nas sabidas férias.
Mas que férias ainda quer o foro?
Se a justiça é preguiça, que ouça lérias,
O que é melhor que ouvir um desaforo.
Se estas coisas são mesmo coisas sérias,
Que se guarde, é melhor, certo decoro,
Que andarem juízes a fazer pilhérias
E a veranejar em centros de namoro.

Não me refiro ao Pedro Francelino,
Que é velho e surdo, o que não é segredo,
Mas que, entre damas, finge de menino.
Esse, o Celso e mais outros têm tal dedo,
Que até parece terem por destino
Imitar o Torquato Figueiredo.

SAI... AZAR

Seis horas. Estação da Leopoldina.
Tomo o trem. Mal me abanco, uma velhota,
De setenta anos, fala, sopra, arrota,
Numa desenvoltura de menina.
Quero ler. A carcaça, de voz fina,
Tanto fala e me diz tanta lorota,
Que, na raiva, o jornal se me amarrota
E ainda o raio da velha me bolina.
Quero fugir. A peste me segura.
Por pouco mais me tomo um assassino.
Sinto que passa um vento de loucura.
E julgo ver que, em meio ao desatino,
Eu era da polícia a atroz figura,
E a velha era a figura do Aurelino.

O BUSTO DO CÉSAR... DE CAXANGÁ

Faltava-lhe alguma coisa: um bronze mesmo que fosse em Soneto. Pois cá o temos exposto no saguão do jornal; não é soneto - é um busto.

(Da Gazeta)

Não consentimos que o escultor nos venha
Mostrar, em bronze, o malfadado busto
Do César de arraial, César da Penha,
Que anda a fingir de poderoso e justo.
O artista está a pensar que o santo e a senha
Nos há de dar o César, que hoje, a custo,
Suporta da Opinião o relho e a lenha,
Que não é Caio e nada tem de Augusto.
O soneto de bronze do Solfieri
A que a "Gazeta" alude em tom faceto,
Abona o poeta sem que o riso gere.
Mas ao Dantas, nem busto, nem soneto!
Busteá-lo ou sonetá-lo a alma nos fere:
César, é César, Dantas é... Barreto!

TEATRO DA NATUREZA

Um amigo das árvores, das flores,

Dos lagos, dos canais e da cascata
Com seus trêmulos quérulos rumores,
Dizia anteontem: - Isto agora mata!
Ia à tarde, fugindo dos calores,
Ao Campo de Santana, onde, à frescata,
Via, do ocaso de ouro, os esplendores,
Até vir o palor de um luar de prata.
Hoje, o Campo se fecha a sete chaves,
Para uso e gozo de feliz empresa,
Antes que busquem o seu pouso as aves.
Se a natureza, do seu teatro é presa,
Que me desculpem as pessoas graves:
O teatro é um teatro... contra a natureza.

SONETO BRINDE

A propósito da renúncia do Deputado F. P.
Esta secção foi feita para a troça,
Porém, ama também fazer justiça.
Nesta época em que o mundo inteiro engrossa,
Ela não vai do engrossamento à missa.
Félix Pacheco o espírito remoça
Desta caduca geração mestiça,
Fator maldito da desgraça nossa,
Causa da improbidade e da cobiça.
Meu caro Félix, quanto te agradeço
Esse gesto em que tua alma altiva passa
Sem se deter em qualquer um tropeço.
A ti, que aos poetas mostras que és da raça.
Dos que ao ideal somente dão apreço,
Ergo, em quatorze versos, mm a taça.

O RISO EM PRANTO

A propósito da recusa do Prefeito em auxiliar pecuniariamente o carnaval.

Achamos que vai bem à Prefeitura
Auxílios recusando ao Carnaval;
A União, nesta quadra amarga e dura,
Auxílios dando, é que procede mal.
De que nos vai servir a áurea moldura
De alta crítica ou carro triunfal,
Para o quadro de dor e de tortura
Que é o negro escorço do Brasil atual?
A seca a flagelar irmãos ao norte!
O operário sem lar, o lar sem pão!

O Jeito é quase o tálamo da morte!
Carnavalescos, tende coração!
Que Momo os males, como os mais suporte,
Que Morno, dos que sofrem, seja irmão!...

SEGREDOS... SEGREDOS...

Diálogo ouvido anteontem, muito cedo:
- o poeta dos "Salpicas" anda torto.
-Do pé? Da mão? Das mãos? Dos pés? De um dedo?
- não! Fica ao largo sem entrar no porto...
- não compreendo. - Pois ouça, mas...segredo!
Ele pensa que mata e dá conforto.
Porém, se prega a trama e entra no enredo,
O Chimarrita, há muito, era homem morto!
- cada vez, vejo as coisas mais escuras.
- ouça- me a história e, na memória, grave- a.
Maximiliano afirma entre mil juras:
Prefiro, a pé, subir o alto da Gávea,
Contra mim próprio, ler descomposturas,
A ler um elogio ao Rivadávia...

CRUZADOS E P ATACAS

"O Sr. Roussoulières ficou zozzo. Porque, na verdade, ir a Jerusalém nestes tempos, com a Turquia em guerra, não é coisa que ninguém cobice. Só quem tem a "alma de cruzado" é que se aventuraria a ir para naquelas alturas."

(Da Gazeta)

Se é preciso ter alma de cruzado
Para a Jerusalém ir, atualmente,
Não sei quem possa de Aurelino ao lado,
Ajudá-lo a fazer de penitente.
Acho de qualquer modo o cálculo errado:
Ou fica muito atrás ali muito à frente:
O que sobra ao primeiro delegado
É o que falta a Aurelino, o renitente.
Apesar de saber que ele encavaca,
Eu cá digo, sem medo da cadeia,
Que, antes de ser cruzado, o chefe empaca.
"Cruzado" é o ponto médio que os enleia:
Na alma Aurelino tem meia pataca
E o Roussoulières tem pataca e meia.

CONCILIAÇÃO

Leve o diabo o humorismo nesta terra!

O Tigre que no caso é cabra seco,
Basta escrever-se que Bezerra berra,
Para que exija que se feche o beco.
Por outro lado, que é o que mais me aterra,
Se dizemos, acaso: - "é falho ou peço
O gênio do Pifer" temos a guerra
Do grande amigo, o bom Félix Pacheco.
Ora pipocas! Eu por nada brigo
Com o Félix, - rosto meigo de criança
Da canície precoce ao alvo abrigo. -
Quanto ao Tigre, oscilamos na balança:
Para pesar dos ódios o perigo,
Brava fique a bezerra e a vaca mansa.

Nota

Deste soneto a chave ficou perra;
Esta é mais clara e até menos opaca:
- passar a Vaca Brava a ser bezerra
E promover o Zé Bezerra a vaca...

J. C.

E tão alto, tão magro, tão sem viço.
Que ninguém, pelas vilas ou cidades,
Mais que ele deve ser o D. Magriço,
O D. Magriço das ociosidades.
Não lhe provoço os ódios, nem lhe atijo
O mau gênio por vis perversidades,
Porque ele é o puro, o impávido, o inteiriço.
Guarda noturno das celebridades.
Notívago por índole, por gosto,
Somente à noite dá sinais de vida,
Para andar e mentir sempre disposto.
No fundo é uma alma boa e agradecida.
Mas quando não mentir, torcendo o rosto,
Há de morrer de peta recolhida.

PROSOPOPEIA DA PEPA AO PUPO

"A sra. Pepa Ruiz e o sr. Pupo de Moraes andam em negociações para o arrendamento do Mercado do Rio de Janeiro."

(Dos jornais)

Parece peta. A Pepa aporta à praça
E pede ao Pupo que lhe passe o apito.
Pula do palco, pálida, perpassa
Por entre um porco, um pato e um periquito.

Após, papando, em pé, pudim com passa,
Depois de peixes, pombos e palmito,
Precípite, por entre a populaça,
Passa, picando a ponta de um palito.
Peças compostas por um poeta pulha,
Que a papalvos perplexos empunha,
Prestando apenas pra apanhar os paios,
Permuta a Pepa por pastéis, pamonha...
-- que a Pepa apupe o Pupo e à popa ponha
Papas, pipas, pepinos, papagaios!

A. M.

Sei- te médico, há três ou quatro dias.
Passaste a ser, a sério, o Doutor Fontes,
E eu bem desejo, amigo, que me contes
Se tens novas idéias e teorias.
Vais alienar as velhas simpatias?
Vais estreitar teus largos horizontes?
Os idílios, por vales e por montes,
Cedem os passos às polipatias?
Não creio que a tua musa a isso resista.
E em ti prevejo um sábio tão profundo
Quanto já és um poderoso artista!
Em curas, sê, qual na Arte, tão fecundo,
E serás, por direito de conquista,
O primeiro dos médicos do mundo!

CARTA EXPRESSA

“Gold- regen”, “Romã” e “Pinheiro”,
“Vitória- régia”, “Heliantho”, “Hibisco”,
Flora a que eu dei minha emoção,
Aos pés de atiro, audaz obreiro,
Combusta, seca, feita em cisco,
Ao quente sol do teu “Verão”.
Da “Marcha Fúnebre” ao som morto
E à morta luz de “Olhos Funéreos”,
A que eu entoei meu “Cantochão”,
Melhor me fora achar conforto,
Longe do horror dos cemitérios,
Ao quente sol do teu “Verão”.
Aos “Três olhares de Maria”
(Ai! quem me dera em tais olhares,
Ter o supremo, amplo clarão
Que do teu estro se irradia!)

Quisera orar, erguendo altares,
Ao quente sol do teu “Verão”.
Da minha “Nau Abandonada”,
Na mesma praia em que nasceste,
Que a proa e a popa ardendo vão
À luz de cada estrofe e a cada
Verso em que a rima áurea acendeste
Ao quente sol do teu “Verão”.
“Nau salvadora” em que o milagre
A Pedro fez, piedoso, o Cristo,
Dando-lhe o manto em salvação,
Quero que nela se consagre
Em rito à luz, todo o imprevisto
Do quente sol do teu “Verão”.
Poemas, estrofes. versos, rimas.
Tudo que sinto, faço e penso,
Por morta ou viva inspiração,
Em nada vale às obras primas
Que edificaste ao brilho imenso
Do quente sol do teu “Verão.”

UM DESPACHO ESCABROSO

“De acordo com o edital afixado no prédio n...
da rua Martins Costa, devem comparecer Senhorinha e Helena S. N. à vistoria
pelos engenheiros municipais.
...Mas que vistoria vão fazer os engenheiros?”
A vistoria deve ser completa:
O pé-direito para começar,
O porão habitável, a área infecta,
Tudo isto é simples e rudimentar.
Ai!... se eu fosse engenheiro, em vez de poeta
Iria, com dispensa do auxiliar,
Calculando o valor para a coleta,
À frente e aos fundos de qualquer andar.
Os comentários, pois, assim brejeiros,
Da “Gazeta” não têm muita razão.
Os peritos são firmes e certos.
Em certos casos de Obras e Viação
Não são moles nem nada os engenheiros...
E o próprio chefe deles é um Durão.

UM CONSELHO

Entre a saída do imortal Osvaldo
E a entrada, a pulso, do assistente Moses,

Esta, da ciência, não aumenta o saldo,
E aquela, ao certo, traz males atrozes.
Por bem que de "cultura" arranje "um caldo",
E de aplausos consiga algumas doses,
Baldo de nome e de concurso baldo,
Embalde o aclamam protetoras vozes.
Se por sete anos já serviu, persista,
Pois da ciência a Raquel, Labão astuto,
Há de ter por direito de conquista.
Mas espere, sereno e resoluto,
E sempre esta verdade tenha em vista:
Oswaldo por si só, vale o Instituto.

C. L.

Homem sério, porém politiquero,
De inteligência mais ou menos clara,
É um edil, camarista ou camareira,
De raro estofo e de feição bem rara.
Mais seco do que arenque de fumeiro,
Todo feito em lasquinhas de taquara,
Sacode em contorções o corpo inteiro
E tem puxos de filme pela cara.
Tem um nariz de cinco ou seis andares.
Se ele o entulhasse, num mister diverso,
De bicha, traques, fogos populares.
Faria uma fortuna, - é incontroverso, -
Pois, naquele nariz, turvem-se os ares!
Cabem todos os traques do universo!

F. O.

Tem a doença do som e a fatuidade
De pensar que todo ele, fibra a fibra,
É o sonoro instrumento em que só se há de
Vibrar o canto em que o universo vibra.
No seu queixo que pesa mais de libra,
E dos pêlos na escura densidade,
Pensa que o contraponto se equilibra
À harmonia da capilaridade.
Quando, às vezes, a crítica o abarba
Ele, acudindo ao exigente apelo,
Do ardor de um gênio musical se engarba.
De um filho de Isaú, a cara é o selo,
Pois nem o Padre Eterno tem mais barba,
Nem as onze mil virgens mais cabelo.

O "CASO" DA RUA AGUIAR,
V.C. declara que fala de suas relações com C. somente para varrer a testada.
Dos festeiros de tal festa,
Eu não entendo a embrulhada.
Um deles tem suja a testa,
O outro é que varre atestada?

SOBRE O MESMO ASSUNTO
O estranho caso que a notícia narra
Talvez implique um caso de direito,
Novo entre nós, se for levado à barra
De um tribunal para julgar o feito.
Se a uma data de chão alguém se agarra
Tem, no "uti possidetis", o perfeito
Domínio, sem entrave ou sem amarra,
Se por lei, de tal posse, o tempo é aceito.
Se a tal lei é extensiva, o diga a história,
E se o Direito de Família o esquece,
Os "Salpicos" lhe avivam a memória.
Perguntam eles, quase em tom de prece,
Nesta causa de coisa assim "corpórea",
Se o "utero possidetis" prevalece.

TRÉGUAS
Por esta triste Quinta- feira Santa
Que é, conforme os católicos, de Endoenças,
De tanta dor e de amargura tanta,
Em beijos morrem ódios, desavenças.
Cada braço que se ergue, alto levanta,
Em fé mais viva e mais profundas crenças,
As preces que nos sobem da garganta,
E que entre a terra e os céus erram suspensas.
E é tão bom não se ouvir o horrído grito
Da humana fera que entre os homens passa,
Como a bênção é boa a um ser maldito.
Cesse por hoje, da graçola, a ameaça!
Que o que for mau não passe o dia aflito:
Nada de graças a quem pede a Graça!...

TIRO... QUE FALHOU
"O fim da farsa era fingir o capitalista Oscar de Almeida Gama, que há tempos vinha protegendo ocultamente a atriz Eugênia Brazão, fazendo-o apiedar-se pelo prejuízo que ela sofreu e propor-se a repor as jóias roubadas."

Ora meu Oscar de Almeida Gama,
Você que em tudo tem mostrado tino,
Que de ativo e de esperto ganhou fama,
Foi no arrastão de um truque feminino?

Qual as armas que traz a bela dama
No "Brazão" que por certo é clandestino,
Que você, nelas, todo se derrama
Na ingenuidade incrível de um menino?
Já há pouco tempo foi você no "conto"
De um conto e tanto para a mulherzinha
Dar ao "amant du coeur" que andava pronto.
Jóias, cautela, eterna ladainha!
Você marchou e agora exclama tonto:
Foi-se a cautela... e o caldo da galinha!...

DIA FEIO

Sexta- feira da Paixão, eu creio,
É menos feia e fúnebre, afinal,
Que este dia mais fúnebre e mais feio
Que um pau-d'água a morrer no carnaval.
Diz- me o Mário Valverde: — Não há meio
De fugir desta estupidez igual
A insipidez de que anda todo cheio
O atroz bestunto do Aurelino Leal.
Meia- noite: Até a pena se me encrava
No papel, sem poder chegar ao fim,
Presa de tédio e de canseira escrava.
Saio à porta. Olho a rua. Em torno a mim,
Corta o silêncio a voz do Vaca Brava:
— Morreu meu boi, "o que" será de mim?

PERVERSIDADE

Creio que o João do Norte, o mui formoso
Dono de uns olhos lânguidos, quebrados.
Esteve hoje a amargar o contra- gozo
De ver seus lindos dotes afealdados.
Ele que de Gustavo e de Barroso
Alia os nomes entre deputados,
Teve os seus traços de donzel garboso
Na "Época" de hoje muito mal traçados.
Esse risco só corre quem se exhibe,

Pela tola mania do retrato
Que o senso evita e o pundonor proíbe.
Com João do Norte é bem diverso o fato:
— Por maldade, o Vicente Piragibe
Deu-lhe um carão de criminoso nato.

POISSON D'AVRIL

Não há coisa tão pulha e tão cediça
Como essa de pregar insulsa peta
A primeiro de abril. (É de justiça
Dizer que não há disso na "Gazeta").
Há quem mande anunciar que se diz missa
Por alma de quem vive. Há quem se meta
A enviar pastéis de areia ou de cortiça,
Ou do que lhe dá, acaso, na veneta.
Mas tudo isso é tão velho e tão batido
Que ninguém come do pastel funesto,
Nem ouve a missa pelo "falecido".
Um, porém, teve graça, não contesto!
Foi o "poisson d'Avril" de um "a pedido":
— O Monteirinho declarou que é honesto!

M. A.

É, sem tirar nem pôr, um grande jornalista.
Quando erra ou quer errar, erra com matemática.
Faz uma escaramuça e o jogo salta à vista
Mas não há quem resista à formidável tática.
Torce algebricamente a verdade e conquista
O aplauso até de quem tenha traquejo e prática.
Sei- o mesmo por mim que, apesar de trocista,
Nunca deixo de o ler (restrições à gramática).
Mas, em arte, Jesus! Nem se aproveita a cinza.
Como crítico é igual aos outros. Deixa o suco
E, fibra a fibra, toda a bagaceira espinza.
Todo o crítico é assim, mais ou menos, caduco.
Sendo em arte incapaz, na obra alheia é ranzinza.
— O crítico, em geral, é uma espécie de eunuco.

O. D. E.

Este é o ranzinza- mor, porém no bom sentido.
Monta guarda à pureza e à precisão do idioma.
É o espectro do imbecil, o horror do presumido;
Contra ele a arraia miúda o ódio que tem não doma.
Geninhos da Garnier, geniões de ar sucumbido.

Poetinhas de salão, poetarrões de redoma
Que deturpam a língua, ai deles! é sabido:
O cacete é aforismo e a cacetada é axioma.
Mas este foge à lei (que aliás é conceituosa)
De que a crítica faz só aquele que, perverso,
De produzir, o orgulho e a delícia não goza.
De pena o bico atroz, no vernáculo, imerso,
Se a sabe esmerilhar, sabe polir a prosa,
Se o sabe criticar, sabe compor o verso.

GALERIA

" Bom amigo e senhor doutor Prefeito:
Por intermédio desta Galeria
Nós requeremos, com o maior respeito,
Toda a atenção de Vossa Senhoria.
Não queremos vender bolo e confeito
Aos domingos, depois do meio-dia.
Esse favor pedimos seja feito
Aos empregados de confeitaria."
São os termos do tal requerimento
Que apanhamos, assim a largos traços,
Sobre a eterna questão do fechamento.
E como a idéia é boa, mil abraços
Recebam os rapazes, num momento,
E, com eles, o ilustre doutor Passos.

PANTEÃO DOS SATRAPINHAS

Curitiba — Um de março — Nota urgente.
Panteão dos Satrapinhas. Eu proíbo
Esse deboche tão irreverente,
De me chamarem lá, chefe da tribo.
Cá por mim eu nem era presidente;
Mas o Vicente segurou no estribo,
Então montei, mas não estou contente.
E entrego esta quitanda sem recibo.
Não gosto dessa história de retrato,
Este pensar, já sabem, vem de longe,
Sou inimigo de todo o espalhafato.
Quero ao Bormann passar, que é o nosso Cronge,
As rédeas do governo, e desbarato.
— Doutor Xavier da Silva, vulgo Monge.

V. R. J

Desterro. Vinte e quatro. Está paga a resposta.
Renato do Panteão. Quero que te vantagens
Traçando o meu perfil e a figura bem posta
Dentro dos meus marciais e complicados trajés.
Quanto ao moral, nem... pinto. E o que mais me desgosta.
Anda- me cá um credor a dirigir ultrajés.
Quem me há de vingar é o bom Caetano Costa,
Eu que sou o mais completo e ultriz filho de... Lages.
Chamam- me conselheiro Acácio em Seca e Meca
(Está visto que só os que me querem mal)
Mas eu conseguirei lhes dar uma sapeca.
E me assino sem mais, amigo *et coetera* e tal,
Presidente Vidal Ramos Júnior, Careca,
Tenente- coronel da Guarda Nacional.

O BONIFRATE

Dizia Hugo que Napoleão Terceiro,
Era o Estado terciário de tal nome.
Em tal estado aqui, certo mineiro,
Certo apelido que é imortal consome.
Mas este, de tal fama agora herdeiro,
Nem só de glória sente sede e fome:
Cava como qualquer politiqueiro,
Embaindo a quem quer que a sério o tome.
De ar sisudo, solene e perna bamba,
Numa circunspeção de novo Acácio,
Tem os pés para dentro em ar de samba.
O irmão, ao ver-lhe o aspecto paponácio,
Grita orgulhoso: — Que esplendor, caramba!
É mesmo um Zé com muito Bonifácio!

B. DE M.

Porto Alegre — Urgentíssimo — Saúde
E Fraternidade. Ordem e Progresso.
Viver às claras é a maior virtude
Nosso governo. (O nosso bem expresso.)
Digo nosso porque, por mais se mude
De governo, de juízes, de congresso,
Por mais que aqui o poder tenha amplitude,
Sem a senha Castilhos não há ingresso.
Santo Antônio, São Braz, Santa Matilde
Cá não chegam nem como forasteiros,

O Rio Grande à nossa fé está humilde.
Do Júlio acima, só há dois luzeiros,
Santo Augusto e a imortal Santa Clotilde.
O presidente, Borges de Medeiros.

MORTALHAS
(ESPARSOS)

DEDICATÓRIA

(Numa página de livro)

Não fora o medo de uma rima em igre.
E, nela, eu moldaria este soneto.
Mas vejo o caso preto, mas tão preto,
Que a própria tinta preta mais denigre.
Eia! Alma à larga! O medo, dela, emigre
Pois lá acima, já está, pronto, um quarteto,
E eu creio bem que, dando um tom faceto,
Alcanço um D. Xiquote e amanso em tigre.
Bem! Vou ver se consegue este terceto
Que o verbo "denigrar" para ele imigre
(O "denegrir" já foi metido a espeto).
Que um não denigra e que outro não denigre
A intenção de ofertar este folheto
Ao talento sem, par do Bastos Tigre.
Um tal caso me foi contado a sério
E tanta graça nele achei, mas tanta,
Que não guardo segredo nem mistério
Como pede um amigo do Marroanta.
Este, cedendo do desejo ao império
De conhecer a tal mulher gigante,
Procurou com cautela e com critério
Ver de perto a Abonah que às mais suplanta.
Ergo o entusiasmo quanto posso. Alcance- o
Quem o quiser e, dele, à altura suba,
Conforme diz o nosso amigo Amâncio.
Só sei que disse sacudindo a juba:
Bela, para mulher do Henrique Câncio
Ou para proa do Comandutuba!

GASTON D'ARGY

Fon-fon, Rio de Janeiro, 18 ago. 1909

À recepção do Palácio do Catete, deixaram de comparecer todos os civilistas, mesmo os que foram especialmente convidados pelo eminente Dr. Nilo Peçanha.

(De uma notícia dos jornais)

Ora pipocas! Esse estranho caso
Tão debatido, das candidaturas,
Obriga os homens, pondo tudo raso,
Aos mais tristes papéis e às más figuras,
Tão descabido e insólito devasso,
Certo, merece as expressões mais duras,
Pois nos dá provas do evidente atraso
Do bom- tom nas políticas alturas.
Levar às grosseria o fanatismo,
Entre gente de boa sociedade.
Chega a ser atestado de idiotismo!
Ninguém conhece esta disparidade:
Um tal excesso assim de "civilismo"
Com tanta falta de civilidade!

A Argentina faz da nomeação do Dr. Zeballos para o Congresso Pan- americano, uma questão de honra nacional.

(Da Prensa)

Nada de raivas, ódios e rancores
Contra as provas de afeto da Argentina,
Que para nos livrar dos dissabores
Escolhe um estadista papa- fina.
Da vizinha, entre os grandes oradores
Nenhum existe que melhor defina
Num congresso qualquer os seus amores
Por estes "macaquitos" que ela ensina.
Rebadalando vinte mil badalos
Para mostrar-lhe quanto está contente
Deve o Brasil, à língua, dar estalos.
Além disso, a Argentina (isto é eloqüente)
Se a tal congresso, manda um tal Zeballos,
Prova que ela, coitada! — não tem gente.

GASTON D' ARGY

Fon-fon, Rio de Janeiro 2 set. 1909

"O Sr. Érico Coelho, impressionado, naturalmente, com o escandaloso desenvolvimento do jogo nesta capital, apresentou, ontem, à Câmara, um projeto de regulamentação deste vício.

.....
Não cremos que o projeto mereça parecer favorável da respectiva comissão e muito menos aprovação da Câmara."

Tenham paciência, amigos do Correio!
Esse caso está torto, torto, torto,
E, desta vez, vocês fizeram feio,
Mas um feio, mais feio que um aborto!
Eis a verdade: lá que não há meio
De ver, por uma vez, o jogo morto,
Tire-se dele, ao menos, o custeio
De asilos para os que não têm conforto.
Zarpar o pão de Açúcar barra fora,
O Paranapiacaba ser fedelho,
Ver o Monteiro Lopes cor da aurora.
É mais fácil que, em jogo, ouvir conselho!
Logo, se os vícios, o vicioso adora,
Pague os vícios, e: Viva o Érico Coelho!

Vindo do Sul chegou ao Rio de Janeiro o Sr. Oito Muller, maquinista alemão que mede a bagatela de 2m25 de altura! É um homem ruivo e sardento e muito possante apesar de magro.

(Dos noticiários)

Foi-se a Abonah de colossal memória
Que, andando, percorria todo o espaço
Que vai da Lapa até o jardim da Glória
No simples movimento de um só passo.
O que a tornava ainda mais notória
Era a cor do seu couro escuro e baço
Enquanto que o Teotônio passa à história
Pela cabeça fulva de mormaço.
O vácuo que ela deixa está preenchido
Pelo tal alemão que, se não erro,
Dos homens é, no mundo, o mais comprido.
Ao vê-lo ruivo e magro, ouve-se um berro:
Deste, o Lopes Trovão é o pai querido
E a mãe é a cábreia Marechal de Ferro!

GASTON D'ARGY

Fon-fon, Rio de Janeiro, 21 sei. 1909

I

Apesar de ser longo, amplo e brilhante,
Acho que o manifesto foi omissivo
Num ponto principal e que por isso,
O civilismo está periclitante.
Mestre Rui, quero crer, está confiante
No "preparo" e no mágico feitiço
Do seu verbo flamívomo e castiço
Que põe sempre o auditório delirante.
Mestre Rui, saiba entanto que, auditório
Quando, depois de ouvir, calmo sereno,
A frio o exame faz do palavrório,
E entra, dos preparados, no terreno,
Prova melhor que o tal Laboratório
Que até nos mais inócuos há veneno!

II

Além disso, outro caso aqui se impunha
E era: "Confiar, mas sempre desconfiando",
Porque, no teatro, a enchente vai à cunha,
Porém, nas urnas, se dispersa o bando.
Mulher não vota: assiste, é testemunha.
Ora, mostrar a esmola não n'a dando.
É coisa que, por ter tão forte alcunha,
Não n'a registro em verso frouxo e brando.
Depois, o eleitorado em sua essência,
Se é preparado, briga, e, se é tranqüilo,
Porque lhe falta o estímulo da ciência,
Vota e não quer saber disto ou daquilo:
Não pesa toneladas de eloquência
Nem quer medir quilômetros de estilo!

GASTON D'ARGY

Fon-fon, Rio de Janeiro, 9 out. 1909

"... porque vêm de longe as cenas de selvageria nas eleições do Rio de Janeiro, entendem alguns que nos devemos conformar com esse estado de coisas, renunciando a qualquer tentativa de reforma".

GIL VIDAL

Enquanto o voto, que é função de crítica
Alta função do senso e da moral,
Da inteligência lúcida e analítica,
For exercido por qualquer boçal,
Hão de rir os patifes da política

Que ensangüentam esta capital,
Explorando a ilusão fasa e jesuítica
Do estafado sufrágio universal.
Por isso ó caro Gil Vidal, emprega
O teu talento e a tua sã razão,
A ver se se transforma esta bodega.
A não ser isso, faça-se a eleição
Para evitar depois o pega- pega,
No local apropriado: a Detenção...

... afinal as iniciais — R.B. — estavam incompletas; faltava um P., pois o catafalco visto pelo novo profeta era o do Coronel Rodolfo Pau Brasil, cujo falecimento deu-se há exatamente trinta dias.

(Dos jornais)

O R.B. da sinistra profecia,
Coitado! — era o Rodolfo Pau Brasil,
Que, com tanto saber, não saberia
Prever exploração tão baixa e vil.
Ninguém, melhor que nós o conhecia:
— Dentro daquele bojo de barril,
Vivia ao lado da sabedoria,
A alma do homem mais fino e mais gentil.
Poliglota estudioso, destro e terso,
Nunca teve na vida, um gesto mau!...
Velho, era ingênuo qual saiu do berço!
Morre e um malandro que dá aos mais quinau,
Vem retirar-lhe, ao nome, o médio terço
De que precisa para o lombo: — o Pau!...

GASTON D'ARGY

Fon-fon, Rio de Janeiro, 11 out. 1909.

A propósito do ato do Sr. Ministro da Viação, tomando providências no sentido de designar os nomes das Estações da Estrada de Ferro extraídos da nossa flora e fauna A República publicou: "Assistimos no Paraná a anomalias trazidas pelas companhias de S. Paulo, Rio Grande e S. Francisco a Iguazu, com as mudanças de denominações a locais que o tempo consagrará, para nomes de engenheiros, Ministros, chefes de turmas e até de judeus capitalistas. Acrescenta aquele jornal que ser mudado o nome da estação de Ponta Grossa para o de Roxo de Rodrigues foi o cúmulo."

(Telegrama de Curitiba)

I

Gaston d'Argy não faz engrossamento

Nem conhece o Doutor Francisco Sá.
Mas, no elogio tem contentamento
Quando, nos casos, qualquer caso está.
Bela idéia! E tem todo fundamento!
Venha, em vez de Calmon "Jacarandá!"
"Arara" tem, muito mais breve assento
Que Calógeras, Muller ou Serjat.
Dar à bela região de Ponta Grossa
Do Roxoroiz o nome áspero e cru,
Só por enorme, formidável troça!
Ó Roxo de Rodrigues! Queres tu
Ficar na ponta, para quem te engrossa?
Eu te aconselho a Ponta... do Caju!

II

Mudo de idéia e de princípio agora,
Como a Jacarandá, muda o Calmon,
Porque, afinal, por este mundo afora,
Atualmente, engrossar é do bom- tom!
Engrossar é a função que mais penhora
E a chaleira, a ferver, dá o belo som,
De um turíbulo em que a vaidade mora
Como diz certo amigo do Fon-fon!
Engrossemos, portanto! A coisa é boa,
Pois da Copacabana até o Pharoux,
Desde a Praia Pequena até a Lagoa,
Do alto do Corcovado ao Cabuçu,
Por toda parte, enfim, cresce e reboa
O humorismo imortal do Sans-Dessous.

GASTON D'ARGY

Fon-fon, Rio de Janeiro, 16 out. 1909

"O Sr. Ministro da Agricultura mandou que o Sr. Augusto de Azevedo Marques sele o requerimento e documentos pedindo subvenção, doação de máquinas agrícolas e dinheiro para o Burgo Sociocrático de Bail, que fundou em Aparecida, etc."

(*D'O Paiz*)

Tal bendengó não peca por modesto.
Azevedo não quer meia porção;
Marques quer tudo, tudo e mais um resto,
Não aceitando o pouco que lhe dão.
No erário avança com tão largo gesto,
Tão longo braço e tão crescida mão,

Que o mundo inteiro geme num protesto,
Comprimido nas garras da ambição.
Mas não compreendo do ministro os zelos,
A implicância que chega a ser teiró
Não deixando arrancar couro e cabelos.
Por pouco, o Marques, apertando o nó
Não pediu logo, previamente, os selos
Para selar aquele bendengó!...

"O Dr. Barbosa Lima diz, em seu magistral discurso, que se é levado a perguntar, em relação a alguns membros da Assembléia Fluminense, se são homens públicos ou mulheres públicas."

(Pingos e Respingos)

A que estado chegaste, nobre terra,
Dos Itaboraís e de outros tantos,
Que impuseram por todos os recantos
Da pátria, a glória que o teu nome encerra!
Da fecunda planície à feraz serra
A riqueza estendia régios mantos,
E transformava, em mágicos encantos,
A política audaz que hoje te aterra!
Recinto augusto! Berço da áurea herança,
Dos estadistas de mais raro brilho,
Que o teu passado tenhas na lembrança!
Do contrário, ouvirás, sempre, o estribilho
De quem, odiento, a pecha assim te lança,
De que, em vez de assembléia, és conventilho!

GASTON D'ARGY

Fon-fon, Rio de Janeiro, 30 out. 1909

PROFECIAS...PROFECIAS...
Quem quer na própria terra ser profeta,
Basta ouvir as lições do Monjardim,
Porque se o cabra é caradura ou poeta,
Em breve alcança o desejado fim.
Diz o Monja que o público é pateta
E a prova do que diz, falando assim,
É que temos a imprensa toda inquieta
Ante o que afirma qualquer malandrim.
Mas é preciso que esta coisa finde,
Que a exploração acabe de uma vez
Pois de profetas o Brasil prescinde.
E se R.B. sofrer algum revés,

Ao mágico a polícia faça o brinde
De uma data espaçada de xadrez.

"O governo deu plenos poderes ao Dr. Júlio Furtado para as obras de ressurgimento do Parque da Boa Vista que há anos se acha em deplorável estado de abandono".

(Dos noticiários)

Bendita sejas, doce primavera
Que idéias tais prodigamente espalhas,
Da governança na cachola austera!
— Vens corrigindo da rotina as falhas!
Ora, afinal de contas! Quem me dera
Louvar sempre, nas míseras Mortalhas
De coração aberto e alma sincera,
Tudo que, da censura, fuge às malhas!..
Do Nilo quase acaricio o rosto!
O régio parque outrora decantado,
Dir-se- ia que, também, fora deposto...
Um bravo! a quem, num gesto alevantado,
Confia essa grande obra ao fino gosto
E ao saber do Doutor Júlio Furtado...

GASTON D'ARGY

Fon-fon, Rio de Janeiro, 6 nov. 1909

"Frei Cirilo, de São João d'El- rey, não deixava deter razão, querendo excomungar Nina Sinzi. Ele é que estava com a boa tradição."

(M.A., Gazeta de Notícias)

Não é caso por certo, para espanto
Que Frei Cirilo, como qualquer frade,
Se insurja contra o feminino encanto
Que lhe perturbe o cheiro à santidade.
Qualquer frade, compondo ares de santo,
Que é um poço de virtude e castidade
Afirma sempre, e muito bem, porquanto
Ninguém sabe da missa nem metade.
Jura, por Deus, que toda a saia o aterra
Implorando castigo as mãos estende,
Urra, ruge, relincha, ronca, berra!
Porém do fato o que ninguém compreende
É que se tenha dado — onde? — na terra
Do padre Severiano de Rezende!...

"No edifício do Largo da Mãe do Bispo estão funcionando dois Conselhos Municipais."

(Dos noticiários)

Certo "pau-d'água" que um pifão tremendo
Tomara, tudo em duplicata via
E assim, de dupla vista um poste vendo:
"Tão perto um doutro, dois lampiões" dizia.
— "Mas eu por pouca coisa não me prendo;
Vamos! o centro deve ser meu guia!"
Avança e a testa ao poste em choque horrendo
Bate: "Deste do meio eu não sabia!"
Ao contribuinte que anda meio tonto
Por tanto imposto que lhe cai no pêlo
Apliquemos agora aquele conto.
Na duplicata do Conselho, é vê-lo
Ir pelo meio a ver se escapa e pronto,
Passa entre os dois mas cai no Serzedelo!

GASTON D'ARGY

Fon-fon, Rio de Janeiro, 27 nov. 1909

"Ao entrar na repartição, o Sr. Dr. Tosta foi recebido festivamente pelos empregados, que atiraram sobre S. Ex.a pétalas de rosas e de flores."

(De uma notícia)

Pego alegre também no enorme bico
Da chaleira postal do Doutor Tosta.
Ele galgou da fama o extremo pico,
Da Reforma trepando a rude encosta.
Pudesse eu e lhe dava um mimo rico,
Indagando de que é que ele mais gosta;
Mas não entendo e surpreendido fico,
Ante a reforma vegetal imposta.
Desde Plínio, o Antigo, a De Candolle
Desde Frei Leandro até o Doutor Barbosa
Rodrigues, e até, deste, à sábia prole,
Que se diz ser a rosa flor famosa
Mas hoje, que a botânica se amole
Pode ser tudo menos flor a rosa!...

Já?... Sabemos que o Sr. Inspetor Geral das Obras Públicas pediu ao Sr. Ministro da Viação e Obras Públicas autorização para mandar proceder à obra de reparo de que precisa urgentemente o Pavilhão Monroe.

(De uma vária do Jornal do Commercio)

"Já!" Pergunta o Vovô. — Pergunto, "ainda?"
Ainda há quem gaste com tal monumento
De colunas, floresta que não finda,
Prática má de um teórico talento?
Que o erário público, afinal, prescindia
De gastar mais vintém nesse portento,
Piece-montée, de clara de ovo, linda
Batida a açúcar para casamento.
Gateau soberbo de confeitaria
Nele já se gastou, ninguém diria,
Uma fortuna, por capricho fútil.
Quando sobre ele, o meu olhar assesto
Vem-me à lembrança um certo manifesto:
Grande, enorme, solene, mas... inútil.

GASTON D'ARGY

Fon-fon, Rio de Janeiro, 4 dez. 1909

Era uma vez um cão inteligente
Que aos pés do dono, quieto, ressonava
Mas que fez escapar subitamente
Ruidoso gás que à tripa acumulava.
Compreendendo quanto era inconveniente
E que o próprio dono por isso o castigava
Ao próprio rabo mostra afiado dente
Dando à cara expressão severa e brava!
Da Argentina a imortal diplomacia
(Eu desta descoberta aqui me gabo)
No tal caso do Chile assim dormia!
Mas coitada! — foi mesmo obra do diabo;
Acorda e, vendo a rata que fazia,
Vira o focinho e rosna ao próprio rabo!

A Prensa, irritada com o "rabo de arraia" que levou, etc., etc.

(De um telegrama de Buenos Aires para o Jornal do Commercio)

Deus me defenda de pensar, de leve,
Em faltar o respeito ao venerando
Vovô da imprensa, muito menos, quando,
É papai apesar da muita neve.
Todo rapaz que nos jornais escreve,
Quem trilha o trilho que aqui estou trilhando,
Acatamento e reverência deve,
Aquela voz já exausta de comando.
Grave, sério, sisudo e até sombrio,

Nunca andou de vadiagem, à gandaia,
E sempre foi, no maior fogo, frio!
Mas agora, esse tal "rabo de arraia"
Que nos cheira a telégrafo sem fio,
Se não é troça, está pedindo vaia!...

GASTON D'ARGY

Fon-fon, Rio de Janeiro, 4 dez. 1909

I

"A Detenção e o Hospício Nacional de Alienados são as provas mais frisantes das
devastações que o álcool vai produzindo entre nós."

*(De uma carta do presidente da "Associação anti- alcoólica do Brasil" à Gazeta
de Notícias)*

A leitura do tópico tremendo
A lembrança me trouxe uma anedota
Velha, tão velha quanto aquela bota
Que era toda o Larousse do remendo.
Certo alcoolista, um sábio artigo lendo
De um médico alemão de grande nota
Contra o álcool, diz em compunção devota:
"Como ele prova quanto o vício é horrendo!"
E acrescenta: "A verdade em mim desperta!
Eu não quero pelo álcool cair morto,
Vou dizê-lo bem alto e de alma aberta!
Tal leitura me traz tanto conforto,
Que vou beber saudando a descoberta
Três garrafas de bom vinho do Porto!..

II

"Certamente os sócios da Liga contra o álcool beberam apenas refrescos
frapées, mas o resto da população engorgitou litros, barris, tonéis de cerveja."

(Editorial da mesma Gazeta de Notícias)

Viram? O caso até parece peta!
Quem leu acaso, ao lado, o outro soneto,
Vê que comigo, está fazendo um dueto
A séria e severíssima Gazeta.
Se de um lado, lhe veio hoje à veneta
Mostrar do vício o fúnebre esboceto,
De outro lado vai dando, em tom faceto,
Reclame à clara, à escura, à mista, à preta!
É que não tem razão a velha rixa
De quem, às claras, bebe por capricho,

Com quem, ocultamente, escorropicha:
Do barril de bom chope, ao claro esguicho,
Depois de salgadíssima salsicha,
Deixem lá que é bem bom matar o bicho!...

GASTON D'ARGY

Fon-fon, Rio de Janeiro, 18 dez. 1909

CONTO-DO- VIGÁRIO ÀS AVESSAS

Passou- me o Altino o conto-do- vigário...
Tudo o que dele meu ouvido ouviu
Antes de ouvi-lo, ouvindo-o era um rosário
De estofados chavões ao desafio.
Medíocre, enfatuado, autoritário.
Gosta ele de humilhar o alheio brio,
Diziam, apesar juízo contrário
De Sousa Dantas e do João do Rio.
Tinha, centra ele, atrás da orelha a pulga:
Assim faz quem palmilha errada pista
Ou leis alheias, sem as ler, promulga.
Mas hoje, por direito de conquista,
Tem a minha opinião que, calma, e julga
Um perfeito arcabouço de estadista.

ESPARSOS E INÉDITOS

POESIA LÍRICA

TUAS TRANÇAS

A'....

Tudo o que eu vejo, me rodeia e fala,
Desde o arrulo das pombinhas mansas
Até dos sinos o tanger monótono,
Venham falar- me de tuas longas tranças...
Ai quantas noites em que o luar flutua
E a brisa geme dos pinheirais nas tranças...
Eu vou sozinho, soluçando a medo
Beijar a sombra de tuas negras tranças
Ai... a lembrança dessa noite infinda
Em que voavas na rapidez da valsa
Deixou minh'alma retalhada em dores
Preso nos elos que essa trança enlaça;
É que inda hoje eu conservo intactas
As doces frases do valsar em meio
É que inda agora julgo estar sentindo
Arfar teu seio em delirante anseio;
O doce hálito que exalavas rindo
As meigas falas... o teu sorrir de então
Ai... tudo... tudo para mim recorda
Louca esperança que alimentava em vão.
É que eu nutria essa esperança frívola,
Falsa quimera que se esvai e finda,
É que eu te adoro, te venero, santa
E curto em silêncio essa dor infinda
Por isso eu hei de como sempre amar- te
Preso nas chamas que do ar tu lanças
Dizer- te, sabes o que eu desejo, louco?
— Morrer envolto nas tuas negras tranças.

Dezenove de Dezembro, Curitiba, 28 mar. 1886.

CONSOLO

Tudo!... tudo morreu, mas n'alma brota Uma esperança ainda.

SÊNIO

A alma aberta... e chega- me a saudade
Do meu amor — coitado! — a enchê-la... a enchê-la...
Como me enchia o peito a felicidade
Dos bons sorrisos, dos carinhos dela.
E o martírio e a tristeza agora é tê-la
Ausente — ausente!... e a cruel vontade
Que avulta e eu a tenho e é de vê- ia,
Inda mais cresce aqui na soledade.
Mas nesta ausência em que — só de pensar —
Sinto que a vida vai-se me acabando,
Inda vem- me — feliz! — acalantar
As esperanças que ela dava quando,
— Cego de amor que a luz vai mendigando —
la pedir-lhe a esmola de um olhar.

CASTRO

Dezenove de Dezembro, Curitiba, 1 jun. 1887.

SÚPLICA

Deixa esses mortos graves, quero a luz desse olhar que me consola.
(L. CORREIA: "Canção" — Volatas)

Se o teu olhar me conta, magoado,
Quando a dor me tem feito dentro d'alma,
Inda que o lábio cale, descorado,
Este martírio que o teu riso acalma,
E se deste sofrer encontro a palma
No teu piedoso riso, imaculado,
Por que não voves à alegria, à calma?
Por que me deixas triste e amargurado?
Descerra o lábio! A dor, o esquecimento;
Lança- me o sol do teu sorriso, basta
Para aquecer- me a alma em desalento.
A nuvem do pesar do rosto afasta:
— longe de nós a mágoa, o sofrimento;
Limpa- me o céu da tua frente casta!

Gazeta Paranaense, Curitiba, 20 set. 1887.

A UM RETRATO

Até vós! até vós! talismã sagrado
Daquele morto amor, daquele amor eterno,

Ides deixar- me só, e triste, e abandonado!
Ó meu fiel amigo, inseparável, terno!
Oh! meu leal companheiro, oh! testemunho amado
Deste sofrer sem termo, este martírio interno;
Até vós! até vós! a quem só hei confiado
Os meu dias de céu e os meus dias de inferno,
Ides abandonar- me, ides voltar contente,
Sujeitar- vos, feliz, ao doce julgo dela;
Mas quero que volteis tão límpido e nitente,
Que na morta expressão de vossa fronte bela
Não se note o vestígio, — esse vestígio ardente —
Das lágrimas de dor que derramei por ela!

Gazeta Paranaense, Curitiba, 23 set. 1887.

ASPIRAÇÃO

De uma vida sem fé ao glacial inverno
Furtei- me sacudindo o gelo da descrença.
Aquece-me outra vez este calor interno,
Anima- me outra vez uma alegria intensa.
Sinto voltar- me a minha antiga crença,
Creio outra vez no céu e no descanso eterno,
Pois creio em teu olhar, e na ventura imensa
Que ele encerra, e me mostra apaixonado e terno.
E quando deste corpo a alma arrebatada
Seja, e procure, flor, essa região sagrada
Que aos bons é concedida, esplêndida, a irradiar,
Aos sons celestiais de apaixonado hino
Abra-se para ela, olímpico, divino,
O infinito céu do teu sereno olhar.

Gazeta Paranaense, Curitiba, 16 nov. 1887.

O VIOLINO

São, às vezes, as surdinas
Dos peitos apaixonados
Aquelas notas divinas
Que ele desprende aos bocados...
Tem, ora os prantos magoados
Dessas crianças franzinas,
Ora os risos debochados
Das mulheres libertinas...

Quando o ouço vem- me à mente
Um prazer intermitente...
A harmonia, que desata,
Geme, chora... e de repente
Dá uma risada estridente
Nos "allegros" da Traviata.

A UM PESSIMISTA

Olhas o céu e o céu, todo em atra gangrena,
Se te mostra corroendo as rútilas esferas.
Baixas à terra o olhar e a terra, em outras eras,
Plena de gozo e amor, ora é de horrores plena.
Sangra a etérea região, sangra a região terrena
E o horizonte, que as une, inda mais dilacera- as.
E as próprias linhas — louco! em que a sânie verberas,
Podres vêm ao papel, podres brotam- te à pena.
Mas, se ao céu e se à terra, e se ao horizonte e ao verso,
Asco e náusea tressuando, a podridão atrelas
E nela vês tombar e fundir-se o universo,
Sobe do chão o olhar, baixa- o das nuvens belas
E volve- o dentro em ti, pois fora o tens imerso
Na própria irradiação das tuas próprias mazelas.

Diário do Comércio, Curitiba, 23 mai. 1891.

DIAFANEIDADES

Brumas, névoas, no espírito doentio
Passem- me, embora veladoramente,
Tu surgirás eterna flor do estio,
Radiante, rubra, tentadora, ardente.
Toldem- me a vista sóis, e fio a fio,
Trama ofuscante me perturbe a mente,
Eu te verei, eterna flor do frio,
Fria, polar, consoladora, albente.
Visão de fogo, aparição de gelo,
O mágico poder, estranho e raro,
Dás- me de tudo a ver, nítido e belo.
Pois tudo em ti, de amor abrigo e amparo,
Faz-se como este amor que tu'alma fê-lo
Diáfano, leve, transparente, claro.

EMILIA DE MIRANDA NETO

Revista Ilustrada, Rio de Janeiro, 2, ago. 1893.

LESMA

Passas. Ouço o rugir do vento que te leva!
Quando, da Arte, me ajoelho, no místico delubro
Tu vens, lúdico arfando, e ao espaço, a crocitar na treva.
E o impotente, o bêbado eu descobro.
Alimenta- te a inveja. O despeito te ceva.
O álcool atou- te a voz rouca e deu- te esse olhar rubro,
Que é o único clarão que do teu ser se eleva.
Mísero, a que do orgulho do régio manto encubro.
Anda! Beija- me nos pés, a clâmide inconsútil.
Eu piedoso Ca estendo ao desespero inerme!
Tu não és venenoso, o teu esforço é inútil!
O teu dente sutil não me passa a epiderme,
Oh! fonte do banal! oh! nascente do fútil!
Larva! tens o perdão! Tens a piedade, oh! verme!

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, ago. 1903.

INSTANTE NEGRO

Anda, acima de nós, na abóbada infinita
Em sinistro remígio, algum sinistro corvo
Que grasna ao nosso mal e à nossa dor crocita
Pondo, entre nós e o sol o seu feral estorvo!
Anda, abaixo de nós, uma víbora aflita
Que assalta o nosso sangue e o suga sorvo a sorvo!
A terra é para nós uma furna maldita.
O céu é para nós um teto negro torvo!
Terra e céu, contra nós, se conspiraram ambos.
A vida é um volutabro, e o sofrer não se exprime
Com que andamos por ela esfalfados e bambos.
Nem mais ao próprio poeta há um amor que o reanime,
— Em vez dele hoje entoar, *himnos e dithyrambos*,
Canta a glória suprema e a volúpia do Crime!...

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 12 jan. 1904.

ELA

"Amar, amar, eternamente amar."

É bela e sedutora! Seus olhares
Muito meigos, serenos, — um portento, —
Representam-me fúlgidos altares,
Onde vou suavizar os meus pesares,
Na muda invocação do pensamento...
Seus lábios de carmim, sempre sorrindo,
E dos dentes mostrando a fina alvura,
Exornam mais e mais seu rosto lindo,
Esse rosto sem par, de encanto infindo,
O Sacrário sublime da ternura.
Seu corpo donairoso de princesa,
D'uma graça indizível modelado,
É a imagem perfeita da beleza,
Ante a qual, com respeito e singeleza,
Eu me curvo e confesso apaixonado...
S. S. Carlos

GASTON D'ARGY
O Malho, Rio de Janeiro, 14 dez. 1907.

NATAL

Não há talvez no Calendário, um dia
Como este vinte e cinco de Dezembro,
Em que a própria velhice se avigora
Da lembrança à dulcíssima caudal!
Moço, nele, a esperança me fulgia,
Velho, nele, ainda exclamo: bem me lembro!
Sinto que vivo numa eterna aurora
Neste glorioso dia de Natal.
Passam-se as horas todas, dentro, apenas,
De um pequenino e colossal minuto,
De um minuto que encerra, hora por hora,
O Tempo imperecível e imortal.
Nem ouço a voz de minhas próprias penas
Só do supremo Bem os sons escuto!
— Vibra dentro em meu seio a eterna aurora
Na glória deste dia de Natal!
Os séculos são nada, ante este imenso
Porém diminutíssimo segundo,
De que eles brotarão, tempos em fora,
Como as caudais de escasso manancial!
De anelo e gozo, num fervor intenso
Em suavíssima luz meu ser inundo!

Canta dentro de mim da eterna aurora,
A glória imorredoura do Natal.
É que não tem o Calendário, um dia
Como este vinte e cinco de Dezembro
Em que a própria velhice se avigora,
Da saudade à dulcíssima caudal
Velho, nele, inda exclamo: ó se me lembro!
Mas de mim vai fugindo a eterna aurora,
Deste saudoso dia de Natal!...

GASTON D'ARGY

Fon-fon, Rio de Janeiro, 23 dez. 1909.

AO TIRO RIO BRANCO

"Ide, galharda flor da Paz armada em Guerra!
Ide, gloriosa flor das gloriosas legiões,
Que a mocidade em si, neste momento encerra,
Como encerra o alto céu áureas constelações.
Que desde a orla marinha às quebradas da Serra,
Que dos Campos Gerais às fecundas Missões,
Que onde começa e finde a vossa amada terra,
Vibre o entusiasmo, a encher os vossos corações!
Da mais ampla campina à mais densa floresta,
A natureza ali, toda rebrilhará
Ao fulgor imortal que o vosso brilho empresta.
Ide, que já pressinto, ide que escuto já
O vosso berço entoar, nos mesmos sons de festa,
Num hino a Rio Branco, um hino ao Paraná!"

1910

1891-1915

NO ÁLBUM DE CORDÉLIA MURAT

Aqui não quero ver- te a formosura
Na glória da mulher bela e perfeita.
Ao ler- te o nome, a mim se me afigura
A Cordélia de todos nós eleita.
A Cordélia que a cada travessura,
De menina risonha e satisfeita,
Dava o clarão de um sol a uma alma escura,
Dava a amplidão de um céu a uma alma estreita.
Crescente. És mulher forte e bonita

E o sangue adulto que hoje te avigora,
Mal recorda a Cordélia pequenita.
Eu, porém, só te vejo como outrora.
É que a velhice a recordar me incita:
Sou tarde. És meio-dia. Eu lembro a aurora...

O Pirralho, São Paulo, 6 fev. 1915.

ESPUMAS

(Lendo Amadeu Amaral)

Na aparente quietude ou plácido remanso
E ao suavíssimo olor com que os versos perfumas,
Se lanço alegre o olhar, se úmidos olhos lanço,
Vejo que a luz do sol não n'a encobrem as brumas.
Abaixo, assim, do leve e ondulado balanço
Da superfície espilmea, eu sinto, umas por umas,
As grandes emoções de oceanos sem descanso,
Estudando ocultamente à aluvra das espumas.
Mas nem sempre a avistar tênue espiral de fumo
Se prevê que à floresta, ao requeimar das franças,
Mortos, só restarão os troncos nus a prumo.
Não, que é chama fecunda essa a que te abalanças!
Do que foste, és, serás, o teu livro é o resumo:
Nobres recordações, certezas, esperanças.

O Pirralho, São Paulo, 7 ago. 1917.

"Entretanto, é intuitiva a impropriedade da escolha do uniforme da Cruz Vermelha para festejos carnavalescos. Esse uniforme foi sempre e é, com especialidade neste momento, uma cousa sacratíssima. Ele simboliza a abnegação de milhares de senhoras nestes dias de amargura".

(Da seção "Salpicos", de Emílio de Menezes, na *Gazeta de Notícias*)

À excelsa Sra. Gaby Coelho Neto
Senhora! Aos vossos pés aqui se ajoelha
Não do humorismo a brincalhona musa,
Mas uma alma que à vossa alma se cruza
Ante a bondade ideal que em vós se espelha.
A Santa Instituição dai a centelha
Da vossa caridade ampla e profusa.
Não podeis insistir nessa recusa
De dar o vosso esforço à Cruz Vermelha.
As que, ingênuas, profanam em folia

O símbolo sagrado, eu as contemplo,
Como cegos a quem falece um guia.
Vinde senhora a dar o grande exemplo
De vosso amor, blindado de energia;
Vinde e Correi as más irmãs do templo!

A JÚLIO FURTADO

Enquanto a idade fria e indiferente,
Os teus cabelos, pérfida, descora,
O teu trabalho e o teu esforço ingente
Cercam? te a frente de perpétua aurora.
É que teu viver religiosamente
Nas oficinas em que se elabora
A grande força rejuvenescente
Da natureza, no esplendor de Flora!
Flora te é grata, Flora te reanima,
E te confere a eterna mocidade,
Porque, em seu culto, ergueste uma obra? prima.
Teu nome jeito não conhece idade:
É imorredouro para a nossa estima
E para a gratidão desta Cidade!
Homenagem do "Centro dos Veleiros"

Tu que hoje caís no misterioso abismo,
Depois de incerta e tropeçante viagem,
Por teu amargo e mórbido humorismo,
Eras do nosso meio a própria imagem.
Não te valendo o musical lirismo,
Não te valendo o apuro da linguagem,
Foste arrastado pelo pessimismo,
Que ataca os que perderam a coragem.
No entanto, o verso teu era um escudo
De ouro polido e de cristal perfeito,
Que ora chamava ao sonho, ora ao estudo.
Tu, que vítima foste deste estreito
E torpe meio, que avassala tudo,
Descansa em paz no derradeiro leito.

EM VIAGEM

Ao fulgor sideral desta noite radiosa,

Foi que te vi partir, indiferente e fria.
Como que entre nós dois, em turbilhão, raivosa,
A avalanche do. Pólo um mar de gelo abria.
E eras tu! Eras tu! pois, no meu peito, ansiosa,
Um maelstrom de amor minh'alma percorria;
E tudo em mim vibrava essa canção saudosa
De tristeza e de fel que o meu lábio exprimia.
Mas, que importa a glacial, a rude despedida,
Se dentro d'alma, alegre, o teu perfil risonho
Levara o resplendor que me aureoleia a vida?
Que importa eu seja, agora, o espectro tristonho
De uma antiga paixão imensa e indefinida,
Se ainda tu és a luz do meu único sonho?

Vetusta catedral que, ao tempo, te esborcinas,
Choras a torre audaz que, aos céus erguendo a agulha,
Os mistérios e os bens, de que a Igreja se orgulha,
Do alto mostrava aos fiéis, nas sonoras matinas.

já, de ti, longe vão as práticas divinas
Com que davas ao incréu a sagrada fagulha
E ainda julgas ouvi? u'a, em fragorosa bulha,
A oscilar no teu flanco e a desfazer? se em, ruínas.
Abateste, eu me lembro, à tarde, de repente,
Dourando, no clarão de um último arrebol,
O pó que te envolveu sutil e refulgente!
Torre morta! Afinal, do orgulho, no crisol,
Tombaste amortalhada, ampla e gloriosamente,
No purpúreo esplendor da agonia do sol!

AO DOMINÓ VERMELHO

— "Maldito seja todo o anonimato!
Seja maldita a máscara que encobre
O rosto que de uma alma é o fiel retrato!
Que a maldição suprema se descubra
Por essa festa em que a paixão mundana
Afasta todo o sentimento nobre!
Maldito todo aquele que se irmana
Aos que se entregam pela fantasia
A essa apoteose da loucura humana!"
Assim fala no meio da alegria
Que a alma nos enche neste ardor da festa,

Do seu refúgio, a voz da hipocrisia!
Essa voz que' os ouvidos nos molesta
Felizmente a consciência não invade
Dos que ao prazer se atiram com alma honesta,
Esses sabem que a tua caridade,
Por anônima ser, é mais sincera,
O fanal da viuvez e da orfandade!
E no antro escuro em que o sofrer te espera
O teu braço que anima e que consola
Vai abrir um clarão de primavera!
Sim; porque nessa anônima sacola
Que a tua mão anônima apresenta
Não faltará quem deposite a esmola!
Esta grande certeza nos alenta:
De muita dor o teu esforço nobre
Há de acalmar a trágica tormenta!
Bendito seja pois o anonimato
Da máscara que assim teu rosto encobre
No sagrado pudor e no recato
Com quem trabalhas pelo amor do pobre.
Por não poder dizer? te que te quero
Nem ao mundo mostrar que te desejo,
Da fera dor o sofrimento fero
Recalco se te vejo ou te não vejo.
Entre nós, o dever ríspido e austero
Fez com que, de te ver, fuja ao ensejo.
Se é pejo ou se é temor, não exagero:
Nem tão grande é o temor, nem tanto é o pejo.
Sinto? me até muito mais nobre e forte.
Não me envergonha, nem me inspira medo,
O amor oculto que me coube em sorte.
Levo, ao ver? te, entretanto, ao lábio o dedo
E, mudo, enfim, me entregarei à morte,
Envenenado pelo meu segredo.

SONETO

(Carta íntima)

Que este soneto, assim, feito ao correr da pena
Possa, filha, dizer? te o que a voz te não diz,
Porque este afeto excede a linguagem terrena,
E não tenho expressões se te vejo infeliz.
Se a vida te não corre, acaso, alegre e amena,

Ouve, em vez da minha, as mil vozes hostis
Em que buscam, os teus, nos infligir a pena
De curvamos a alguém, humildes, a cerviz,
Tu, que foste, que ainda és e que serás, por certo,
Aquela que, jamais, do interesse ouve a voz
Mais longe estás de mim quando de ti estou perto!
Deves, porém, saber que, quando fico a sós,
A própria multidão, para mim, é um deserto,
Porque o mundo não és nem eu sou: somos nós!

A Ilustração Brasileira, Rio de Janeiro, 15 jun. 1909.

Tu, só tu, podes dar nesta miséria,
Neste declive das paixões humanas,
Ao amor a pureza ideal, aérea,
Na pomba com que os versos engalanas.
Ele te foge aos estos da matéria
E, da arte, ao esplendor de que te ufanas,
Ascende, e corta a vastidão etérea
Da rima sobre as asas soberanas.
Tu, só tu, vencerás porque derivas
Do árduo labor, triste e enfadonho,
A melhor sobra de energias vivas
Para o castro remanso o olhar risonho
Onde não chegam doestos e invectivas
Onde tudo está dentro do teu sonho.

A essa, imponderável Beleza, inexcédível de
Bondade e altíssima de Espírito, — dona
de uns grandes olhos indefiníveis, que
me trazem subjogados, arrastando pela
Vida misérrima os destroços do meu
orgulho,? ofereço estes quatorze versos,
feitos para molestar aqueles que à
nossa Felicidade se têm querido opor.
Rompe mais clara que até então, Aurora!
Vai cobrir? te de galas, Natureza!
Céu! da ampla face a límpida turquesa
Mostra, coberta de esplendor, agora!
Toda de festas, sejam, Terra, presa!
Astros! brilhai? me, pelo céu em fora!
E tu minh'Alma, onde o prazer não mora,
Canta o hino da graça e da beleza!
Tudo que eleva, tudo que arrebatá,

Deve vibrar numa explosão divina,
Por noites de ouro em bergantins de prata!
Alma de artista! tudo aqui te ensina,
Que esta é a suprema, esta é a gloriosa data,
Em que faz anos a Rafaelina.

CARMEM

Para a tua Primeira Comunhão
O que hoje fazes, doce criatura,
Tomando, com teu lábio imaculado
A hóstia que suaviza a alma divina e pura
Remindo? a do crime e do pecado
Não simboliza apenas ternura
Lida no livro em que hajas estudado;
Carmem! o que aprendeste ria escritura,
já tinhas de tua mãe rio colo amado.
Quando ela o sangue em leite transformava
O próprio sangue com que te nutria
E em que toda a sua alma derramava
A alma do Cristo sobre ti descia
Era a hóstia fluída que te alimentava
Feita do leite e o sangue de Maria.
(Feito em cinco minutos)

ÚLTIMOS VERSOS

A arte, amigo, em noss'alma só se interna
Por caminho em que o uso é um empecilho,
É a dor, a eterna dor, a estrada eterna
Que eu, entre versos, pés sangrando, trilho,
Quantas vezes o atro fundo da cisterna
A água que dela sai mostra no brilho
]É o fulgor de uma lágrima paterna
A refletir a imagem de um mau filho.

ESPARSOS E INÉDITOS

POESIA SATÍRICA E VERSOS DE CIRCUNSTÂNCIA

PRATO DO DIA OS TELEGRAMAS (ENTREATO)

Um quarto no palácio do governo em Porto Alegre.
Júlio, o Sublime, em ceroulas e de barrete frígio, afasta lentamente os lençóis e se senta na cama. Bruxuleia no quarto a chama de uma vela de graxa pelotense, pondo sombras fugidias e súbitos clarões nas faces de uma fotografia de Clotilde de Vaux. Ouve? se fora um canto de serenata ao violão.

A SERENATA (com a música do fadinho do Hilário)

Ai! quem me dera querida,
Viver contigo até a morte!
Mas ah! tristezas da vida!
Sou mesmo um coió sem sorte!

JÚLIO

Coió sem sorte! Insultam? me, é isso mesmo!
Ah! canalhas! hipócritas, bandidos!
Tiram? me a graxa, deixam? me o torresmo,
Roubam? me as minhas ilusões queridas!
Dizem? se amigos, são amigos ursos,
Chamam? me chefe, mas me vejo a sós,
Sinto para a eleição não ter recursos,
Sofro como o mais reles dos coiós.

A SERENATA

Mas ah! tristezas da vida,
sou mesmo um coió sem sorte!
JÚLIO (ensaiando o metro)
Ai quem me dera a mim, presidência querida,
Empolgar? te de vez, só deixar? te na morte.
Mas oh! tristeza infinda, amargura da vida
Eu sou mesmo um coió, mas um coió sem sorte!
E então! não é que até consegui fazei verso?

MEDEIROS (o Borges) escutando no buraco da fechadura.

Não é que consegui fazer uns pés quebrados?
Contra o pensar do Mestre e o que o Mestre ordenou?
Não! não se metrifica a ciência do universo,
A lei das eleições...

JÚLIO (pensativo)
A lei dos três Estados,
Perdoai? me Augusto Comte e Clotilde de Vaux.

MEDEIROS (entrando)
Três Estados! Quais são?

JÚLIO
De Santa Catarina,
Rio Grande do Sul e mais o Paraná,

MEDEIROS
Unidos estes três ah! que eleição divina!

JÚLIO
MAS QUAL! São muito pouco humanos sem h.

MEDEIROS
Se te vim surpreender, em trato com as musas,
Foi para te provar que os ânimos inflamas
E que em nossa bancada as coisas vão confusas.
Trago? te aqui, senhor, estes dois telegramas.

A SERENATA
Mas oh! tristezas da vida?
Sou mesmo um coió sem sorte!

JÚLIO (depois de ler)
Diabos o levem, ao inferno, vede,
Caro Medeiros, que desgraça a minha!
Eu creio que afinal caí na rede,
Mexeram? me de mais na panelinha.
Querem minha opinião sem mais aquela
Exigem? m'a num tom imperativo,
Como hei de me sair da entaladela?
Responde? me Medeiros, morto ou vivo!
Aqui não vim somente aconselhar? te
Nem matar as saudades de palácio.
Sei que sou o todo e que tu és a parte.
Responde? me, responde?? me, pascácio!

MEDEIROS (trêmulo)
Se aqui estou, meu senhor, a ti somente o devo.

JULIO (iracundo)
Falo? te em verso heróico e dás? me alexandrino?!!
(Mudando de tom)
Mas vamos ao que serve, ao meu único enlevo,
O que dizem de mim e dizem do Quintino?

(A SERENATA, muito ao longe)
Eu e tu no mesmo embrulho
Iremos juntos à morte!
Castigo do nosso orgulho!
Somos dois coiós sem sorte!

JULIO
Medeiros, dize cá; é comigo o "deboche"?
(A! é me saiu frouxo este verso, por cima!)
Dá? lhes uma lição.

MEDEIROS
A quem quer que eu arroche?

JULIO
Ao Marçal Escobar mais o Barbosa Lima.

MEDEIROS
E a resposta, senhor, a estes dois telegramas?
Eu bem quis responder, porém não sei se devo...

JULIO
Tu que por minha glória em tais zelos te inflamas
Responde ao meu nome.

MEDEIROS
O quê?

JULIO
Talvez te escreva.

MESTRE COM
Rio de Janeiro, 2 set. 1901.

MARIPOSAS

Dão- me os jornais notícia de uma empresa
Fundada para dar cartas de fiança
Quanto a aluguel de prédios. Com certeza
Grande futuro tal idéia alcança.
Vai fazer, pelo menos, a limpeza
De umas imundas sucursais do avança,
Que exploram com torpíssima esperteza
Todo aquele que quer fazer mudança.
E tanto elas embrulham inquilinos
Como sai embrulhado o proprietário
Com fiadores matreiros e ladinos.
Tenha portanto a empresa por fadário
Dar cabo desses antros clandestinos
Que assim presta um serviço extraordinário,
(D'A Tribuna) E? DE M.

O Malho, Rio de Janeiro, 19 ago. 1905.

O MEU BATISMO

Quis alegre surgir pela manhã
Do dia de hoje a procurar alguém
Que quisesse a alegria honesta e sã
Que estas páginas trêfegas contêm.
Fugindo ao nosso eterno rã? me? rã
Busquei um nome que casasse bem
Aos gostos de uma folha folgazã,
E a meu próprio aqui dou meu parabém!

Lembraram? me diversos, mas nenhum
Deles, não sei por que, pude achar bom
E quase estive a batizar? me Pum!
Mas passa um automóvel. Pego o som:
Fan-fan Fen-fen Fin-fín Fon-fon Fun-fun
De fan-fen-fin-fon-fun, quis ser Fon-fon!

Fon-fon, Rio de Janeiro, abril, 1907,

CÃO QUE LADRA...

Um fato que nos campos é freqüente
Agora, na lembrança se me aviva:
Se um trem Passa, por eles, velozmente,
Ladram os cães contra a locomotiva!

Esforço vão, estúpido e impotente!
Segue a máquina audaz, serena e altiva
E eles mal voltam, dolorosamente,
Na fraqueza da raiva inofensiva!
Tiremos neste caso, a semelhança:
De Rio Branco o nome, o mundo inteiro,
Corre veloz e à própria glória alcança!
Ladra Zeballos! Ladra bom rafeiro!
Em tal ódio e tal sede de vingança,
Nem te percebe o Grande Brasileiro!

GASTON D'ARGY
Fon-fon, Rio de Janeiro, 11 dez. 1909.

NA ACADEMIA DE LETRAS

Pavão versus Águia

"O Euclides, aluno militar, metido em insubordinações de classe e desrespeitando velhos superiores, é um Euclides transitório, um Euclides colegial, um Euclides, se me permitem de primeiras letras E não foi este o Euclides a quem acabam de suceder na Academia... "

(De uma brilhante crônica de Costa Rego)

Se eu em gênero, em número e em caso,
Costa Rego, concordo bem contigo
Em condenar do Afrânio tal descaso,
Tiro esse trecho ao teu formoso artigo.
O único Euclides que, por mero acaso,
Teve um tal sucessor, ouve o que digo;
Foi esse Euclides pequenino e raso
De quem Afrânio se dizia amigo
Tu pecas, nesse ponto, pela base:
Não teve sucessor, como tu queres,
O grande Euclides da gloriosa fase
Pois somente a Euclides quase alferes
Se opõe qualquer Trousseau de ambígua frase
Ou Maupassant de purgas e clisteres.

PEIXÃO AFROITO
Folha do Dia, Rio de Janeiro 22 ago. 1911.

ERASMO E FAFÂNIO

Vai da primeira página à Segunda

D'O País de hoje, o rodapé Erasmo
Faz a Fafânio em fase pudibunda
E recatado, tímido entusiasmo.

Erasma é doce. Não compreendo a tunda
Que Fafânio levou de causar pasmo,
E em melífluas tiradas ele abunda
Contra a crítica, a sátira, o sarcasmo.
Eu não sei quem o nome a Erasmo tome
Para elogiar essa literatura
Em que Fafânio tanto se consome.
Se ensandeceu Fafânio, ninguém jura; Porém é
natural que, honrando o nome,
Faça Erasmo, o elogio da loucura.

Peixão Afroito

Folha do Dia, Rio de Janeiro, 23 ago. 1911.

"Entende o doutor Afrânio,
E aos colegas que meter,
À viva força, no crânio,
O seu modo de entender,
Que a erudita Academia,
Da qual é membro influente,
Da nossa sabedoria
Deve tornar? se expoente.
Aqui do fundo insondável
Da minha triste consciência,
Deixe o doutor que estranhável
Eu ache a tal expoência.
Se vingar mesmo a teoria
Que o doutor vive a pregar,
Veremos a Academia
Transformada num bazar... ",
Esta idéia de almoço, eu por mim já sabia,
Não podia deixar de ser obra do Oswaldo,
Pois o que mais lhe ameiga e abrande a fantasia
É o gozo do pirão, é a bóia, é o grude, é o caldo.
Entre um novo sermão e uma nova iguaria
Fica, de senso falho, e de bom senso baldo.
Ele ingere um tutu, rosnando a Ave? maria
E, deglutindo um bife, invoca São Geraldo.
Já que a mesa me traz a estupenda vantagem
De ver? vos a meu lado, alegres, fartos, são,
Mastiguei e digiro, a gosto, esta homenagem.

Mas, olhem! Tudo na vida tem o seu senão:
Depois de tanto cibo e tanta beberagem
Não vá da idéia o pai morrer de indigestão.

A Cigarra, São Paulo, mar. 1917.

UM MILAGRE

(Propaganda do xarope Bromil)

Lira: Se qual o azeite anda por cima,
Nada a muda do branco para o preto,
E nem perde a verdade apreço e estima
Pelo fato de a expor em tom faceto;
Como tudo que existe cabe na rima,
Bem cabe um atestado num soneto.
Por isso, a idéia que hoje aqui me anima,
Nestes quatorze versos lhe remeto;
Pode afirmar, por toda a eternidade,
Aos mil que sofrem e aos descrentes mil,
Que isso que aí vai é a essência da verdade!
De horrível tosse que me pôs febril,
Dei cabo, usando apenas a metade
De um milagroso frasco de Bromil.

D. Quixote, Rio de Janeiro, 1 ago. 1917 (contracapa).

"Ferrando José Patrício, guarda-livros da casa Angelino Simões & C., caiu ontem no Conto? do? vigário, tendo os larápios lhe levado a quantia de 100.000\$000.

(Noticiário)

Que o delegado de olho vivo seja
nesse inquérito, ao qual já deu início
E, se a verdade descobrir deseja,
Note que o gajo é mestre no artifício.
Com tal nome não vai à minha igreja,
Pois de pátria não ter, tem ele o vício:
Em qualquer parte em que Patrício esteja
Ele de todos há de ser patrício.
O caso nada tem de extraordinário:
O vigarista, porque andasse pronto,
Viu no patrício o desejado otário.
Mas repare só a polícia neste ponto:
Se prender o contista do vigário,
Não deixe solta a vítima do conto.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 23 ago. 1911.

"Acertemos os nossos relógios! A questão da hora. O governo propõe que se adote a hora universal!

(Editorial d'A Noite)

A Noite (entre parênteses eu digo
sem reclame: e um jornal muito bem? feito)
Deu em colunas de honra um longo artigo
Sobre a hora certa, e leva o caso a peito,
Eu gostei da tirada e dou? lhe abrigo;
Porém, no assunto, penso cá a meu jeito,
Pois só tenho um relógio muito antigo
Que regula do modo mais perfeito!..
Sabem que o penhorista sempre "adianta"
Se o dono do relógio em sede e gula
Está "atrasado" e empréstimo levanta.

Assim, tendo a "cautela" do Farrula,
À hora em que parou, ele, em paz santa,
No prego dorme e, sem variar, regula!...

ZANGÃO

Imprensa, Rio de Janeiro, 24 ago, 1911.

"Causou, aqui um verdadeiro sucesso a entrevista que teve o dr. Sã Peixoto com um jornalista do Rio, contando o abuso diário que o coronel Bittencourt, vulgo Pedro Álvares Cabra], faz de uma caninha especial, que manda vir de Pernambuco, e à qual dá o nome de imaculada. Pena é que o Ilustre amazonense não se tenha referido a outros viciozinhos mais picantes do tiranete de Manaus."

(De uma correspondência de Manaus)

Esta é mesmo imprevista e inesperada!
O velho Bittencourt pifões cozinha!
E do Amazonas descem de enxurrada,
Pororocas de cana ou laranjinha.
De palácio mal desce, agora a escada!
Física e moralmente ele definha
E o que a alma lhe macula, é a "imaculada",
O que o corpo lhe verga é essa caninha.
Deu? lhe o alambique original mania:
É, uma loucura a bem dizer didática;
Fala até da prosódia e ortografia.

De pau? d'água governa ele na prática,
Pois não passa, a qualquer hora do dia,
Sem ser com "dois dedinhos de gramática"...

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 27 ago. 1911.

O NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA PORTUGUESA

"A escolha portanto, a todos os respeitos, não poderia ser mais auspiciosa. Apenas haveria a objetar, quanto à sua avançada idade de 70 anos, total inexperiência prática de negócios públicos, e até mesmo essa integridade moral, pouco favorável à convivência com elementos partidários, ainda agitados pela recente revolução."

(Gama Rosa - *Comentários*)

Pondo de parte a inexperiência prática
Que é igual à atividade de quem dorme,
À rapidez motriz da força estática,
Ou a ser desigual por ser conforme;
Pondo mesmo de parte a nota enfática
Do artigo todo, hão de perdoar? me o opor? me.
A essa nova teoria sintomática
De grave mal e de perigo enorme!
Para o Gama a República recente
Ao que é honesto oferece logo embargo!!!
Que lhe agradeça a lusitana gente!
Olha o Rosa a bradar num gesto largo:
É muito sério para presidente!
Tem caráter demais para tal cargo!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 4 sei. 1911.

"No momento crítico, chegou o coronel Antonio Bittencourt, governador, que foi assim amavelmente recebido pela sua cunhada: Veja, aprecie estes escândalos. Os senhores mandam dizer pelos seus jornais que no governo do Constantino e do Sã Peixoto se faziam neste palácio os maiores escândalos e as maiores orgias e, no entanto, eles nunca fizeram o que você e os seus estão fazendo. Metem meretrizes aqui, embebedam? se e se dizem homens de bem!"

(*Correspondência de Manaus para um dos nossos vespertinos*)

Pedr'Alvares, pajé daquelas zonas,
Mas não tendo, como o ouro, um pedestal,
Carrega o nome tropeçando às monas
Da "imaculada" cachacinha ideal!

Não me espanta este case do Amazonas,
Pois que chamam aqui na capital,
Certa rainha mãe das marafonas
de viúva de Pedr'Álvares Cabral.
Por isso, contra o tal velhote chuva
Não sei por que a cunhada assim se dana!
Veja? Lhe a mão que está justinha à luva!
Pedr'Álvares também tem alma humana
E do homônimo honrando o nome e a viúva
Faz do palácio a casa da Suzana!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 5 set. 1911.

"É preciso que o Sr. Oliveira Lima venha curtir saudades, para ver se a nossa chancelaria vai mesmo mal dirigida ou se é apenas efeito da distância."

(Da imprensa)

A Colmeia discorda do É preciso...
Acho que esse homem vir aqui não há de,
Por mar de rosas e caminho liso,
Curtir uma hipotética saudade!
Sim! Saudade não tem quem não tem juízo,
Nem quem intriga por perversidade!
Que o glorioso Barão, de sobreaviso
Fique, e mantenha firme a autoridade!
Põe ó Barão, teu coração de lado!
Por glória do Brasil e glória tua
Ninguém te empana o brilho conquistado!
O que É preciso????, eis a verdade crua:
Para um tal tipo de indisciplinado,
É a pena popular: o olho da rua!...

ZANGÃO

Imprensa, Rio de Janeiro, 6 set. 1911.

"Meu distinto amigo e chefe dr. Belisário Távora.

Saúdo- vos com a mais alta estima e toda consideração. Estando quase que plenamente apurada a responsabilidade do dr. Juvenato Horta, no inquérito por mim aberto na 2ª delegacia auxiliar, venho de maneira a mais respeitosa solicitar dispensa dessa comissão que, interinamente, exerço. Trata-se de um meu condiscípulo e companheiro de formatura, cujo infortúnio, pelo muito que me contrista, deveras lamento e deploro. Espero que encontrareis nisso a justificativa de minha atitude. Como sempre, lealmente solidário convosco, subscrevo- me com elevado apreço "amo cro att".

Flores da Cunha."

(Dos noticiários)

Flores, não fora a nossa velha estima
E bastaria apenas esse fato
Para mostrar? me quanto estás acima
Do comodismo egoístico e pacato.
No gesto audaz que a independência anima,
Do teu caráter deste fiel retrato.
Desta musa que nunca vende a rima,
Tens o, elogio a resto de barato.
Não sei quem seja o teu amigo, amigo!
Mas vi, mais de uma vez, que o teu ser vibra,
Se, ante o dever, o amor corre perigo.
Em tempos em que o egoísmo se equilibra
Para bem se manter no achado abrigo,
Provas que és homem da mais rara fibra!...

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, set. 1911.

"S. S. Pio X resolveu suprimir sete dias santificados e criar um para o dia de São Pedro."

(Notícias de Roma)

Sem ter ofício certo, o nosso papa
Matuta agora em que passar o dia.
Da prisão que o envolve não se escapa
E, de Veneza, sofre a nostalgia.
Do mundo crente dominando o mapa
E, exercendo a maior soberania,
Vê, entretanto, que o mundo se lhe escapa
E, não conhece o que dirige e guia.
Para se distrair, o prisioneiro,
Os dias santos, impiedoso, corta
Mas um concede ao celestial porteiro!
E não fizesse que, de cara torta,
Quando soltasse o alento derradeiro,
São Pedro, à face, lhe trancava a porta!

ZANGÃO

Imprensa, Rio de Janeiro, 9 set. 1911.

"O sr. cônego Rangel concita os fiéis a tomarem atitude decisiva, contra o ato do governo que mandou seqüestrar os bens de Santo Antônio dos Pobres."

(Da *Gazeta*)

Seu cônego Rangel, brabo não seja!
Ninguém furtou seu rico patrimônio;
Ninguém foi profanar a sua igreja:
Você se perde num caminho errôneo.
Não sei por que você grita e tropeja,
Sem ser procurador de Santo Antônio.
Até parece nessa má peleja
Que há dentro de você qualquer demônio.
O santo, dizem, era irmão dos pobres.
Santo Antônio dos pobres, não o nego,
Foi um santo dos mais puros e nobres!
Mas dos irmãos nenhum foi burro ou cego
E o que deixaram, carregando os cobres,
Não chega a dar quatro vinténs no prego...

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 11 set. 1911.

Do padre Sena Freitas a figura
Nem é mal feita, nem das mais perfeitas.
As idéias que tem, outrora aceitas,
Ninguém por elas hoje em dia jura.
As "gotas" de um gostoso padre? cura,
(Que são talvez de causas bem suspeitas)
Assim as batiza o padre Sena Freitas:
Gotas de ciência e de literatura.
Já tendo Pingos o Correio, as gotas
Não são gotas nem pingos, são toleimas
Para velhas ingênuas e devotas.
"Mas elas" próprias, discutindo e em teimas,
Dizem todas ponteando meias rotas:
Gotas virtuosas para as almorreimas...

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 13 set. 1911.

"Mas entre essas patranhas aparecem as verdades, que são em geral os atos oficiais. Ora, precisamente, nessas notícias com loros de verdadeiras, surge a de que vão mandar para cá, exportados diretamente, os malandros e os patifes vagabundos que infestam Lisboa. É uma idéia profundamente estapafúrdia e criminosa, que é preciso em tempo impedir."

(Da *Gazeta*)

Terra que nada do que é nosso importa,
A não ser o dinheiro aqui cavado;

Que ao cacau e ao café? nos fecha a porta
E nem ao nosso açúcar dá mercado;
Que no manda o que estraga e o que conforta,
Grelhos paios, comenda, viscondado,
Virgem da Régua, Verde Pedra Torta,
Genro vadio e tio desempregado;
Quer ver também se agora um plano ensaia
E nos manda o seu vil resíduo humano.
De crime e vício toda a infâmia arraia!
Alto lá, Arriaga nesse plano!
O Brasil não é todo Sapucaia
Nem trapiche do lixo lusitano!...

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 15 set. 1911.

"Entre as muitas profecias do poeta Múcio Teixeira, há uma que diz: grande incêndio numa importante repartição pública"

(Dos noticiários)

Múcio, o profeta, Múcio o hierofante,
Múcio que tudo cura e não se cura
Dos seus graves acessos de loucura,
Nem na fama de reles cartomante,
Talvez agora, num só breve instante
Por presente, pretérita e futura
Audácia, pague em horas de amargura,
O fez, o faz e o há de fazer por diante!...
Nada mais para inquerito é preciso,
A polícia de balde assim tateia
Em pasto incerto, trôpego e indeciso!...
Ouça o conselho que lhe dá a Colméia
Com partícula vivíssima de juízo:
Meta o Múcio, o profeta, na cadeia!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 17 set. 1911.

A GUERRA

Essa guerra da Itália com a Turquia
Por que ora o mundo inteiro se interessa
Da Europa os horizontes anuvia,
Do pacifismo a bancarrota apressa.
Eis que mútua matança principia

Em fúria que não há poder que a impeça!
Aumenta do ódio a chama dia a dia,
Rugem canhões é a guerra que começa.
O próprio papa, ao ver a luta aberta,
Quer de Mafoma toda a gente morta;
Para nova cruzada os fiéis desperta.
E aos soldados dest'arte anima e exorta:
Vede se a chave de São Pedro acerta
Na fechadura da Sublime Porta!

Num exame de física:
Qual é a principal roriedade o gás?
- A Expansibilidade... das contas.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, out. 1911.

IMPRESSÕES DE VIAGEM

"Nunca se fecham as casas no Rio: as janelas e as portas estão continuamente abertas."

(De uma entrevista de MONNA DELZA para o *Comédia*)

Como é bela a mentira quando nasce
De uma formosa boca feminina!
Nem nos faz o rubor subir à face,
Tanto é discreta delicada e fina.
Se o que a Monna declara, declarasse
O Belisário Távora, imagina
O leitor que esta coisa assim ficasse,
Sem protestos da crítica ferina?
À Delza agradecemos a carícia
Das suas doces impressões de viagem.
Nas quais não há nem sombras de malícia.
Mas cá no seio da camaradagem,
Se assim fosse, que glória a da polícia
E que vergonha para a gatunagem!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 6 out. 1911.

BODAS DE PRATA

Ernesto Senna festejou o seu 25.º aniversário de decano do *Jornal do Commercio*.

Vinte e cinco anos de jornal completa;

Mas áureas bodas faz e não de prata.
Pois de ouro é toda a grande alma correta
Que na vida do Serma se retrata.
De pés tortos marchando em linha reta,
Do jornalismo pela rota ingrata,
É figura de todos predileta
E seu nome na fama se dilata.
Gosta a gente de ver na luta insana.
Firme, num furo manejando a pena,
O cônsul da nação venezuelana.
Se ele da imprensa abandonasse a arena,
O povo era voz potente e soberana
Gritava: à cena o Senna! à cena o Senna.
Tigremilio

ZANGÃO

Imprensa, Rio de Janeiro, 7 out. 1911.

AMOR E GUERRA

Sou todo Itália nessa atual disputa.
Não inquirio se de uma ou de outra parte
Está a razão ou qual, no fim da luta,
Porá palmas de ouro no estandarte.
Amo a cavalheiresca, a resoluta
Pátria tua e de Dante, a terra da Arte,
Que te deu essa voz, que quem na escuta,
Queira ou não queira, fica logo a amar? te.
E eu te amo como a Itália! e assim amado.
Maforna odeio com a cristã fereza
Do Duque Olivério e do Rolando!
E é por isso, aqui o digo com franqueza,
Que, mandando? te beijos, não te mando
Os prometidos brincos de turquesa.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, out. 1911.

"Reina a paz em Varsóvia."
É velha a chapa: renove? a,
O conselho universal:
A antiga "Paz de Varsóvia"
Hoje é "Paz de Portugal",

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 15 nov. 1911.

O Otávio Silva, resolvido a morder o gerente em um vale modesto e desconfiado da improficuidade da prosa, recorreu às musas, que lhe inspiraram a seguinte valiosa quadrinha:

"Vale ou não vale este vale?
Pois se vale, vale a pena
Que valendo? se da pena,
Peça o valor que ele vale."
E o caso é que valeu.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 16 out. 1911.

Ouvimos dizer que não foi o Emílio que fez este epitáfio para o Cunha Vasconcelos.

Vermes famintos, cautela!
Não lhe toques no caixão;
Pois ele, sem mais aquela,
Dá logo voz de prisão."

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 18 out. 1911.

Diz a Prensa que a Argentina vai aclimatar trutas nos rios nacionais.

(Telegrama)

As finanças vendo pretas,
Com sábias vistas argutas,
A Prensa trata de tretas
E a nación trata de trutas.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 19 out. 1911.

É HOJE O ANIVERSÁRIO DA MORTE DE ARTUR AZEVEDO

Saudoso Artur Azevedo,
Amigo do nosso teatro.
Se não morresses tão cedo,
Verias o diabo a quatro
O alegre, e risonho enredo
De tuas peças, num latro
Cínio que até causa medo,
Em sessões de três por quatro!
Ó pobre Artur, que paciente
Esperaste nas promessas
De termos teatro decente!
Hoje anda tudo às avessas:

Se tu não vives, há gente
Que vive das tuas peças!...

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 22 out. 1911.

O ANO RUBRO

Mil noventos e onze
Ano de triste memória,
Promete ficar no bronze
Na bronzea chapa? da? história,
Como o ano mais belicoso,
Mais feroz, mais desumano,
Desse período famoso
Da era do aeroplano.
Há guerras por toda parte,
Aqui e ali, longe e perto;
Sob a tutela de Marte
Nasceu este ano, por certo.
Luta a Itália com a Turquia,
A França ameaça a Alemanha
Enquanto a democracia
Abala o trono da Espanha.
Em Portugal o litígio
O mundo inteiro atordoia:
De encontro ao barrete frígio
Raivosa investe a coroa.
Com tinta rubra se escreve
A história dos nossos dias;
Chile jura que em breve
Peru corta em fatias.
Num desespero maluco
A política se dana;
Cá no Brasil, Pernambuco
Afia a pernambucana.
Contrastando com a funérea
Nota de tanta chacina,
O mundo escuta a pilhéria
Da república da China!
E ante tais fatos, em prece,
Diz o Múcio, desolado:
Ah! Deus do céu! se eu pudesse
Profetizar... o passado!

Quando surgisse o ano novo
Com certeza rude fria,
Tais fatos, todos ao povo
Então profetizaria.
Ser profeta do futuro
Estragou? me a inteira pose!
Hei de levar tanto furo
Em novecentos e doze!
Mas como importa! o meu nobre
Esforço é bem compensado:
Se os tolos me passam cobre,
Sou profeta do passado!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 23 out. 1911.

NOTURNO

(Sugestões de um poeta, faminto)

Tudo cor de azeitona. Fim do mês.
Noite opípara: a lua, qual pedaço
De manjar branco, gira pelo espaço.
Ergue? se o monte como um bolo inglês.
Vejo a calda do oceano e a languidez
Da geléia d'arbustos que, em melaço
De orvalho, treme à aragem. Há um bagaço
De nuvens no ar. O mar, de vez em vez,
Lança n'areia espumas de cerveja...
Vejo um sorvete e até de abacaxi
Sob a forma de torre de uma igreja!
Pelo espinheiro além, quanto palito!
E as estrelas, no céu, longe daqui,
São biscoitos jogados no infinito!

Por se ter aquecido um bronze, chegou, com um atraso de duas horas, o noturno paulista.

É, de certo, estranho caso
Esse que a imprensa anuncia:
Natural é haver atraso,
Porém, quando o bronze esfria.

O dr. Seabra recebeu telegrama de Manaus comunicando que, num ataque de índios, foi levemente ferido o trabalhador Grego.

Escaramuças ridículas
E um Grego ferido, enfim!
A proteção aos silvícolas
Perde o seu tempo e o latim

A Academia Brasileira de Letras elegerá, talvez, o cardeal Arcoverde, para a vaga de Raimundo Correia.

A eleição é só provável?
Qual nada! é certa, é fatal.
Candidato mais palpável
Não há de que um cardeal.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 24 out. 1911.

"A polícia leve denúncia contra o solicitador Irineu Antão de Vasconcelos, acusado de ter feito várias transações com terrenos que lhe não pertenciam!"

Um limpo trabalho ao menos,
Por que não fizeste, Antão?
Pisaste em falso os terrenos
Nas transações, "transação"?

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 25 out. 1911.

Diz um telegrama de Porto Alegre que a atriz Maria Ricci, enviada violentamente para Buenos Aires, pelo empresário Guerra, a fim de não se casar com o maestro Costábile, seguirá diretamente do Rio Grande, de acordo com o cônsul italiano.

Esse Guerra que faz guerra
Aos casamentos alheios
Merece dez nomes feios
E pau que o ponha por terra
Pois quê! a moça desterra
Com tão violento furor?
O que empresário impostor
Que evita com tal desplante
Que a atriz com o maestro cante
Um belo dueto de amor!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 26 out. 1911.

"Populares exaltados têm quebrado os condutores da iluminação pública."

(Telegrama de Recife)

Decerto têm os dantistas
Muitas virtudes preclaras.
Mas não são positivistas
Não querem viver às claras

"A polícia continua recolhida aos quartéis: O Diário de Pernambuco suspendeu a publicação."

(Telegramas)

O Diário (é o que aqui se entende)
Acompanha a situação:
Como a polícia, suspende
A sua pública ação.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 9 nov. 1911.

"O chefe de Polícia proibiu que fizessem parte da Guarda Civil oficiais da Guarda Nacional."

(Dos jornais)

Quem agora da Briosa envergue a farda,
Não pode mais, segundo o chefe ordena,
Fazer parte da nobre Civil Guarda
Que com luva e com pau, ao povo acena.
Não encontra o motivo a mente tarda
Dessa resolução que assim condena
O Civil que rdade assiste e guarda,
A não possuir patente, por pequena.
E as razões indagando uma por uma
Não encontro, de fato, em toda a lista,
Senão esta que é frágil como espuma.
Julga o chefe, que é um rubro governista,
Que um "nacional" não pode ser em suma,
"Civil", civilizado ou civilista...

Que me dizes do projeto do Correa Defrheyta sobre o júri?

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 12 dez. 1911.

"Disse o r. Osvaldo Machado que não aderiria ao r. Dantas Barreto, porque não lhe apraz; o papel de estampilha política."

(Telegrama de Recife)

O fato nos maravilha:
É de virtude um modelo.

Quem não quer ser estampilha
Embora podendo sê-lo.
"O sr. Guerra Duval conferenciou com os revolucionários para evitar o
bombardeio da cidade."
(Telegrama de Assunção)
O diplomata emprega o meio
E muito bem por certo faz
De um tiro dar no bombardeio.
Porém com espanto o caso leio
De Guerra ser quem quer a paz,

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, dez. 1911.

MESMICE

Quisera eu pôr nestes quatorze versos
Um leve, fino, alegre comentário
A algum novo e notável caso diário,
Entre ps casos urbanos mais diversos.
Percorro dos jornais o noticiário,
Leio artigos e tópicos dispersos,
A pedidos satânicos, perversos,
Desastres, crimes, contos? do? vigário.
Nada encontro que inspire à alegre musa
Uma nota satírica e atrevida
Que nos nervos um frêmito produz.
É sempre a mesma coisa repetida:
Luza o sol, venha a noite, o sol reluza,
Como, o banal, se reproduz a vida!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 21 dez. 1911.

NATAL

Neste Natal quisera eu ter a dita
De ir ao teu lado, à sombra do teu vulto,
Ao menino Jesus render meu culto
Numa igreja simples e catita.
Longe dos faustos deste mundo estulto,
Num idílio de monja e cenobita
Entre os meus braços o teu rosto oculto,
Do amor a benção receber bendita.

Da natureza ouvindo a sinfonia.
Lá no Leme, entre as águas e as montanhas
Passarmos docemente o inteiro dia.
E à noite, após "complicações" tamanhas
Fazermos a consoada numa orgia
De vinho verde, beijos e castanhas.
O sapateiro à namorada:
Que queres, meu amor que eu ponha no teu sapatinho?
Ela, dengosa e sincera:
Uma meia sola.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 25 dez. 1911.

É candidato a governador de Alagoas o sr. Natalício Camboim.
De festa ao febril bulício
Diz Alagoas assim:
Haja fogo... de artifício
Em honra ao meu natalício... Camboim.
Foi apresentada a candidatura do sr. Natalício Camboim à presidência do
Alagoas.
Da festa ao febril político
Diz Alagoas assim:
Haja fogo... de artifício
Em honra ao meu natalício. Camboim.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 26 dez. 1911.

Os empregados da repartição de Águas e Esgotos queixam-se aos jornais de que, desde dezembro passado, não recebem ordenado.

Bem percebo as duras mágoas
Destes pobres empregados:
Andam "a seca" os das águas,
E os esgotos "esgotados".
Que o nosso reclame voe
Aos poderes inclementes;
E que o arame enfim se escol
Pelos "canais" competentes...

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 22 jan. 1912.

"Foi nomeado agente diplomático do Paraguai o sr. José Meza."

(Telegrama de Buenos Aires)

Este, com toda certeza,

No cargo não dará ratas.
Que figurarão fará "Meza"
Na roda dos diplomatas!

"Fortaleza, 6 - É considerado providencial o fato de até hoje não se ter averiguado a morte de alguém do povo no combate de 22 a 24 do mês passado. Algumas mortes verificadas foram de simples transeuntes ou de pessoas que estavam em casa."

(Telegrama)

A carta não mais ajuntas,
Correspondente que louvo:
Se entre tantos transeuntes
Não havia um só do povo.
É que os mortos, com certeza,
No prélio sangrento e fero,
Se não eram da nobreza,
Faziam parte do clero.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 8 fev. 1912.

"A Federação informa ter sido chamado ao Rio de Janeiro o major Iracema Gomes, parece que por causa do discurso que esse oficial pronunciou por ocasião da instalação da Junta Pró- menna na cidade do Rio Grande."

(Telegrama)

Que lhe seja a viagem plena
De calma e serenidade.
Major, valeu bem a pena
Deixar a Junta Pró- menna
Por tão bela promenade...

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 26 fev. 1912.

"E nessa mistura de italiano e português, contou o padre Rigoni que queria salvar a alma da rapariga."

(d'A Noite)

Desejando, afinal, mudar de estado
- os Estados têm feito isso a rigor -
pilhou Maria Rosa um namorado

ao pintar da faneca - um Salvador!
Ao saber do namoro, exasperado,
padre Rigoni - amigo e confessor -
procurou evitar esse "atentado",
porém nada logrou e... foi-se a flor!

O caso vai às oiças da polícia
e o dr. Hugo Braga, com perícia,
consegue liquidar toda a questão

E Rigoni confessa sucumbido:
- Não era Salvador, como o marido,
mas, tentara também a... salvação!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, mar. 1912.

"Registramos a denúncia levada pelo dr. Filemon Torres, advogado da *Light and Power*, à polícia, contra dois empregados daquela empresa, acusados de terem dado ali vultosos desfalques."

Quando deparo um desses casos fico,
não direi satisfeito, mas contente;
a Light, águia feliz e onipotente,
faz de nosso Governo um tico- tico!
O povo, moço ou velho, pobre ou rico -
cede, cede com c, benevolente:
e a Light - até do Lloyd é pretendente -
todo o pinto que vê leva no bico!
Com direito ou sem ele, a Luz e Força,
à luz do dia e à força da chicana,
pilha tudo, por mais que a gente torça.
Tudo, não! Desta vez a luz se empana,
vai-se a força e, por mais que ela se estorça,
dois agries dão nos pintos da águia ufana!

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 3 mar. 1912.

O GATO PRESO

Malvado Gato, Gato irreverente,
Que sem pena os políticos arranhas,
Que enches de medo da polícia a gente
Com as tuas endiabradas gatimanhas.
A polícia persegue- te inclemente
E uma reclame estardalhante apanhas.

Aumentas a edição galhardamente
E, com os aplausos, mais trame ganhas.
Escaldados, não temes água fria;
De unhas de fora, investes com coragem
Contra a bajulação e a hipocrisia.
Elas, sentindo os arranhões, reagem;
Metes a polícia o Gato na enxovia,
Deixando em liberdade... a gatunagem.

"Um guarda civil proibiu que vendedores de jornais, descalços, exerçam a sua profissão."

Guarda civil desastrado.
Que agiste de tal maneira!
Vês agora o resultado?
S'tás por causa do calçado
Levando descalçadeira.

ZANGÃO

A Imprensa, Rio de Janeiro, 15 dez. 1911.

Aquele negro capacho
Caiu de uma escada abaixo
Em noite de carraspana...
Mentiu, depois, que a bicheira,
Que rareou-lhe a cabeleira,
Fora uma bala certa
Da pífia gente solana.

Empertigado malandrin pachola,
De polainas, monóculo e bombachas,
Mandou pôr na botinas meia sola
E abandonou de vez Porto das Caixas.
Traz registradas na caraminhola
Marcas de pontapés e de bolachas;
Faz versos; nos lundus ao tom da viola
É o Conde Monsaraz das classes baixas.
De Senha- flor na rabadilha, ansioso,
De focinho no ar e ereto rabo
Tem estesias de cachorro gozo.
Come sardinha e dois vinténs de nabo;
Bufa num quebra- queixo pavoroso
E arrota petisqueiras de nababo.

"Arrancado às hortas e capinzais de Catumbi, no primeiro dia da florescência dos agriões, aniversário de Sinhá Flor."

Como passas, B. Lopes? - Eu? Maluco!
Julguei um dia possuir princesas...
- E arranjaste este tipo mameluco?
- Que anda me pondo cá lampas acesas
- Mas eu te vejo sempre em tais proezas
- "Era a mais bela flor de Pernambuco"
- E hoje? perdeu acaso tais belezas?
É o mais feio canhão de Chacabuco.
Mas coragem! que a rima se derive
Pelo reguinho do meu verso, à toa,
Murmurando, ao passar, rimas em ive.
Vejo- te magro, espinafado...
- É boa! Pois tu não sabes que comigo vive
D. Adelaide de Mendonça Uchoa?

Meu caro Nico. Eu sei que tu compreendes,
Da vida, o que há de menos ou demais
E não ralhas, castigas ou repreendes,
A não ser por motivos imorais.
Trazes apenso ao nome teu de Mendes
O plural da moral, sendo Morais.
Com tais nomes de ataques te defendes
E podes atacar com nomes tais...
E que esses nomes são a bela herança
Da honestidade atávica, ancestral
Que dá aos teus atos força e segurança.
Deixa pois que esta musa amiga e leal
Aqui te oferte a humílisma lembrança
Deste soneto sobre o teu natal.

Meu caro Silva Araújo,
Júlio forte, alegre e nédio.
Eu de tão "limpo" ando sujo,
Por causa de um tal remédio.
Aí tenho uma receita
Que fica, por meus tormentos,
Depois da conta já feita,
Em treze mil e quinhentos...
Se algum crédito mereço
Este fiado não disfarço,

Pagarei logo ao começo
Do próximo mês de março
O pedir- te me desgosta,
Porém, como de outras vezes,
Sê bom mandando a resposta
Ao Emílio de Menezes.

MEU CARO PIRES BRANDÃO:

Menos Brandão que brandura,
Pois de "Brandão" tens a cera
Ao lhe dar molde e feição
Fecho o parênteses, mau!
Não me sai isto a contento,
A frase é banal, sem jeito,
E se és amigo do peito,
Dá com o que peço um quinau,
Pois hoje sofro o tormento
De não ter um "nicolau"!
Como os tempos são cruéis
Para mim por estes meses,
Eu já não sei o que faça,
A não ser que na desgraça,
Me valham amigos fiéis!
Salva o Emílio de Menezes,
Brandão, com vinte mil- réis.
A pobreza.
De acordo.
A necessidade.
E eu que o diga.

AO QUERIDO PIRES BRANDÃO:

Não te perpassa pela mente a troça
(Pois é troça o pensar-se na velhice),
De que se a idade, em anos, se te engrossa,
Já deixaste a garrida meninice.
A bondade imortal, que a alma te adoça,
Dá- te um cunho infantil, e essa meiguice
Que é nosso encanto e que é alegria nossa,
Chora entre risos e, entre prantos, ri-se.
Se no espírito tens a madureza
E no caráter tens a anciã virtude
Dos remotos varões da sã nobreza,

Quem de ti se aproxima, não se ilude:
No coração plantou- te a natureza
O viço em flor da eterna juventude.

SATURNINO BARBOSA

(Retrato)

Pedagogo pernóstico e pedante
Com vastas pretensões a literato;
Barrigudinho, cético, insensato,
Portador de uma cara extravagante.
Eis o poetastro trêfego e barato
Que o chicote da crítica ululante
A zero reduziu, no mesmo instante
Em que passou a residir no mato.
Hoje não vibra mais, é letra morta,
Nem sonetos, nem livros maltrapilhos:
Passa o tempo a pedir, de porta em porta
Há de acabar assassinando os seus,
Como Saturno a devorar seus filhos,
O matador sacrílego de Deus.

PYRUS CYDONIA

Ipsis ego cana legam tenere lenugine mala.

VIRGÍLIO

Áureo- glauca, ora a casca desta fruta
Se veste de sutil, ligeiro velo,
Ora aparece nítida e impoluta,
No brilho vegetal, cetíneo e belo.
Qual carne virgem, sua polpa enxuta,
Levemente tocada de amarelo,
A humana gula em ânsias a disputa;
Abre a cobiça o sávido marmelo.
Nem a fama dos pomos de Atalanta
Ou de maçã de Newton que, num tombo,
Criou lei nova, o nome lhe suplanta!
O que, entretanto, em épico ribombo,
Mais o enaltece e o traz em glória tanta
É a marmelada esplêndida Colombo.

Não é um simples cachorro o Menelik.
É um ser que raciocina, um ser que pensa,

Que detesta o que é mau, que ama o que é chique,
E que é dotado de uma sorte imensa!
Somente abana a cauda por debique
E trata com suprema indiferença
Certos amigos como o Rocha, - o Henrique,
Com quem vive em constante desavença.
Conhece toda a atual vida mundana
E o segredo de todos os amores
Desde a Tijuca até Copacabana.
Ele é um cão que não morde, meus senhores,
Mas quando mordem o Lebrão, a gana
Então lhe chega, e morde... os mordedores!

REQUERIMENTO ENGROSSATIVO MAS SINCERO - HINO À DENTADA

Lebrão! Tu sabes que a Confeitaria
Colombo é verdadeira sucursal
Da nossa muito douta Academia
Mas sem cheiro de empréstimo oficial.
Cerca- te sempre a grande simpatia
De todo o literato honesto e leal,
E tu te vais tornando dia a dia
O mecenas de todo esse pessoal.
Nisto mostras que és homem de talento,
Que não cuidas somente de pastéis
Nem de lucros tirar cento por cento.
Atende, pois, a um dos amigos fiéis,
Que está passando por um mau momento
E anda doido a cavar trinta mil- réis!...

Isto é um caso de estética mineira,
De que o Brasil, por certo, não se ufana.
Há um armário que, em cada prateleira,
Ostenta mimos de arte soberana.
Bronzes, cristais, em suma, a verdadeira
Ciência do gozo e da delícia humana.
Há o ouro burilado e a alma altaneira
De um vaso esguio em rara porcelana.
Tal vaso (do que os homens são capazes!)
Foi tirado do móvel por mandinga
Dos mil politicões e seus sequazes,
E, em vez dele, hoje ali, malposto, ginga,
Na cerâmica alvar dos goitacases,

Um moringue de réles tabatinga.

ESCULAPINHO

A porta da nomeada a muque arromba,
Pula a janela da celebridade,
Como o Quincas Barbeiro ou o Chico Bomba,
No subúrbio, ou no centro da cidade.
Nada aplaca o furor que a alma lhe invade
Ao sentir que, alto, o nome não ribomba,
Mas abafa, com manha e habilidade,
O uivar da fera no arrulhar da pomba.
Pônei quer ser quando a trotar se atira.
Mas, por muito que, a andar, ele se esgote
Todos sabem que ele é trêfego piquira.
Vence, entretanto, um puro-sangue ao trote,
Se o alazonado bigodinho vira,
Na forma de um anzol de pesca ao dote.

NÃO É CHORO, É CHORADEIRA

Nesta hora em que chora tudo
Em choro alto ou choro mudo,
Tudo em berreiro infernal,
O Laláo geme na pua
Vendo a bernarda na rua
Com mestre Aurelino Leal
Que vai armando a cafua
A bicha vendo estourar
Sem a saída encontrar
Na terra, no sol, na lua.

Chora o rico, chora o pobre
Mendigo ou cheio de cobre
Nobre, clérigo ou vilão.
Chora o Lauro a investidura
Que lhe deve dar postura
E Enéas, todo chorão
Vai gemendo a maldição:
"Este Lauro é um caradura!"
Assim, ganindo no choro,
Mil voltas ao corpo dá,

E a choradeira faz coro:
- "Pobres terras do Pará!"
Neste angu de frigideira
Nesta geral borracheira
Borracheira de chorar,
Os juízes na bebedeira
Andam em vil pagodeira
A justiça a avacalhar
Explorando a ladroeira.
- Vamos lá mestre Lalão:
De vez lhe meta o pau,
Nós cá estamos na bordoeira!
Nem o diabo já os atura
No desplante a caradura
De comer, beber, jogar.
Em tudo isto o que se apura
É que, quem sofre a tortura
De não ter com que passar,
Não deve fazer loucura
Que não traz o bem-estar.
Entre no choro a chorar:
"Choro com choro se cura."

Só não chora quem mergulha
Uma vez, duas ou dez,
Nesta versalhada pulha
A cabeça, o tronco, os pés.
Nestes negócios de choro,
O pessoal perde o decoro
Pondo a tristeza em frangalho;
Pois é tal a contradança
Que este grito os céus alcança:
- Viva a vida! Viva *O Malho*!
Se é o fastio que em ti medra,
Ou fome de comer pedra,
Não terás muito trabalho
Em achar remédio certo.
É entrares no céu aberto
Que há nas páginas d'*O Malho*!
Juiz a quem a honra abona
Ou juiz que vive na mona,
Na roleta ou no baralho,
Ricaços ou poetas boêmios,
Todos confiam nos prêmios

Que vai distribuir O Malho.

Arrisquemos um leve comentário
As decisões do Tribunal Supremo.
Não se compreende o seu critério vário
Quanto se trata de recurso extremo.
Ontem de um modo, hoje é o contrário
E a vítima só diz: "Eu todo tremo
Porém protesto contra o meu fadário.
Isto é justiça? Pois que a leve o demo!"
Nestes casos a vítima é o prefeito
Que em apuros agora se coloca
Pela nova feição que teve o feito.
Que o Doutor Passos fique, pois, à coca,
E espere firme que ainda vence o pleito
Sobre os prédios do Largo da Carioca.

Rio, 28-6-904

No calçamento que se está fazendo
Em a toda a rua de Gonçalves Dias,
E que o aspecto lhe dá de caos horrendo,
Apressaram-se as duas companhias.
A Gás e a City, o proverbial remendo
Fizeram, (em dois tempos, ou dois dias)
O Van-erven, porém, - homem tremendo!-
Só procura conflitos e arrelias!
Ele desmanchou. Ele demora tudo,
E toda a urgência do abastecimento,
D'água, ele diz que ainda é questão de estudo!
E estuda, sem perder um só momento,
Mas quanto mais estuda, mais a miúdo
Se lhe percebe a falta de talento.

Mais um trabalho do Bilac
E mais outro também do nosso Guima.
Aquele o poeta de maior destaque
E este, outro mestre emérito da rima.
Em novo livro vieram dar o baque
No Castilho que andava em grande estima
Com tal livro (que a crítica embasbaque!),
Até um novo é capaz de uma obra- prima!
Velhos e novos, pois, que sem demora
Comprem do Alves a esplêndida edição,

Desse novo que ao poeta a arte melhora,
Poeta! não basta ter imaginação!
A "Arte do Verso" ide buscar agora,
No Tratado de Versificação!

CONFLAGRAÇÃO EUROPÉIA

A Guerra dos Balcãs contra a Turquia

Que tombe enfim toda a selvageria
Que a Europa avilta e que o progresso entrava
E sobre a vil e bárbara Turquia
De fogo caia a vingadora fava!
Que os balcânicos povos, à porfia,
Ergam em cada heróica mão a clava,
Contra a rotina, o atraso, a barbaria
Do sangue em que a Otomânia hoje se lava!
Se a Bulgária rugindo, o povo exorta,
O Montenegro o pavilhão desfralda
Sobre os destroços da Sublime Porta!
Da Sérvia à Herzegovina o ardor escalda,
Porque esse povo forte e unido importa,
Manteiga do Brasil, marca Esmeralda!

Ass. CARMEM SILVA

Quem pelas chuvas não se molha e enloda,
Quem da vida possui toda a fortuna,
Tudo que ao *savoir-vivre* se acomoda
Num requinte, trabalho e formosura;
Quem na mais elevada e grande roda
Não quer representar triste figura,
Usa sempre um chapéu de última moda
E um guarda-sol de rara formosura.
E é por isso que a fina- flor mundana
Procura a novidade e a fantasia
Na casa que em chapéus é soberana.
E a nossa principal chapelaria
É a ideal "Chapelaria Americana":
Carvalho, Portugal e Companhia.
Velho é o conselho do *cherchez la femme*
Para tudo que existe neste mundo!
Verdade que resiste a todo o exame.
Conceito entre os profundos, mais profundo!
Quer o que a atos violentos nos inflame

E do homem calmo faça um iracundo;
Quer o que nos humilhe até o vexame,
E de um Deus faça um diabo num segundo,
Tudo há de vir dessa divina origem
Desse princípio em tudo dominante
Que nos leva de rastros à vertigem.
Pára que seja sempre triunfante
Os próprios deuses trêmulos transigem
E isso "A Saúde da Mulher" garante!

QUADRAS ENCOMENDADAS PELA CERVEJA BRAHMA

Escrito no dia 15 de dezembro

A José Bonifácio se insulava
Nessa ilha pitoresca, Paquetá!
Lugar que a água de coco dominava
E a Brahma- porter dominando está.

Escrito no dia 21 de fevereiro:
O pintor Victor Meireles,
Que faleceu nesta data,
Dizia que ao próprio
Zoeller já era a cerveja grata.

Escrito no dia 11 de abril

Nesta data morreu nosso Macedo,
Autor do Moço loiro e Moreninha.
Quando o releio penso assim em segredo:
Um chope loiro e um copo da Negrinha.

QUADRAS SOBRE CIGARROS "ODALISCA" E "EXCELSIOR"

Quando a tempestade aumenta
O raio no espaço risca
Esta sentença: "A tormenta"
Cede a um cigarro Odalisca.
Do alto céu demande o rumo
O aroma que o cigarro tem.
Porém o odoroso fumo
Do Excelsior vai muito além!

O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: iba@ibamendes.com

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes
São Paulo, 2014